



**Stricto
ensu**
Editora

COMUNICAÇÃO: PRÁTICAS E CONEXÕES CULTURAIS

ISBN: 978-65-86283-88-4

Organizadoras:

Débora Tavares

Katiuska Tereza Azambuja Salgado

Solange Fátima de Oliveira Cruz

2023

Débora Tavares
Kátiuska Tereza Azambuja Salgado
Solange Fátima de Oliveira Cruz
(Organizadoras)

Comunicação: Práticas e Conexões Culturais

Rio Branco, Acre

Stricto Sensu Editora

CNPJ: 32.249.055/001-26

Prefixos Editorial: ISBN: 80261 – 86283 / DOI: 10.35170

Editora Geral: Profa. Dra. Naila Fernanda Sbsczk Pereira Meneguetti

Editor Científico: Prof. Dr. Dionatas Ulises de Oliveira Meneguetti

Bibliotecária: Tábata Nunes Tavares Bonin – CRB 11/935

Capa: Elaborada por Led Camargo dos Santos (ledcamargo.s@gmail.com)

Avaliação: Foi realizada avaliação por pares, por pareceristas *ad hoc*

Revisão: Realizada pelos autores e organizadores

Conselho Editorial

Prof^ª. Dr^ª. Ageane Mota da Silva (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Acre)

Prof. Dr. Amilton José Freire de Queiroz (Universidade Federal do Acre)

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto (Universidade Federal de Goiás – UFG)

Prof. Dr. Edson da Silva (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri)

Prof^ª. Dr^ª. Denise Jovê Cesar (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina)

Prof. Dr. Francisco Carlos da Silva (Centro Universitário São Lucas)

Prof. Dr. Humberto Hissashi Takeda (Universidade Federal de Rondônia)

Prof. Msc. Herley da Luz Brasil (Juiz Federal – Acre)

Prof. Dr. Jader de Oliveira (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Araraquara)

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos (Universidade Federal do Piauí – UFPI)

Prof. Dr. Leandro José Ramos (Universidade Federal do Acre – UFAC)

Prof. Dr. Luís Eduardo Maggi (Universidade Federal do Acre – UFAC)

Prof. Msc. Marco Aurélio de Jesus (Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia)

Prof^ª. Dr^ª. Mariluce Paes de Souza (Universidade Federal de Rondônia)

Prof. Dr. Paulo Sérgio Bernarde (Universidade Federal do Acre)

Prof. Dr. Romeu Paulo Martins Silva (Universidade Federal de Goiás)

Prof. Dr. Renato Abreu Lima (Universidade Federal do Amazonas)

Prof. Dr. Rodrigo de Jesus Silva (Universidade Federal Rural da Amazônia)

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741

Comunicação : práticas e conexões culturais / Débora Tavares, Kátiuska Tereza Azambuja Salgado, Solange Fátima de Oliveira Cruz (org.). – Rio Branco : Stricto Sensu, 2023.

140 p. : il.

ISBN: 978-65-86283-88-4

DOI: 10.35170/ss.ed.9786586283884

1. Pesquisa. 2. Comunicação. 3. Cultura. I. Tavares, Débora. II. Salgado, Kátiuska Tereza Azambuja. III. Cruz, Solange Fátima de Oliveira. IV. Título.

CDD 22. ed. 302.2

Bibliotecária Responsável: Tábata Nunes Tavares Bonin / CRB 11-935

O conteúdo dos capítulos do presente livro, correções e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

É permitido o download deste livro e o compartilhamento do mesmo, desde que sejam atribuídos créditos aos autores e a editora, não sendo permitido à alteração em nenhuma forma ou utilizá-lo para fins comerciais.

www.sseditora.com.br

PREFÁCIO

Esta obra é resultado do trabalho coletivo dos estudantes pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCo, da Universidade Federal de Mato Grosso, com o apoio da coordenação do programa e desta instituição de ensino no fomento à pesquisa e compartilhamento do conhecimento.

Todo trabalho nasce a partir da disciplina Comunicação: Práticas e Conexões Culturais, que foi criada para que pudéssemos discutir e observar a comunicação como cultura e as diferentes manifestações culturais por meio da compreensão e construção de uma visão mais crítica da indústria cultural, dos meios de comunicação e do processo de consumo.

Os estudantes pesquisadores foram convidados a perceber os fenômenos comunicativos nas produções da mídia, nas instituições de mediação tradicional e nas práticas socioculturais, bem como a discutir as mudanças no papel do consumidor e suas manifestações culturais a partir dos autores sugeridos e compor suas percepções a partir de seus diferentes campos de pesquisa.

Com esta postura, os ensaios foram produzidos a partir do ponto em que se encontram com seus próprios objetos de estudos e os resultados. Assim, o leitor encontra nesta obra que reúne olhares diversos e ricos para discutirmos a comunicação, o consumo e a cultura de forma plural, como deve ser.

Profa. Dra. Débora Cristina Tavares

SUMÁRIO

COMUNICAÇÃO E MEDIAÇÕES CULTURAIS.....07

CAPÍTULO. 1.....08

OS IMPACTOS DO ANALFABETISMO DIGITAL NO ACESSO À JUSTIÇA: REFLEXÕES SOBRE O ATENDIMENTO VIRTUAL DA DEFENSORIA PÚBLICA DE MS NA PANDEMIA DA COVID-19

Carla Gavilan

CAPÍTULO. 2.....22

UMA BREVE REVISÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E CULTURA

João Ernesto Pelissari Candido

Cristovão Domingos de Almeida

CAPÍTULO. 3.....31

FAKE NEWS E INFODEMIA DE COVID-19: PERCORRENDO AS TEORIAS DE MASSA E INDÚSTRIA CULTURAL

Juliana Michaela Leite Vieira

Benedito Dielcio Moreira

CAPÍTULO. 4.....41

A CULTURA JOVEM E A NOSTALGIA: UMA QUESTÃO CULTURAL E GERACIONAL

Luiz Alberto Rodrigues Gonçalves

Letícia Xavier de Lemos Capanema

CAPÍTULO. 5.....55

AS JUVENTUDES, OS OUTROS E O DESAFIO PÓS-PANDEMIA: A PERIFERIA COMO ESPAÇO DE SOBREVIVÊNCIA

Marcela Cristiane Ribeiro Brito

Débora Cristina Tavares

CAPÍTULO. 6.....65

COMUNICAÇÃO E CULTURA: A VIDA E O TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Solange Fátima de Oliveira Cruz

Cristóvão Domingos de Almeida

Débora Cristina Tavares

EPISTEMES CONTEMPORÂNEAS.....82

CAPÍTULO. 7.....83

O FUTEBOL COMO IDENTIDADE CULTURAL E CULTURA DE MASSA NO BRASIL

Francioly Marcos Batista Siqueira

Francisco Xavier Freire Rodrigues

POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS.....94

CAPÍTULO. 8.....95

METAVERSOS URBANOS: CONECTIVIDADE JOVEM PARA LUGARES SÓLIDOS

Airton de Lacerda Nascimento

Maristela Carneiro

CAPÍTULO. 9.....106

O VIRTUAL, O REAL, E A ARTE NAS REDES

Flávia Leslie Fripp de Almeida

Bibiana Bragagnolo

CAPÍTULO. 10.....120

POÉTICAS POLÍTICAS DECOLONIAIS E ECOLOGIA MENTAL EM SPA ANCESTRAL

Katiuska Tereza Azambuja Salgado

Maristela Carneiro

AGRADECIMENTOS.....131

AUTORES.....132

ÍNDICE REMISSIVO138

COMUNICAÇÃO E MEDIAÇÕES CULTURAIS



OS IMPACTOS DO ANALFABETISMO DIGITAL NO ACESSO À JUSTIÇA: REFLEXÕES SOBRE O ATENDIMENTO VIRTUAL DA DEFENSORIA PÚBLICA DE MS NA PANDEMIA DA COVID-19

Carla Gavilan

Resumo: Esse artigo tem como proposta apresentar algumas reflexões sobre os impactos da desigualdade no consumo das novas tecnologias enfrentados por pessoas em situação de vulnerabilidade social no acesso ao sistema de justiça. O estudo é realizado a partir da dificuldade, popularmente conhecida como analfabetismo digital, registrada por assistidos da Defensoria Pública de Mato Grosso do Sul no uso de aparelhos e plataformas virtuais durante a pandemia da covid-19, faz uso de revisão bibliográfica sobre o consumo contemporâneo de comunicação e cultura, dados oficiais de atendimento e registros das redes sociais da instituição. O recorte dessa análise vai de março a dezembro de 2020, período que compreende o começo e o agravamento da crise sanitária em todo país.

Palavras-chave: Analfabetismo digital, Comunicação e Acesso à Justiça.

INTRODUÇÃO

Além de evidenciar inúmeros abismos sociais já conhecidos nos países latino-americanos, como o Brasil, a pandemia da covid-19 agravou ainda mais a desigualdade no acesso a direitos básicos, como saúde, educação, moradia e informação. Na área da educação, que é o substrato da reflexão aqui proposta, a problemática do analfabetismo funcional e os seus impactos não são novidade.

Conforme o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), estudo produzido pelo Instituto Paulo Montenegro em parceria com a ONG Ação Educativa e divulgado em 2018, 29% da população tem dificuldade na interpretação e desenvolvimento de textos e efetuar cálculos matemáticos simples no dia a dia.

Na realidade de aprendizado e consumo na forma, que podemos aqui chamar, tradicional, por meio de materiais impressos – livro, caderno, jornal – o analfabetismo funcional impede milhares de brasileiros de exercerem a sua cidadania, já que sem uma compreensão total de textos, gráficos e imagens essas pessoas ficam mais vulneráveis à desinformação. Com uma capacidade limitada de compreender, comunicar e interagir com o que consome de informação, essa expressiva parcela da

população também não consegue acessar plenamente seus direitos e deveres previstos na Constituição de 1988.

Quando observamos o campo do analfabetismo digital, fenômeno que caracteriza as sociedades de consumo, as barreiras promovidas pela desigualdade são ainda maiores e mais complexas.

Para aprofundarmos as reflexões, sugiro associarmos o analfabetismo digital a um produto do “reordenamento das diferenças e desigualdades”, proposto por Néstor Garcia Canclini na obra *Consumidores e Cidadãos* (2006), ao inferir que a globalização seja compreendida enquanto “um processo de fracionamento articulado do mundo e de recomposição de suas partes” (2006, p. 11), e não como “um simples processo de homogeneização”. Em outras palavras, seria pensarmos o analfabetismo digital como uma reorganização de um problema que já existia, que é o analfabetismo funcional, antes da intensificação da circulação e acesso aos novos aparelhos tecnológicos.

Essa discussão é trazida aqui para elucidar que, embora a imagem mais associada à expressão que popularmente usamos de “pessoa conectada” seja a de alguém utilizando um aparelho *smartphone*, importantes pesquisas têm mostrado nos últimos anos que ter um celular nem de longe é sinônimo de estar conectado, menos ainda informado.

O Brasil, conforme levantamento anual da Fundação Getúlio Vargas (FGV), atingiu em 2022 a marca de 242 milhões de celulares inteligentes em uso. Se comparado a população de, aproximadamente, 214 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE, no país há mais de um *smartphone* por pessoa. Contudo, nesse mesmo Brasil, há 33,9 milhões de pessoas desconectadas e outras 86,6 milhões não conseguem acesso à internet todos os dias, de acordo com o recente estudo divulgado pelo Instituto Locomotivas e a empresa PwC.

Tal cenário nos remete às contribuições de Manuel Castells (1999, p. 424), na obra *A sociedade em rede*, quando ao discutir a nova mídia e a diversificação da audiência enfatiza que “embora maciça em termos de números”, a nova mídia “já não é uma audiência de massa em termos de simultaneidade e uniformidade da mensagem recebida” (SABBAH, 1985, p. 27 apud CASTELLS, 1999, p. 424). Ao passo que, na sequência, o sociólogo espanhol complementa: “Embora os meios de comunicação realmente tenham se interconectado em todo o globo, e os programas e mensagens circulem na rede global, não estamos vivendo em uma aldeia global, mas em domicílios sob medida, globalmente produzidos e localmente distribuídos” (CASTELLS, 1999, p.426).

A obra, que tem a primeira edição em 1942, vem ao encontro do estudo *O abismo Digital no Brasil*, divulgado em 2022, quando este relata que 44,8 milhões de pessoas têm internet no Brasil, em média, 25 dias por mês, e outros 41,8 milhões de brasileiros conseguem acessar o serviço somente em 19 dias por mês, aproximadamente. A análise ressalta, ainda, que os dois grupos, chamados de

“desconectados” e “subconectados”, respectivamente, são formados principalmente por pessoas negras, que estão nas classes C, D e E, e que são menos escolarizadas.

Já os que acessam a internet 29 dias por mês, em média, somam 49,4 milhões de brasileiras e brasileiros. O grupo, denominado na pesquisa como "plenamente conectados", é formado majoritariamente por pessoas brancas, pertencentes às classes A e B, e são mais escolarizadas.

O levantamento evidencia que, por mais que o acesso aos aparelhos celulares, bem como tablets, notebooks e demais artefatos tecnológicos tenha aumentado em uma escala rápida, no Brasil a democratização efetiva do acesso à internet ainda é desigual. Sobre isso, Castells (1999) considerou o quanto “a televisão tornou-se mais comercializada do que nunca e cada vez mais oligopolista no âmbito global” e enfatizou os impactos dessa desigualdade na produção, distribuição e consumo das novas tecnologias.

[...] não deixa de ser importante quem teve acesso primeiro, e a quê, porque, ao contrário da televisão, os consumidores da Internet também são produtores, pois fornecem conteúdo e dão forma à teia. Assim, o momento de chegada tão desigual das sociedades à constelação da Internet terá consequências duradouras no futuro padrão da comunicação e da cultura mundiais (CASTELLS, 1999, p. 439).

O tema da desigualdade no acesso e consumo das novas tecnologias e os seus impactos na cultura, política, educação e toda sociedade ocupam grande espaço da produção latino-americana dos últimos anos de intelectuais expoentes, como Néstor Garcia Canclini, citado anteriormente e que retomo aqui agora com sua obra *Diferentes, Desiguais e Desconectados – Mapas da Interculturalidade* (2009). Ao examinar o sentido social da questão o que significa ser jovem, o autor discute o problema da falta de perspectiva da juventude economicamente subalterna dos países da América do Sul ao ser reduzida como trabalhadora do controverso mercado liberal – que a medida em que mais exige qualificação, menos oportunidades oferece – e consumidora de produtos e modelo de vida inacessíveis para o contexto social no qual estão inseridos.

Ao sabor desta frágil situação trabalhista, uma parte dos jovens poderá ter acesso à capacitação informática, aos saberes e entretenimentos avançados que circulam na internet, enquanto a maioria se limitará à televisão gratuita, aos discos e vídeos piratas. Segundos os dados da Pesquisa Nacional da Juventude, no México, 77% dos lares com jovens dispõem de televisão (sinal aberto), enquanto só 6% dispõem de internet. São evidentes as consequências desta desigualdade na formação de diferenças culturais e na participação em redes comunicacionais com níveis distintos de diversidade e interculturalidade, em várias línguas e em circuitos de muitos países. A enorme maioria dos jovens, como o resto da população, ficam limitados à televisão gratuita e as redes informacionais de bens e serviços (CANCLINI, 2009, p. 212).

Ao se apoderar da narrativa das práticas de comunicação e cultura na América Latina dispensando teorias hegemônicas que as retem a algo decadente e bárbaro, Jesús Martin-Barbero reposiciona o pensamento metodológico do conceito popular atribuído à cultura de massa, no livro *Dos meios às Mediações – comunicação, cultura e hegemonia* (2008), e sugere que seja pensado “o popular na cultura não como algo limitado ao que se relaciona com o seu passado – e um passado rural -, mas também e principalmente como algo ligado à modernidade, à mestiçagem e ao complexo urbano” (MARTIN-BARBERO, 2008, p.70).

Relacionamos a questão do analfabetismo digital às contribuições dos autores acima com a proposta de contextualizar a desigualdade no acesso à Justiça, que será aprofundada logo mais, também sob o aspecto da crítica cultural, por ser esta “capaz de propor uma análise que vá mais além das classes sociais, pois os verdadeiros problemas se situam agora nos *desníveis culturais* como indicadores da organização e circulação da nova riqueza, isto é, da variedade das experiências culturais” (MARTIN-BARBERO, 2008, p. 67).

A LINGUAGEM DA JUSTIÇA TRADUZIDA PELA CULTURA

Seja na comunicação escrita, oral ou no uso de expressões, a linguagem forense, língua utilizada por advogados e juristas, é um dos principais muros que mantem a distância entre o universo da Justiça, ao longo dos séculos, da população comum.

Habeas corpus, jurisprudência, mandado de segurança, primeira instância, recurso, agravo, embargos infringentes, dentre inúmeras outras palavras, gestos e manifestações tornaram o contato e o relacionamento não apenas dos cidadãos, mas de toda sociedade, e as instituições públicas do sistema de Justiça revestidos de uma hierarquia e subordinação tão exageradas que temos no Brasil, inclusive, um termo popular para isso, que é o “Juridiquês”. A expressão é geralmente utilizada de forma pejorativa e como recurso para ironizar o vocabulário jurídico que, com uma linguagem tão rebuscada e que faz uso constante do latim, compromete a compreensão de diversos serviços públicos oferecidos pelos Tribunais, Ministérios Públicos, Defensorias Públicas e o trabalho dos profissionais do Direito de modo geral.

Pesquisa recente realizada pela empresa Quaest, em junho deste ano, indica que 70% da população não sabe o que significa a sigla STF (Supremo Tribunal Federal). Além disso, 22% afirmaram nunca terem ouvido falar na Corte.

O problema é de conhecimento das autoridades das instituições e iniciativas de comunicação têm sido implementadas com a finalidade de amenizar esse distanciamento entre a Justiça e a

população, como as cartilhas, campanhas, cursos e divulgações da chamada Linguagem Simples, assim como a prática do *Legal Design*, que consiste em fazer uso de metodologias do design para ajudar a solucionar conflitos nos serviços jurídicos.

Apesar desse tímido e recente começo, é possível afirmarmos que as manifestações culturais são as ferramentas que mais têm conseguido aproximar a população do complexo da Justiça. Uma das mais famosas nos últimos dois anos, certamente, é a realizada pela cantora Anitta, em 2020, com a influencer, advogada criminalista e professora universitária, Gabriela Prioli. As artistas fizeram uma *live* que ficou conhecida como o “beabá” da política brasileira.

No formato de “tirar dúvida”, a cantora perguntava questões simples, como sobre o funcionamento dos Três Poderes – Legislativo, Executivo e Judiciário, e a empresária explicava de maneira didática, ao vivo e a milhares de internautas. O evento viralizou, foi amplamente noticiado e, com a repercussão, as artistas decidiram fazer outros encontros que virou uma websérie considerada pela comunidade de seguidores como um dos produtos de comunicação mais efetivos feitos para a educação política no país.

Há dois anos, os vídeos movimentaram todas as plataformas com centenas de milhares de visualizações e promoveram debates principalmente no *twitter*.



Figura 1. Prints realizados pela autora em 15/6/2022

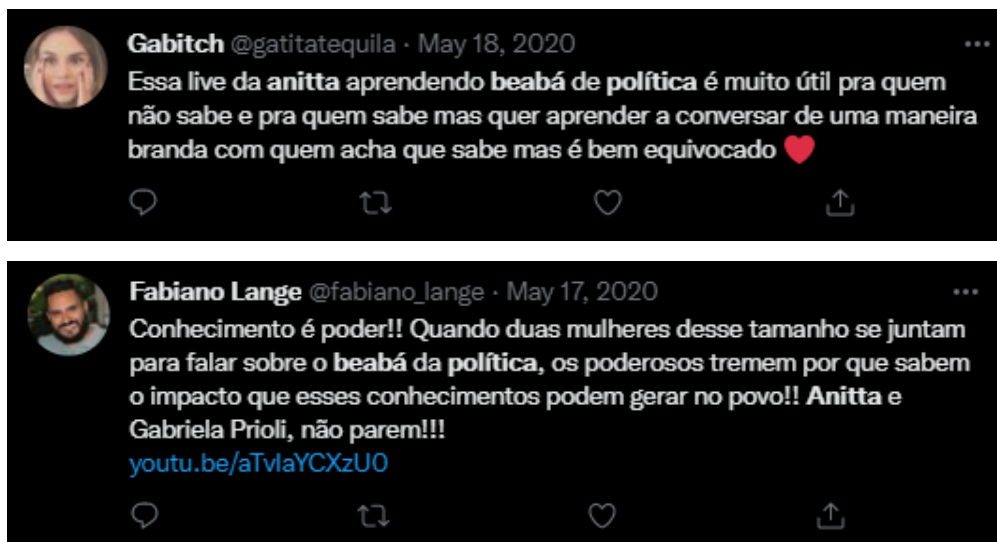


Figura 2. Prints realizados pela autora em 15/6/2022

A série chegou a ser comentada pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, e rebatido por Anitta durante uma das lives quando a empresária pontuou: "Fiz mais pela galera do que o senhor. E depois de aprender bastante, nunca votarei em político que faz piada de cidadão que não entende sobre política".

Além do sucesso registrado na internet, a ação fomentou a discussão por parte de jovens e adultos e marcou o início do ativismo político da cantora brasileira. Hoje os áudios estão também disponibilizados no Spotify, um serviço de streaming, em formato de Podcast.

Outro exemplo mais recente é a repercussão das redes sociais de mulheres que têm companheiros em situação de cárcere e que produzem conteúdo sobre visitas, espera, motivos por estar preso, dia a dia, comida, direitos, vida íntima e diversos outros assuntos. Essas mulheres foram tema de uma reportagem da Folha de São Paulo e acumulam milhares de seguidores, divididos entre os que seguem apenas por curiosidade, mas muitos por se identificarem com o perfil por também terem algum membro da família ou amigo preso.

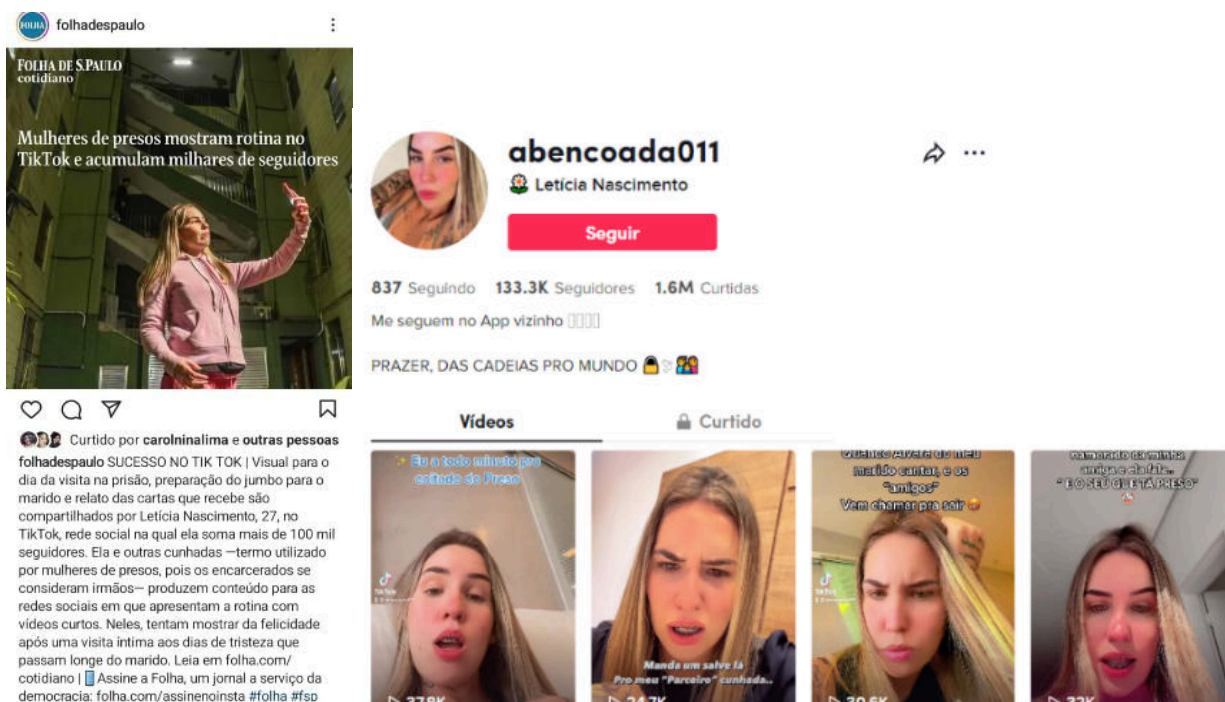


Figura 3. Prints realizados pela autora em 5/7/2022.

Cabe registrar, também, dois casos relacionados às mudanças no mercado de notícias que estão diretamente relacionadas às reações da população com o sistema de Justiça no Brasil, em especial quanto à operação Lava-Jato, que teve início no dia 17 de março de 2014. Classificada como “a maior investigação de desvio e lavagem de dinheiro público já realizada no Brasil”, a Lava-Jato teve um apelo midiático sem precedentes e desdobramentos que marcaram e ainda marcarão por muito tempo o rumo político, econômico, social e cultural do Brasil.

E é justamente a partir da Lava-Jato, com o STF sendo o centro das atenções em diversos momentos da operação, que observamos uma mudança no modelo de negócios de veículos tradicionais de comunicação, como a Rede Globo, que passou a dar maior visibilidade à jornalista Andréia Sadi, especialista em coberturas políticas que recebeu notoriedade, fama, espaço, popularidade e se tornou uma das maiores referências nacionais dos bastidores políticos.

Como inovação nessa área, citamos o Portal JOTA, outra referência do jornalismo brasileiro contemporâneo também fruto da Lava-Jato e que assim se apresenta no portal: “Nossa história começa em 2014, quando um grupo de jornalistas dos principais jornais e revistas do país, especializados na cobertura do Poder Judiciário, percebeu uma demanda crescente por informação confiável e profunda sobre o que de mais relevante acontecia no universo jurídico brasileiro”.

Do contexto nacional sobre cultura, jornalismo e sistema de Justiça, para o local, discutiremos a seguir a experiência do Departamento de Comunicação e Imprensa com a dificuldade de assistidas e assistidos no consumo da plataforma virtual lançada durante a pandemia da covid-19.

ESTUDO IN LOCO: A COMUNICAÇÃO DA DEFENSORIA PÚBLICA DE MS NA PANDEMIA

Segunda mais antiga do Brasil, a Defensoria Pública de Mato Grosso do Sul foi criada em 1º de julho de 1982, por meio da Lei nº 343 que organizou a Assistência Judiciária do Estado. Precursora da Defensoria Pública, o órgão passou a integrar o Sistema Estadual de Justiça com a missão de atender e representar em todas as instâncias os “juridicamente necessitados”, ou seja, todas as pessoas que não têm condições econômicas de pagar por um advogado.

A Defensoria Pública de MS possui 204 defensoras e defensores públicos nas 55 comarcas do Estado, atua prioritariamente na defesa, garantia e promoção dos direitos humanos e tem como principais canais de comunicação com a sociedade o portal institucional e as redes sociais Instagram e Facebook, todos sob responsabilidade do setor de comunicação e imprensa.

Atenta a esse histórico entrave de comunicação do sistema de justiça com a população, somado a diversos casos vivenciados na rotina de redação, com a chegada da pandemia do novo coronavírus o foco principal do setor foi dar ampla visibilidade aos novos formatos de atendimento, já que o cenário desde o início sinalizava o aumento ainda mais da vulnerabilidade do público principal da instituição, formado por pessoas pretas, indígenas, em situação de rua, de cárcere, moradoras de favelas, mulheres, crianças, idosos e integrantes do LGBTQIA+.

De imediato, com a suspensão dos atendimentos presenciais, no dia 17 de março em Campo Grande e no interior de Mato Grosso do Sul, foi disponibilizado o atendimento de forma remota para que a população não ficasse desassistida, para casos emergenciais via WhatsApp. Assim, a primeira estratégia foi a criação de cartazes impressos para todas as comarcas e prédios de atendimento do Estado e desenvolvimento de peças gráficas informativas para as redes sociais (FIG 1). Essa ação foi voltada especificamente para o público atendido e todos os materiais foram encaminhados às redações de comunicação com a proposta de informar a maior quantidade possível da população do estado.



Figura 4. Arte informativa sobre atendimento para redes sociais.
Fonte: Departamento de Comunicação da DPEMS (abril, 2020).

Ficou estabelecido, também, de imediato a rotina de transparência com o novo modelo adotado, dando publicidade de 15 em 15 dias à quantidade de atendimentos e áreas por meio de peças gráficas publicadas nas redes sociais.

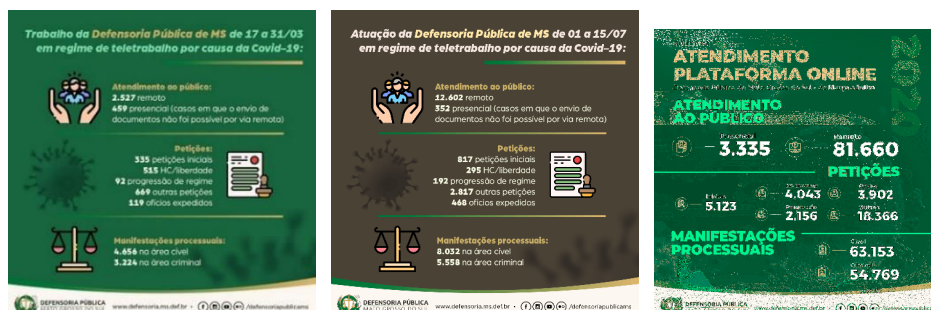


Figura 5. Artes informativas sobre quantidade de atendimento publicadas nas redes sociais. Fonte: Instagram da DPE-MS/Departamento de Comunicação (abril, 2020).

Paralelo aos atendimentos via telefone e WhatsApp, a Defensoria Pública desenvolvia a plataforma de atendimento online, que foi lançada no dia 4 de maio de 2020. A nova ferramenta foi elaborada para oferecer atendimento online durante todos os dias e horários da semana, feito da própria casa do usuário, via celular ou computador e com toda segurança contra a covid-19 por não precisar se locomover até uma unidade presencial.

A ferramenta teve expressiva aceitação entre os assistidos que passaram a acessá-la para receber orientação, consultas processuais e resolução de questões de maneira extrajudicial. Contudo, começam aqui também os milhares de registros de pessoas que começaram a buscar as redes sociais da instituição para pedir ajuda com esse novo modelo de atendimento.

As notificações eram diárias e o setor chegou a registrar, aproximadamente, 60 atendimentos por dia nas janelas *inbox* das redes sociais. As principais ocorrências estavam relacionadas ao fato dos usuários não conseguirem acessar a plataforma, devido ao limitado pacote de dados que essas pessoas utilizavam e, ainda, por terem dificuldades em não conseguir preencher o cadastro de atendimento.

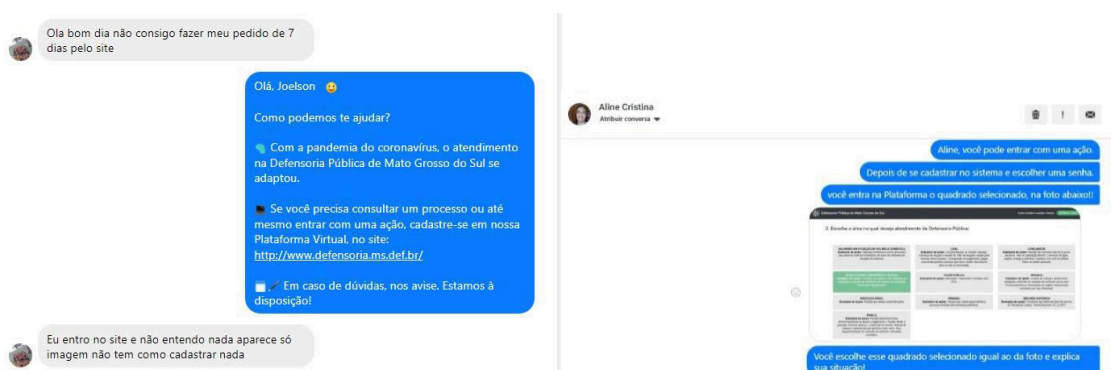


Figura 6. Prints realizados pela autora em 3/3/2021.

Essa constatação nos faz retomar às pesquisas voltadas ao consumo de tecnologia que abordamos na introdução desse estudo, mas aqui com informações regionalizadas que nos permitem conferir que Mato Grosso do Sul segue a tendência nacional com o registro mais aparelhos celulares que pessoas. Com uma população de quase 3 milhões de habitantes, de acordo com dados do IBGE, conforme estatística da Teleco (Inteligência em Telecomunicações), que extrai informações da Anatel, o número de celulares em todo o Estado é 3.051.111.

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) divulgou, em 2021, que MS tem pelo menos 7% de sua população total sem nenhum tipo de acesso à internet. O levantamento foi feito entre 6 de outubro e 10 de dezembro de 2020, já durante a pandemia.

Com a grande quantidade de demandas que chegavam diariamente nas redes sociais notou-se a necessidade de produção de um roteiro de comunicação que contemplasse as ações necessárias para auxiliar a população assistida a conseguir o atendimento. Um exemplo foi o [vídeo tutorial/passos a passo da plataforma](#), produzido com a finalidade de instruir o usuário sem a necessidade de uma tutoria “em tempo real”. Esse produto teve a preocupação de traçar possíveis caminhos para que o acesso fosse intuitivo a qualquer pessoa.

O conhecimento desses parâmetros foi norteador para a elaboração das publicações direcionadas à instrução de uso da plataforma na área da família. O conteúdo foi selecionado a partir dos assuntos mais questionados pelos usuários nas mídias sociais da instituição, sendo eles: divórcio, guarda compartilhada, exame de DNA e pensão alimentícia.

Com o mapeamento desses temas, o departamento elaborou questões a serem respondidas de maneira objetiva, mas que agora seguissem como um roteiro claro de ação ao público. As campanhas sempre visaram a independência do assistido e, para isso, era necessário um modelo de fácil transmissão nos canais oficiais da Defensoria Pública de MS e entre o próprio público.

De setembro a outubro de 2020, as criações passaram a ser disponibilizadas nas redes sociais. Houve, ainda, maior atenção para produções de vídeo com orientações importantes a respeito da documentação necessária solicitada na plataforma de atendimento.

OS DIREITOS HUMANOS COMO VALORES-NOTÍCIA

Outra estratégia de comunicação foi o relacionamento com a imprensa com a proposta de divulgar a forma de acesso à plataforma na maior quantidade possível de veículos de comunicação de

massa. Além disso, as redações continuaram recebendo informações a respeito das ações voltadas ao enfrentamento da pandemia realizadas pelos núcleos temáticos da Defensoria Pública de saúde, pessoas com deficiência, idosos, consumidor, direitos humanos, povos indígenas, da mulher, da criança e adolescente e núcleo do Sistema Penitenciário.

As informações a respeito da atuação dos defensores e defensoras públicas, principalmente dos núcleos que realizam atuações em prol de um coletivo, foram concentradas para serem avaliadas e tratadas a partir dos critérios de noticiabilidade.

É ressaltado que o conceito de noticiabilidade aqui utilizado faz referência ao trazido pelas correntes teórico-metodológicas das escolas europeias, que têm como referência os pesquisadores Mauro Wolf (2003), sociólogo italiano; e Nelson Traquina (2008), jornalista português.

A melhor definição para as reflexões desse artigo é a de Traquina, para quem a noticiabilidade é o “conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia” (2008: 63).

Sobre a etapa de avaliar as informações da instituição para organizá-las de forma estratégica antes de enviar à imprensa, nos valem das contribuições de Wolf, ao explicar que os “valores-notícia são critérios de relevância difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente” (WOLF, 2003).

O segundo momento do planejamento, em que a equipe conseguia agregar valor a algum fato - a partir da linguagem do texto, da fala do defensor ou defensora pública, do destaque aos números coletados, dentre outras estratégias de produção de texto e abordagem aos veículos – encontramos respaldo, ainda, nos estudos de Wolf (2003), ao associar noticiabilidade ao resultado de uma cultura profissional.

[...] o produto informativo parece ser resultado de uma série de negociações, orientadas pragmaticamente, que têm por objeto o que deve ser inserido e de que modo deve ser inserido no jornal, no noticiário ou no telejornal. Essas negociações são realizadas pelos jornalistas em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez, e ocorrem em momentos diversos do processo de produção. (2003, p. 200).

Crerios, estes, definidos por Traquina (2008) como “valores de seleção”, identificados como interessantes e dignos de visibilidade pelos próprios jornalistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura que se faz dessa experiência relatada é que, com um público atendido heterogêneo, característico de uma sociedade marcada por expressivos níveis de desigualdade social, há registros de assistidos analfabetos até aqueles com curso superior completo, mas desempregados ou com baixa remuneração. Realidade que se reflete no acesso e compreensão à tecnologia.

Inúmeros são os usuários que não têm ou não sabem usar um smartphone, e muitos procuram por atendimento demonstrando estarem inseridos no universo tecnológico desde a infância. Assim, a proposta da ferramenta é disponibilizar meios de atendimento remoto para quem já é consumidor dessa via.

Além de exaltar o trabalho das áreas responsáveis por esses processos e esforço em atender de forma célere as necessidades da instituição, faço esse breve esclarecimento sobre a parte tecnológica para demonstrar que, do mesmo modo que implantar novas tecnologias de atendimento foi imprescindível para o manter os serviços da Defensoria Pública de MS disponibilizados à população, traduzir toda essa mudança para a comunicação de massa também foi e tem sido fundamental.

Com o departamento de comunicação instalado e apto a trabalhar a partir de planejamento, mais a integração com as áreas estratégicas foi uma oportunidade promissora para inserir as pautas da Defensoria Pública de MS na agenda do jornalismo diário como uma das principais fontes oficiais de informação sobre a garantia e defesa dos direitos humanos durante a pandemia da covid-19.

Essa aposta dos profissionais da comunicação da instituição foi realizada por compreenderem que os valores-notícia não são definitivos e estáticos em uma sociedade, mas mutáveis, passíveis de mudanças, “de uma época histórica para outra, com sensibilidades diversas de uma localidade para outra, com destaques diversos de uma empresa jornalística para outra, tendo em conta as políticas editoriais”, como descreve Nelson Traquina (2008: 95).

Ao conseguir promover a Defensoria Pública, a assessoria de imprensa promove diretamente necessidades, reivindicações e aspirações de grupos minoritários. Assunto explorado por Thompson.

[...] O desenvolvimento dos movimentos sociais fornece amplo testemunho de que as reivindicações de grupos até então subordinados ou marginalizados só se conquistam através de lutas pela visibilidade na mídia. (1995, p. 124).

Conforme o autor, a disputa pelos espaços de comunicação é uma característica central das sociedades contemporâneas, já que nas sociedades anteriores ter visibilidade tinha critérios mais complexos por ser limitada ao que era compartilhado *face-to-face*, em ambientes físicos em comum. Não tinha, segundo o pesquisador outro meio de “se fazer ouvir, senão através de palavras ou ações,

proferidas ou representadas diante dos outros com quem se interagia em contextos de co-presença” (1995, p. 214).

Essas avaliações nos permitem refletir sobre a importância da atuação Defensoria Pública de MS, e de todos os demais Estados do Brasil e do Distrito Federal, na luta para que os serviços oferecidos sejam alcançados pela população durante um período tão difícil, desafiador e histórico a toda a humanidade, mas em especial aos que já eram vulneráveis antes da pandemia e estão, hoje, em uma situação ainda mais marginalizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARREGUY, Juliana. Pesquisa indica que 70% da população não sabe o que significa STF. Portal Uol. Política. Últimas Notícias. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/31/pesquisa-quaest-stf.htm?utm_source=meio&utm_medium=email&cmpid=copiaecola Julho, 31/2022. Acesso em: 2/08/2022

BARBERO, Jesús Martin. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

BID – Banco interamericano de Desenvolvimento: <https://www.iadb.org/pt>
Brasil tem mais smartphones que habitantes, aponta FGV. CNN Brasil. CNN Business. Maio, 26/2022. Disponível: [encurtador.com.br/ptCFM](https://www.cnnbrasil.com.br/pt/cfm). Acesso em: 4/6/2022.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução de Mauricio Santana Dias. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

_____. **Diferentes, Desiguais e Desconectados – Mapa da Interculturalidade**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CARVALHO, Carla Gavilan. **Defensoria Pública de MS: há 39 anos à frente do seu tempo**. Reportagem especial. Revista da Defensoria Pública de MS. Edição impressa. Campo Grande: Defensoria Pública de MS, 2021.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. Vol. 1. Tradução de Roneide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

INSTAGRAM. Institucional da Defensoria Pública de MS. Janeiro, 21/2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CJ8qMF1lvTs/?hl=pt-br>.

LOURENÇO, Tainá. Escolas brasileiras ainda formam analfabetos funcionais. Jornal da SP. Atualidades. Novembro, 13/2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=370207> . Acesso em: 3/07/2022.

MENON, Isabella. TikTok: mulheres de presos mostram rotina e viralizam. Folha de São Paulo. Cotidiano. Maio, 21/2022. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/mulheres-de-presos-mostram-rotina-no-tiktok-e-acumulam-milhares-de-seguidores.shtml>>.

Portal JOTA. Disponível em: <<https://www.jota.info/quem-somos>>.

PRIOLI, Gabriela. Política para Todos – com Anitta. Youtube Julho, 06/2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLxi4eD22NCbzH86Q5nhHx6HvA9xCNFV18>>. Acesso em: 10/07/2022.

PWC BRASIL. O abismo digital no Brasil. Pwc Brasil. Estudos. Março, 22/2022. Disponível em: <<https://www.pwc.com.br/pt/estudos/preocupacoes-ceos/mais-temas/2022/o-abismo-digital-no-brasil.html>> Acesso em 14/05/2022>.

SPOTIFY. PodCast Central Anitta. Maio, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4Yg4gAJ8AAdsOsvXvQ4DYd> Acesso em: 1/08/2022.

TELECO. Inteligência em Comunicações. Disponível em: <<https://www.teleco.com.br/uf.asp>>.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

UMA BREVE REVISÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E CULTURA

João Ernesto Pelissari Candido
Cristovão Domingos de Almeida

Resumo: Este trabalho parte como uma entrada ao mundo da comunicação e da cultura, podendo ser inferido como uma primeira aproximação. Ademais, traz em seu teor alguns autores que foram trabalhados nas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea. O objetivo é construído a partir da análise da aproximação entre alguns elementos de comunicação e cultura e que, por meio deles, passam por questões socioculturais, de desenvolvimento econômico e transformações na América Latina, entre os referenciais teóricos. Esses aspectos estão em constantes mudanças contemporâneas, mas também aparecem como uma introdução a esse tema para o pesquisador.

Palavras-chave: Mediações Culturais, América Latina e Consumo.

INTRODUÇÃO

As definições de comunicação e cultura são amplamente discutidas por diversos olhares dentro do campo dos estudos culturais. Tal discussão se faz necessária para termos definidos as formas de mediação de nosso cotidiano, e que abraça nossa sociedade, entendendo o funcionamento de mecanismos relacionados à forma de desenvolvimento de cada sociedade.

Quando pensamos em América Latina, faz-se necessário pensar os formatos de desenvolvimento, principalmente por sermos países colonizados e que, durante esse processo, tivemos interferência direta de um modelo a ser seguido. Problematizar essa questão é pensar de qual maneira os meios de comunicação influenciam nas questões culturais dos países latinos.

A metodologia adotada é a revisão de literatura, vale ressaltar que foram abordados apenas alguns elementos, haja visto que se trata de uma entrada como pesquisador nesses temas. A escolha se deu a partir de textos de algumas disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea.

Os conceitos aqui explanados são os estudos em comunicação realizados por Jesus Martín-Barbeiro e Nilda Jacks. Além disso, é estabelecida a relação com a cultura, junto a alguns autores como Jean Caune, Hebert Blumer, Theodor W. Adorno, Manuel Castells e Néstor García Canclini.

ALGUNS ASPECTOS INICIAIS SOBRE COMUNICAÇÃO EM JESUS MARTÍN-BARBEIRO

Os estudos em comunicação são importantes para compreendermos o percurso histórico de transformações sociais nas mais distintas sociedades no decorrer do tempo. Pensando sobre esse desenvolvimento, Jesús Martín-Barbeiro (1997) escreve os processos desta comunicação por meio das mediações. Entretanto, esse termo possui distintas ressignificações em sua obra.

Martín-Barbeiro – em seu livro “Dos Meios às Mediações” – traz as transformações entre o sujeito e povo, tratando-se de (1997, p.34) “noção política do povo como instância legitimamente do governo civil, como gerador da nova soberania”. Nesse sentido, a transformação do sujeito faz com que se tenha outra configuração social. (p.34) “De modo que o povo é fundador da democracia” e, com o passar da história, temos a formação de distintas sociedades, em que cada uma tem suas regras, normas, ritos, que se transformam em padrões sociais.

Diante dessas transformações de povo como sujeito, Martín-Barbeiro (1997, 37) coloca a influência dos românticos e dos ilustrados, levando em consideração questões econômicas já divididas por classes, evidenciando o papel da burguesia na forma de suas comunicações com o povo. Com o romantismo, há o primeiro imaginário de status cultural pelo povo, esse contato é visto por Martín-Barbeiro (p.37) como “necessidade então de aceitar a existência de uma pluralidade de culturas, isto é, de diferentes modos de configuração da vida social”, há esta mudança na ideia de cultura fugindo da hegemonia.

O autor também aborda elementos da configuração da América Latina, conforme a história de nossa colonização, “processos de democratização na América Latina e a necessidade então de ‘uma aprendizagem na dimensão da estruturação simbólica do mundo, assegurando a intersubjetividade das diversas experiências possíveis’” (1997, p. 38). Podemos pensar diante dessa asserção como os românticos pensaram em elementos simbólicos para uma ideia sociopolítica, repensando a existência de “mundos” dentro de um determinado território.

Kay (2005) elenca três enfoques principais na América Latina: o estruturalismo, dependência e o neo-estruturalismo; por outro lado, na Europa, o enfoque é modernização e neoliberalismo. Consoante ao que é analisado no estudo, é possível observar o contexto histórico para que na América Latina se desenvolva os princípios de dependência e colonialismo, todo esse contexto é manifestado a partir dos conceitos colocados sob as condições da modernização a partir da Revolução Industrial.

Os modelos estruturais trabalhados por Long (2007) discute sobretudo os paradigmas e debilidades, nos quais nesses aspectos são expostas posições ideológicas: a da teoria da modernização e a teoria marxista e neo-marxista. Dessa forma, são determinados seus fatores históricos que

perpassam a construção social e as identidades destacadas pelos atores, cada conceito determina o modelo econômico e social ligado às estruturas mercantis. Esse fato determina o modelo de desenvolvimento a ser seguido pelas sociedades. A modernização e os novos tempos, de acordo com Long (2007) discute as novas e velhas formas de produção, consumo, e identidade, as quais fazem parte de um modelo heterogêneo de trocas e culturas. A construção de um modelo de desenvolvimento, dessa forma, passa por diferentes níveis de diversidades sobretudo político e social, a estrutura formada por eles determina como os atores atuam nas redes de instituições.

Martín-Barbeiro traz no sentido de povo e classe as transformações no século XIX do anarquismo ao marxismo. Uma relação de politização em que há a configuração da sociedade de classes, uma (p.42) “historização dessa relação enquanto processo de opressão das classes populares pela aristocracia e pela burguesia”. E, assim, a noção de popular vem com base na origem social, diante da opressão no cotidiano do povo. Tendo em evidência esse contexto, alguns pesquisadores latinos também desenvolvem suas teorias.

No artigo “Comunicação e Cultura: algumas relações complexas de 1992”, Martín-Barbeiro, aponta algumas questões relevantes quanto às políticas culturais. Entendendo que a política permeia campos que regulam as concepções entre cultura e massas, por meio da comunicação e transmissão de informações. Nesse sentido (p.21) “a identificação do problema político dos meios com o espaço da informação” que produz um efeito de legitimação política e exclusão cultural. Mediante esses apontamentos, observasse que a América Latina passa por esse espaço de poder, com os projetos neoconservador relacionados diretamente pelas políticas econômicas deste espaço após crises, o que marca a reorganização do campo cultural (Martín-Barbeiro 1990).

Sendo assim, o autor nos leva a pensarmos sobre o modelo de desenvolvimento econômico adotado, refletindo a partir das políticas sociais, “mais do que meios de comunicação se faz hoje questão de mediações, isto é, de cultura e, portanto, necessita não só de conhecimento, mas também, de reconhecimento” (1990, p.22). E, por meio desse modelo, já também a ideia de um projeto modernizador, pela reconstrução do sentido do nacional e do local (Martín-Barbeiro 1990).

As transformações estão em torno de meios que Martín-Barbeiro se dedicou na discussão sobre as mediações em torno das relações das institucionalidades e da tecnicidade. As pesquisadoras Nilda Jacks e Daniela Schimitz (2018) destacam esses meios em Martín-Barbeiro, e colocam alguns aspectos dessa teoria) “os meios ganham o papel de agente cultural, sem ter sido desconsiderado seu caráter comercial ou estatal” (2018 p. 116). Então, há uma articulação entre cultura e comunicação.

Martín-Barbeiro mostra o meio de suas análises dos meios, mostrar a relação entre cultura e comunicação na América Latina, e mostra junto a outros autores, como Nilda Jacks, a importância de dar voz aos receptores. Essa forma de trabalhar com mediações culturais da comunicação abriu uma

perspectiva de estudos das audiências, transformando a maneira com que os pesquisadores observam o cotidiano social de seus objetos de estudos (JACKS; SCHMITZ 2019, p. 118).

Quanto aos meios, são tratados como agentes fundamentais na formação das culturas nacionais, e sua história é contada não apenas a partir das estruturas econômicas ou do conteúdo ideológico, mas através da análise das mediações que os materializaram institucionalmente e lhes emprestam espessura cultural. Longe disso, só é possível vê-los como responsáveis pelas mudanças sociais ou reduzidos a meros instrumentos passivos nas mãos de uma classe com suposta autonomia para impô-los. As mediações políticas e culturais, portanto, são matéria básica para entender a história dos meios de comunicação na América Latina (JACKS; SCHMITZ 2019 p. 118).

Podemos notar por meio dessa teoria que as transformações na América Latina têm alguns elementos importantes para pensar as formações dos territórios, já que possuímos uma história de colonização que abraça elementos de um desenvolvimento idealizado pelos países desenvolvidos, em que podemos notar pelos meios de comunicação que esses traços vivem em nossa cultura até hoje. É preciso problematizar questões cotidianas de nossa cultura para verificar esses aspectos de nossa colonização (JACKS; SCHMITZ, 2019).

ALGUNS ELEMENTOS ENTRE COMUNICAÇÃO E CULTURA

O autor Jean Caune, em seu artigo “As relações entre cultura e comunicação: núcleo epistêmico e forma simbólica” (2014), traz elementos para pensarmos a respeito dos conceitos de cultura e de comunicação ligadas à inovação e à experimentação social, às indústrias culturais e à transmissão e apropriação do patrimônio. A relação entre eles resulta em (p. 33) “influências e mediações consideradas como modalidades de transmissão entre o passado e o presente, entre os espaços públicos e vida privada” (CAUNE, 2014).

Caune (2014) aponta que há duas perspectivas para a formação discursiva, e apresenta o “estado da arte” das contribuições teóricas, com a literatura francesa, e também com base em Martín-Barbeiro na América Latina. A partir disso, verifica-se a aposta nas formações discursivas de Michael Foucault (1969), com os discursos eruditos sobre cultura e comunicação que se cruzam, se imbricam e se hibridizam (CAUNE, 2014).

Para Caune (2014), a inovação da técnica está associada à evolução tecnológica, junto às formas de comunicação. (p.35) “A inovação é fruto do encontro entre uma técnica, uma organização e um quadro cultural dentro do qual ela se desenvolve” e, dessa forma, a técnica inclui as relações sociais, que são constituídas através de mediações das técnicas.

Caune (2014) expõe estudos de Martin-Barbero citando alguns pontos sobre as indústrias culturais. O primeiro ponto é que ele se recusa a examinar a cultura em sua simples dimensão de enunciado, e a situa como um momento da construção do sujeito individual e coletivo. O segundo ponto denota, para ele, que a cultura requer ser avaliada em função de sua recepção, das apropriações e dos desvios que ela ocasiona. Sendo assim, mostra-se uma preocupação com a questão da conservação do patrimônio a sua exposição (CAUNE, 2014).

Dentro desse contexto, Caune (2014) expõe uma distinção entre cultura e informação, e que estas podem ser dadas pela forma de apresentação museológica de obras do passado. O autor coloca ainda que é preciso uma articulação entre os dois (p.37) “a fim de examinar como as noções de cultura e comunicação se entrecruzam e estabelecem seus contornos dentro do campo das ciências sociais e humanas”.

O fenômeno cultural deve ser compreendido por meio da justaposição das condições sociais que o determinam e dos processos simbólicos que conferem uma significação para um grupo. A cultura só existe como “fato social total”, devido à sua manifestação como expressão de uma experiência individual na qual se combinam o psiquismo e a corporeidade, os signos e os comportamentos, os valores e as normas (CAUNE, 2014. p. 38).

Vivenciamos com a globalização diversas formas de trocas culturais e que estão inclusas em técnicas de comunicação, as quais são ocupadas e dominadas pelo homem. Essas temáticas são comuns à cultura e à comunicação que fazem parte de objetivos políticos.

Podemos pensar nas relações entre cultura e comunicação com o pensamento sobre a massa, o público e a opinião pública em que Hebert Blumer (1978), cuja massa é apresentada como um grupo de indivíduos espontâneo, e que tem comportamentos em conjunto. (p.178) “A massa possui uma organização frágil e não é capaz de agir de forma integrada e com a unidade que caracteriza a multidão”, o autor aborda que há três características nesse comportamento: o primeiro é que ele se forma por indivíduos distintos, com profissões, classes, categorias diferentes; o segundo, pelo fato de ser um grupo anônimo; e o terceiro, pela pouca interação ou troca de experiências (BLUMER, 1978).

Blumer (1978) disserta que a massa não possui organização social, costumes, tradições, entre outros elementos, mas que ela é constituída por indivíduos separados e que, mesmo assim, forma um grupo homogêneo. E, por não ter regras, é espontâneo, inato e elementar. O autor evidencia essas características pensando a questão de como ela se comporta, e (p.179) “a resposta é dada pela busca de cada indivíduo que procura responder às suas próprias necessidades”. São, então, ações individuais que não foram combinadas, formando uma confluência.

Quando trazemos esses elementos para a atualidade, podemos notar que o desenvolvimento econômico desenha por meio da massificação de certas configurações no comportamento. BLUMER

(1978) aponta alguns elementos atuais para pensar essas influências como: migrações, mudanças, jornais, filmes, rádio, educação, são questões que estão no cotidiano das populações que ajustam suas escolhas. O comportamento de massa também é importante quando pensamos a configuração da América Latina atual, pois entender as motivações e objetivos desta massa nos leva a ver o modelo de desenvolvimento dessas sociedades que passaram por processos de colonização.

Outro termo é o do público que Blumer (1978) afirma que é uma definição para designar um grupo de pessoas, que estão envolvidas em uma questão, que podem ter opiniões diferentes, mas que discutem a respeito. É um grupo natural e não preestabelecido, que não precisa assumir forma ou organização, na qual as pessoas assumem status – papéis fixos. (p.182) “A peculiaridade do público reside no desacordo e na discussão quanto ao que se deve fazer”, essas relações de conflitos ocorrem na base da interpretação da questão, ele enfrenta dilemas de como agir (BLUMER, 1978).

Quando falamos de massa, pensamos também nas questões da indústria cultural, em que Theodor W. Adorno (1971) aborda o sistema de consumidores, por meio da arte, e a transformação do sujeito em consumidor, a qual é objeto da indústria. Dentro desse aspecto, é notável a questão do desenvolvimento econômico, que transforma elementos culturais em mercadorias, produtos e mercado. O capital está envolto ao sistema de produção que, por sua vez, produz um estilo de vida que visa o lucro pelas suas técnicas de produção.

Adorno (1971) também aponta que a indústria cultural forma uma consciência entre seus consumidores, o que podemos notar é a dominação dos interesses ligados aos monopólios, com a divulgação de informações e conselhos na forma com que é passada a seus consumidores. Dessa forma, o autor aborda a ideologia dada sobre a difusão de normas pela ordem vigente, que causam certo conformismo, e não é confrontada (ADORNO, 1971).

Nessa relação, Martín-Barbeiro (1971) tem uma crítica a Adorno quanto a essa indústria cultural, em seu capítulo “Nem povo nem classe: a sociedade de massas”, aborda como uma descoberta política da multidão e também com uma psicologia das multidões. Fato que o conceito de massa é construído de forma histórica a partir da revolução francesa.

Essas configurações entre cultura e comunicação também são abordadas por Manuel Castells (1999), trazendo elementos atuais pensando a forma com que é dada às transformações nos meios de comunicação. De acordo com Castells (1999), a primeira configuração é pelos meios de comunicação de massa que tem interação na cultura e nos comportamentos sociais, a segunda é com as transformações na década de 1980 e 1990 com a formação de um sistema multimídia, e a terceira com os novos tivemos de comunidades virtuais. O que o autor coloca como a cultura da virtualidade real, pelas influências desse novo sistema, que gera impactos nos interesses sociais, políticas governamentais e estratégias de negócios (CASTELLS, 1999).

As contribuições latino-americanas sobre cultura e comunicação passam por um importante autor, Néstor García Canclini (2005), que descreve importantes contextos sobre os estudos culturais latinos. O autor coloca algumas disciplinas que trabalham definições de cultura, dentre elas, a antropologia, que possui um trabalho de campo para compreender os processos sociais a partir de diferentes contextos. Uma de suas linhas de pensamento é (p.37) “apresentar-se no uso cotidiano a palavra cultura, quando se faz com que se assemelhe a educação, ilustração, refinanciamento, informação ampla”, nesse sentido, cultura é o acúmulo de conhecimentos e aptidões (CANCLINI, 2005).

Não sabemos por que ou de que modo a cultura pode abarcar todas as instâncias de uma formação social, ou seja, os modelos de organização econômica, as formas de exercer o poder, as práticas religiosas, artísticas e outras. É preciso perguntar se a cultura, assim definida, não seria uma espécie de sinônimo idealista do conceito de formação social (CANCLINI, 2005, p. 38).

Definir cultura passa-se por muitas questões interdisciplinares e, nesse campo, devemos tomar cuidado para não generalizar questões etnocêntricas, e buscar por um relativismo cultural como Canclini define (p.39) “admitir que cada cultura tem o direito de dotar-se das suas próprias formas de organização e estilos de vida, mesmo quando incluem aspectos que podem ser surpreendentes”. Verificar, assim, certas hierarquias formadas pelo desenvolvimento econômico que transformam aspectos culturais em produtos.

O autor trabalha o desenvolvimento do consumo, que é um reflexo da maneira com que a sociedade se organizou aos longos de sua história, e coloca da seguinte forma “a sociedade é concebida como o conjunto de estruturas mais ou menos objetivas que organizam a distribuição dos meios de produção e do poder entre os indivíduos e os grupos sociais”. Essa organização tem certas estruturas e práticas que devem ser analisadas por uma visão pragmática, como: o poder e a administração da economia (CANCLINI, 2005, p.39).

Canclini (2005 p. 41) “a cultura não é apenas um conjunto de obras de arte ou de livros e muito menos uma soma de objetos materiais carregados de signos e símbolos”, o autor aborda que é uma soma de processos sociais, que não se apresenta sempre da mesma forma. Mostrando a importância de estudos de percepções e apropriação de bens, de como um mesmo objeto ter reapropriações sociais distintas, em que cada grupo social muda a significação e os usos (CANCLINI, 2005).

O autor traz (p.45) “todas as práticas sociais contêm uma dimensão cultural, mas nessas práticas sociais nem tudo é cultura”, isso depende da dimensão do sentido dado pelas interações sociais. Como dito anteriormente, definir cultura é complexo já que, de acordo com Canclini (2005, p.46) “a cultura

aparece como parte de qualquer produção social e, também, da sua reprodução”. Esse processo não é simples operação política ou mercantil, demandam entender o que é cultura e seus aspectos sociais.

A produção de bens nos séculos XIX e XX era estimulada pela valorização do nacional. Canclini (1997, p. 16) salienta que “o valor simbólico de consumir o nosso era sustentado por uma racionalidade econômica”. Os produtos nacionais costumavam ser mais baratos que os importados, e o consumo de produtos de marcas estrangeiras era recurso de prestígio. O autor destaca que os objetos perderam a relação com o território de origem por meio da industrialização e do processo das multinacionais que potencializam a produção de objetos a partir de ferramentas de diversas partes. Canclini (1997, p. 17) infere que “a internacionalização foi uma abertura das fronteiras geográficas de cada sociedade para incorporar bens materiais e simbólicos de outras”.

Canclini (2005), sobre o processo de desenvolvimento, descreve a importância de algumas noções de cultura quanto ao capitalismo. Nessa questão dos meios de produção que transformam bens simbólicos em mercadoria, (p. 52) “com a valorização da arte e da cultura na formação das nações, atribui-se valor cultural à produção simbólica de todas as sociedades”. O autor expressa a importância da educação e dos meios de comunicação para que estes processos fossem conhecidos por todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação permeia todas as ações cotidianas da sociedade, assim como a cultura. Há no decorrer histórico uma construção do conhecimento entre ambos os temas, e que culminam no que chamamos de contemporâneo. Buscou-se, por meio desse conjunto de literatura, trazer elementos que possam ser utilizados em um projeto que promova um conjunto de obras latino-americanas. A América Latina aparece nos textos como uma sequência de elementos de estudos, como a sua formação, elementos de desenvolvimento econômico, político e social.

É importante ressaltar que se trata de um primeiro contato com estes autores, há ainda de desenvolvimento perante os conceitos aqui abordados, bem como na construção do objeto de estudo que pretendo trazer no projeto final. Fica registrado que pretendo discutir e aprofundar a temática, e que houve esforços para trazer alguns aspectos entre comunicação e cultura para esta revisão.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Nacional; Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BLUMER, Herbert. "A massa, o público e a opinião pública". In Gabriel Cohn (org.) **Comunicação e indústria cultural**. S. Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978. (texto de Blumer original de 1946).

CANCLINI, Nestor García. Ser diferente é desconectar-se? Sobre as culturas juvenis. In: CANCLINI, Nestor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007, p. 209-224.

CANCLINI, Nestor García. **Políticas culturais na América Latina**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 39-51, jul. 1983. Trad. Wanda Caldeira Brant.

CANCLINI, Néstor García. Consumidores do século XXI, cidadãos do século XVIII. In: **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997. [p. 13-47].

JACKS, N., & SCHMITZ, D. (2018). **Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações**. MATRIZES, 12(1), 115-130.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura**, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1999, p. 413-463

CAUNE, Jean. Cultura e Comunicação. **Convergência Teórica e Lugares de Mediação**. São Paulo: Unesp, 2014.

KAY, C. **Enfoques sobre el desarrollo rural en América Latina y Europa desde mediados del siglo veinte**, 2005.

LONG, Norman. **Sociología del Desarrollo: una perspectiva centrada en el actor**. México: CIESA, 2007.

MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

FAKE NEWS E INFODEMIA DE COVID-19: PERCORRENDO AS TEORIAS DE MASSA E INDÚSTRIA CULTURAL

**Juliana Michaela Leite Vieira
Benedito Dielcio Moreira**

Resumo: Neste artigo, percorrem-se as teorias de massa, sociedade de massa e indústria cultural, as bases teóricas para compreender a sociedade contemporânea. Nesse trajeto, aborda-se como as inovações tecnológicas provocaram mudanças significativas nas práticas culturais de comunicação e afetaram o modo de viver da sociedade. Com isso, discutem-se algumas mudanças da sociedade de massa para a sociedade da informação, entre as quais estão a infodemia, *fake news* e a agnotologia (ignorância), acionadas frequentemente com o propósito político e comercial de manipulação de informações, podendo gerar danos à democracia e à tomada de decisões.

Palavras-chave: Infodemia. Sociedade de Massa. *Fake News*. Covid-19.

INTRODUÇÃO

As teorias sobre as massas, a sociedade de massas e a indústria cultural são precursoras do momento que estamos vivendo, da sociedade da informação, do controle e da infocracia, e nos auxiliam a compreender a contemporaneidade, principalmente com o advento da infodemia presente na pandemia de Covid-19 (SARS-Cov-2). Zielinski lembra que o termo “infodemia” foi usado pelo diretor-geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, na Conferência de Segurança de Munique, em fevereiro de 2020, o qual declarou:

Não estamos apenas lutando contra uma epidemia; estamos lutando contra uma infodemia. [...] Também estamos lutando contra os *trolls* e teóricos da conspiração que promovem a desinformação e prejudicam a resposta ao surto (ZIELINSKI, 2021, p. 04, tradução nossa).

Informações corretas são exigidas em quaisquer circunstâncias, especialmente nos períodos de intensa crise, como foi vivenciado nos piores momentos na pandemia da Covid-19, ainda muito presente. Em situações como essa, são imprescindíveis informações corretas e confiáveis, para a tomada de decisões na gestão individual de riscos. Segundo Zielinski (2021), a experiência da pandemia da Covid-19 mostra que ainda não estamos preparados para lidar com uma infodemia, pois

houve um aumento e velocidade exponencial das informações, o que dificulta a checagem, a qualidade e a validade desses dados, mesmo com o desenvolvimento de metodologias e ferramentas de *software* promissoras, incluindo aquelas baseadas em inteligência artificial.

Zielinski acrescenta que um estudo publicado no *American Journal of Tropical Medicine and Hygiene* estima que cerca de 5,8 mil pessoas foram hospitalizadas como consequência do consumo de informações falsas ou *fake news*, nas redes sociais. Ele complementa informando sobre uma notícia da BBC, a qual divulgou a morte de muitas pessoas porque beberam álcool ou produtos de limpeza à base de álcool. Elas acreditavam equivocadamente que esses produtos eram a cura para a SARS-Cov-2.

Cabrera (2022) destaca que o termo *fake news* diz respeito a notícias, imagens ou conteúdo que estão falseados ou são intencionalmente falsos. “Existe a intenção de falsear, a intenção é tática, isso não é novo. Platão já falava sobre isso. O tema da falsidade com intencionalidade tática e política é antigo...” (CABRERA, 2022, informação verbal).

O que é novo, neste momento, é o volume de informações falsas, nunca visto na história e, simultaneamente, em toda parte do globo. Essa situação ocorre porque houve uma transformação nos processos de transmissão da comunicação e sua influência na cultura.

PERCORRENDO AS TEORIAS DE MASSA E INDÚSTRIA CULTURAL: IDENTIFICANDO-AS NO DIA A DIA

As inovações tecnológicas, no final do século XIX, como o telégrafo, a imprensa, o rádio, a TV e o cinema, provocaram um grande salto nas comunicações. Garcia e Subtil (2021) ressaltam que a industrialização impulsionou a inovação tecnológica e sua relação com a ciência, em um cenário no qual se desenvolveu a imprensa de massa, em cujo seio habitava o liberalismo político e econômico, incentivando a liberdade de imprensa e empresarial:

As instituições midiáticas contaram com novos recursos vindos da publicidade e demonstraram capacidade de absorver as mudanças tecnológicas. Várias invenções tecnológicas transformaram o jornal num meio de comunicação com grande poder de intervenção no mundo social (GARCIA; SUBTIL, 2021).

Para chegarmos a esses veículos de massa (jornais, rádios e TV), cuja finalidade é divulgar o maior número de informações, no maior espaço geográfico possível, é necessário recordarmos o que significa o conceito de massa, proposto por Blumer (1978).

Para o sociólogo estadunidense, o termo “massa” possui uma série de características específicas: em primeiro lugar, são pessoas das mais variadas categorias sociais e profissionais; em

segundo lugar, é composta por indivíduos anônimos; em terceiro lugar, existe pouca interação ou troca de experiência entre os membros das massas. Ele acrescenta ainda que, na massa, as pessoas estão separadas fisicamente e, por serem anônimas, não dispõem da oportunidade de se misturar e de se integrar, como ocorre em uma multidão.

A propaganda de massa é dirigida ao indivíduo anônimo, mas com características homogêneas e semelhantes. Martín-Barbero (1997) enfatiza “[...] que é um fenômeno psicológico pelo qual os indivíduos, por mais diferente que seja seu modo de vida, suas ocupações ou seu caráter, estão dotados de uma alma coletiva que lhes faz comportar-se de maneira completamente distinta de como o faria cada indivíduo isoladamente”.

No final do século XIX e no início do século XX, houve uma revolução nos processos comunicativos como nunca visto. O telégrafo elétrico possibilitou uma velocidade da informação e sua disseminação, geograficamente. Já o termo “meios de comunicação de massa” (rádio, televisão, jornais e cinema), segundo Adorno (1986), designa a indústria cultural; contudo, não se trata de massas, nem das técnicas de comunicação, porém, “[...] do espírito que lhes é insuflado, a saber, a voz do seu senhor”.

A importância da indústria cultural na economia psíquica das massas não dispensa reflexão sobre sua legitimação objetiva, sobre seu ser em si, mas ao contrário, isso a obriga – sobretudo quando se trata de uma ciência supostamente pragmática. Levar a sério a proporção de seu papel incontestado, significa levá-la criticamente a sério, e não se curvar diante do seu monopólio. [...] A satisfação compensatória que a indústria cultural oferece às pessoas ao despertar nelas a sensação confortável de que o mundo está em ordem, frustra-as na própria felicidade que ela ilusoriamente lhes propicia (ADORNO, 1986).

FERRAMENTA DE GUERRA E CONCORRÊNCIA POR GRANDES CORPORações EMPRESARIAIS

Blummer (1978) realça a importância dos estudos nos comportamentos de massa, como as condições de vida moderna, urbana e industrial, frisando que esse tipo de comportamento surge com amplitude e importância crescente, naquele momento histórico entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. Iniciam-se, nessa época, os estudos de propaganda de massa, com apelo dirigido ao indivíduo anônimo e relação direta entre propaganda e futuro comprador.

Garcia e Subtil (2021) lembram que, entre a deflagração da Primeira Guerra Mundial e o final da Segunda Guerra Mundial, foram criados dois tipos de instituições, no âmbito da comunicação de massa, orientados para a sua utilização estratégica: os gabinetes de propaganda em tempos de guerra e

as empresas de relações públicas especializadas em campanhas para corporações empresariais e políticos.

Eles acrescentam que a comunicação de massa foi utilizada como peça-chave para recrutar soldados, influenciar a população no apoio ao conflito, confundir os inimigos e conquistar recursos econômicos para a guerra. O cinema foi um dos meios de comunicação de massa adotados pelo regime nazista, durante a Segunda Guerra Mundial, como instrumentação política das manifestações artístico-culturais.

Garcia e Subtil apontam ainda que, com o fim da Segunda Guerra Mundial e dos regimes totalitários (nazismo e facismo), acreditava-se que a manipulação de massa fosse desaparecer. Todavia, ela permaneceu presente na sociedade de consumo, no pós-guerra, assumindo uma nova roupagem, na indústria cultural, transformando a cultura em um bem de consumo e estimulando o entretenimento como forma de aliviar as tensões sociais causadas pelo capitalismo.

A propaganda e as relações públicas estão na comunicação de massa para seduzir ou induzir o público, a fim de que ele consuma ou adquira determinados produtos ou serviços.

Cabrera (2022) exemplifica com a propaganda de cigarro (Imagem 1), na década de 1920, com o objetivo de conquistar o público feminino. “Bernays (1928) teve muitos êxitos com a propaganda da Marlboro. Um deles foi a questão de incentivar para que a mulher fumasse, algo que era comum para os homens” (CABRERA, 2022, informação verbal).

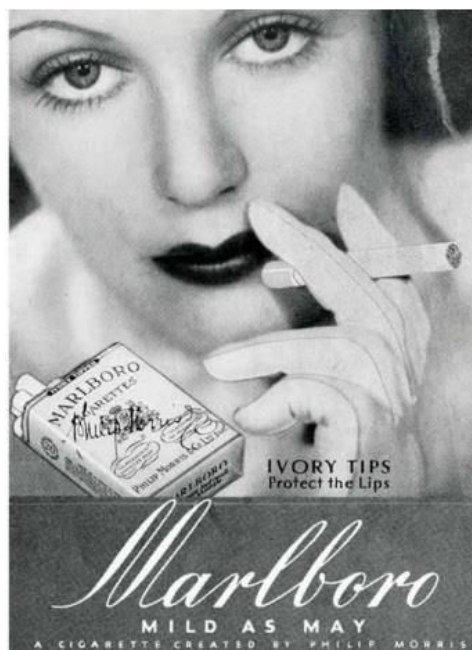


Figura 1. Campanha de *marketing* da empresa de cigarros Marlboro, direcionada ao público feminino, em 1920

Fonte: *Campaign for Tobacco – Free Kids*, 2021.

Cabrera acrescenta que Bernays aproveitou a manifestação das mulheres feministas, das atrizes de cinema, com o emprego de imagens delas fumando. “Essa foi sua técnica para que se associasse à rebeldia da mulher com fumar tabaco, utilizando esse conceito de manipular a mente.” (CABRERA, 2022, informação verbal).

Todo esse estímulo ao consumo do cigarro tem um custo na saúde de milhares de pessoas. A Organização Não Governamental “Campanha para Crianças Sem Tabaco” publicou um estudo, em 2021, sobre como a indústria do tabaco e seu *marketing* depredador causou danos à saúde de mulheres e crianças. Segundo o estudo, as campanhas de *marketing* tiveram um grande impacto na saúde da mulher e meninas, e continuam conquistando consumidoras, perpetuando os riscos:

O tabaco causa graves danos vitalícios. O tabagismo e a exposição à fumaça do tabaco são prejudiciais à saúde reprodutiva, além de afetar a saúde do bebê antes e depois do nascimento. O uso de tabaco durante a gravidez continua sendo uma das principais causas doença evitável e morte no feto, do bebê e da mãe. [...] Fumar expõe as mulheres a um risco maior de desenvolver doenças coração, câncer de pulmão, acidente cerebrovascular, enfisema e muitas outras doenças crônicas graves (CAMPAIGN FOR TOBACCO – FREE KIDS, 2021, p. 04-05).

Hanna Arendt (1954 [2016]) faz uma crítica ao monopólio da cultura por grupos de poder, em função dos seus objetivos próprios, como posição social e *status*, como também da indústria cultural, que torna a arte um objeto de consumo, transformando-a em uma mercadoria social e de valor financeiro. Ela aponta que a diferença entre a sociedade e a sociedade de massas é que a primeira sentia necessidade da cultura, desvalorizava os objetos culturais, ao transformá-los em mercadoria, e não os consumia. E, mesmo por terem sido “gastos”, permaneciam com o seu caráter objetivo e não desapareciam.

Já a sociedade de massa não precisa de cultura, no sentido de algo culto e grandioso, mas de diversão; os produtos oferecidos pela indústria de diversão são consumidos como qualquer outro produto de bem de consumo. Os produtos de diversão adquiriram um processo vital na sociedade, embora não tenham o mesmo caráter, como Arendt explica, citando a carne e o pão.

Com esse olhar no consumismo da sociedade de massas, no final do século XX, entramos na era da internet, quando houve uma nova alteração na sociedade. Nessa mudança, vivenciamos, de acordo com Han (2021), um “regime de informação” no qual a forma de domínio ocorre através da informação e dos dados processados por algoritmos e inteligência artificial:

Ao contrário do regime da disciplina, não se exploram corpos e energias, mas informações e dados. O fator decisivo para a obtenção do poder agora não é a posse de meios de produção, mas o acesso à informação, que é utilizada para vigilância psicopolítica e controle e previsão comportamental. O regime da

informação está ligado ao capitalismo da informação, que hoje se torna um capitalismo de vigilância que degrada as pessoas ao *status* de dados e produto consumidor (HAN, 2021, p. 02-03, tradução nossa).

Na mediocracia, segundo Han, a política também se submete à lógica dos meios de comunicação de massa. A diversão determina os conteúdos políticos e mina a racionalidade. A tela da televisão foi substituída pelo telefone celular. No regime de informação, as pessoas não ficam passivas, elas cedem à diversão. Estão produzindo e consumindo, constantemente.

“O frenesi comunicativo, que agora assume formas viciantes e compulsivas, prende as pessoas em uma nova imaturidade. A fórmula de subjugação do regime de informação é: comunicamos até morrer” (HAN, 2021, p. 16).

Ele acrescenta que o *big data* e os algoritmos fazem da comunicação um meio de vigilância. Quanto mais acessamos a internet, o celular, o *e-mail* e as redes sociais, mais dados geramos. Quanto mais nos comunicamos, mais eficaz será a vigilância. O celular é o instrumento de vigilância e comunicação, pois as pessoas não se sentem vigiadas, mas livres. Um dos exemplos de vigilância são as redes sociais, onde as pessoas postam o que estão fazendo, onde estão, o que consomem, o que pensam. Em contrapartida, a inteligência artificial lhes retorna com propagandas, sugerindo o que consumir e fazer. As pessoas se sentem livres para fazer o que quiserem, porém, são vigiadas.

Han explica que o regime de informação, por outro lado, isola as pessoas. Não existe massa, mesmo quando elas se juntam, e elas não seguem um líder, mas um *influencer*. O regime de informação se apodera dos indivíduos, criando perfis comportamentais. Ele enfatiza ainda que, na era das mídias digitais, “[...] a esfera pública discursiva não é ameaçada pelos formatos de entretenimento dos meios de comunicação de massa, nem pelo infoentretenimento, mas pela disseminação e multiplicação viral da informação, ou seja, pela infodemia” (HAN, 2021, p. 16, tradução nossa).

Han realça a necessidade de se estudar melhor os fenômenos da informação, para entender a infocracia, a crise da democracia, no regime da informação. Ele aponta que essa crise já se inicia no processo cognitivo, quando são estimuladas imagens, vídeos, numa velocidade rápida, instatânea, criando uma cultura do déficit de atenção, conforme destaca Turcke (2015). Essa informação possui um intervalo de tempo curto, não tendo uma estabilidade temporal. É fragmentada. A percepção e a atenção das pessoas são capturadas pela “atratividade-surpresa”, sugere Han.

Retomando a questão da infodemia na Covid-19, além do combate da desinformação, Zielinski pontua a necessidade de novos estudos sobre o problema da agnotologia, estudo da ignorância, o qual não é apenas uma ausência de conhecimento, todavia, o resultado da cultura e lutas políticas.

Proctor (2008) conceitua três formas de ignorância: “[...] ignorância como estado nativo (ou recurso), ignorância como reino perdido (ou escolha) e ignorância como um estratagema deliberadamente planejado e estratégico (ou construção ativa)” (PROCTOR, 2008, p. 03, tradução nossa).

Como exemplo, Proctor (2008) menciona a questão da indústria do tabaco, nos Estados Unidos, a qual se valeu, por muitas vezes, de pesquisas científicas que nunca confirmavam que o cigarro causava câncer de pulmão ou algum dano à saúde. Somando-se a isso, as empresas de relações públicas, propaganda e *marketing* faziam circular a dúvida sobre se o cigarro realmente trazia algum dano à saúde.

Segundo o autor, nos últimos 20 anos, as indústrias têm contratado historiadores para escrever a história do tabaco, de uma forma mais simpática. Eles são utilizados nos julgamentos para apontar uma correlação que não implica causalidade, colocando a responsabilidade nas pessoas, por saberem dos danos à saúde. Proctor cita o Projeto Cósmico, da Philip Morris, em 1987, destinado a criar uma extensa rede de cientistas e historiadores de todo mundo para reescrever a história do consumo de drogas:

A Big Tobacco quer que acreditemos que existem realmente apenas dois tipos de conhecimento em questão: popular e científico. Ignorado é o papel da própria indústria, na criação de ignorância: através da publicidade, lançamento pela imprensa, financiamento de pesquisas de engodo, estabelecimento de organizações de frente científica, manipulação de agendas legislativas, organização de "pesquisas amigáveis" para publicação em revistas populares, e uma miríade de projectos das artes negras da agnotologia. Montantes tremendos de dinheiro foram lançados nesse esforço, que os próprios advogados da indústria têm (em privado) caracterizado como uma forma de "estudo da ignorância". (PROCTOR, 2008, p. 17, tradução nossa).

Seguindo os estudos sociais da ignorância, Nascimento *et al.* (2021) realizaram uma análise nas mensagens de texto de um grupo de apoiadores do presidente da República, Jair Bolsonaro, no Telegram, no período de janeiro a dezembro de 2020, relacionados ao debate sobre a pandemia de Covid-19. Foram filtradas e analisadas as comunicações que apresentavam três posicionamentos controversos do governo federal: a oposição às medidas de distanciamento social, a defesa do uso da hidroxicloroquina como tratamento precoce para a Covid-19 e, por fim, a negligência e/ou descrédito com respeito à vacinação.

De acordo os autores, a análise sugere algum grau de orquestração ou profissionalização na plataforma, no envio de mensagens, na qual se tem uma enxurrada de textos, *links*, vídeos e áudios para legitimar o que é dito, havendo uma separação entre os cientistas: amigos (ciência patriótica) ou inimigos (ciência comunista).

Para Nascimento *et al.*, as redes digitais bolsonaristas possuem um ecossistema midiático, em que os participantes se sentem conectados diretamente com o líder: “[...] a análise aponta que, ao contrário de negar a credibilidade e legitimidade da ciência, o bolsonarismo opera demarcações de fronteiras de ignorância por dentro da própria ciência” (NASCIMENTO *et al.*, 2021, p. 191).

Zielinski (2021) ressalta que, para enfrentarmos essa situação de infodemia, grandes doses de boa informação irão ajudar no combate à desinformação, além do esforço para melhorar a alfabetização científica. Para Caldas (2011), o conhecimento é uma forma de emancipação social, essencial para a conquista da cidadania: “A educação e a cultura científicas vão muito além do acesso à informação. Pressupõem o desenvolvimento de uma capacidade crítica para melhor compreender a realidade e se posicionar sobre ela” (CALDAS, 2011, p. 19).

Além disso, Caldas (2011, p. 25) busca em Gérard Lebrun a inspiração para mostrar a diferença entre postura cívica e cidadã: “[...] a obediência cívica e não cidadã por falta de saber, pode ser relacionada diretamente à ausência de saber.” Informações manipuladas e falsas usam do civismo como combate à cidadania. A autora faz também uma reflexão acerca do papel do jornalista científico, o qual não pode divulgar a produção científica como um grande acontecimento, sem refletir sobre riscos e benefícios, sendo necessária a reflexão, a contextualização e o conhecimento, de sorte que o fato seja compreendido e apropriado pela sociedade.

A infodemia observada no auge da Covid-19 afetou inúmeras pessoas, em todo o mundo. O volume de informações falsas e a sua velocidade fizeram com que muitos negassem a existência da doença ou subestimassem o dano à vida. Nessa infocracia, conforme análise de Han (2021), a racionalidade discursiva se vê ameaçada por uma comunicação afetiva, e nos deixamos ser afetados por informações que surgem repentinamente e sucessivamente. Han destaca ainda que, numa comunicação afetiva, “[...] não são os melhores argumentos que prevalecem, mas as informações com maior potencial de excitação. Assim, as *fake news* atraem mais atenção do que os fatos” (HAN, 2021, p. 18, tradução nossa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, retomamos os termos “massa”, “sociedade de massa” e “indústria cultural”, com um breve histórico das mudanças da comunicação, da sociedade e seus processos. Na infodemia provocada pela Covid-19, nesses dois anos, enfatizamos a necessidade de mais estudos sobre desinformação, *fake news* e ignorância (agnotologia), pois foram conceitos em nossa sociedade contemporânea que mudaram toda a forma de ver a comunicação, a ciência e seus processos.

Ademais, acreditamos que uma mudança na sociedade decorre de vários fatores, um dos quais é a educação. O professor tem o papel fundamental na formação de uma educação para a ciência, na qual o ensino da ciência seja aprendido e assimilado, que faça surgir a curiosidade e o interesse dos alunos, e não apenas para cumprir o currículo exigido durante o ano. Exerce um papel fundamental a imprensa, em especial o jornalista, a fim de que as notícias tenham mais profundidade e contextualidade com todos os lados de uma história, observando-se possíveis danos que informações mal noticiadas podem causar.

É indiscutível a importância do profissional de imprensa como historiador do cotidiano (CALDAS, 2005): responsabilidade na construção do conhecimento científico e discussão da destruição da temporalidade dos fatos, provocada pela mídia, como simulacro do real. É necessário avançarmos no conhecimento científico, mesmo sabendo que a ciência não tem uma verdade única, nem absoluta. A educação para a ciência é uma forma de frear a desinformação, a negação da ciência e a ignorância.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; COHN, Gabriel (org.). **Theodor W. Adorno**: sociologia. São Paulo: Ática, 1986.
- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução: Mauro W. Barbosa. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016 (Coleção Debates, 64, dirigida por J. Guinsburg).
- BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2011, 2ª edição.
- BLUMER, Herbert. **A Massa, o Público e a Opinião Pública**. Comunicação e Indústria Cultural. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1978.
- CABRERA, Daniel H. Comunicar “la verdad” en épocas de desinformación. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL “COMUNICAR CIÊNCIA: DEMOCRACIA, COMUNICAÇÃO E AUDIOVISUAL”**, 2022, Cuiabá-MT. Anais [...]. Cuiabá-MT: UFMT – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder (PPGCOM) e Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO). 2022. Disponível em: <https://youtu.be/CdiUmVKv3wA>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- CALDAS, Graça. **Mídia e Memória**: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano. In: BEZZON, L. C. (org.). Comunicação, política e sociedade. Campinas, SP. Alínea, 2005. p. 137-139.
- CALDAS, Graça. O valor do conhecimento e da divulgação científica para a construção da cidadania. **Comunicação & Sociedade**, ano 33, n. 56, p. 7-28, jul./dez. 2011.
- CAMPAIGN FOR TOBACCO – FREE KIDS. Toda Una Vida de Daño. **Cómo la industria tabacalera y su marketing depredador dañan la salud de mujeres y niñas**. 2021. Disponível em:

https://www.tobaccofreekids.org/assets/global/pdfs/es/WomensReport_es.pdf. Acesso em: 05 ago. 2022.

GARCIA, José; SUBTIL, Filipa. O Processo de Tecnologização e Mediatização da Comunicação e a sua Dialéctica Negativa. Dossiê. **Revista Novos Rumos Sociológicos**, v. 9, n. 15, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia** (edição espanhola). España: Penguin Random House, 2021 (Edição Kindle).

LEBRUN, Gérard. **O que é poder**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 113 (Coleção Primeiros Passos).

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Prefácio de Néstor García Canclini. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

NASCIMENTO, Leonardo Fernandes; FONSECA, Paulo de Freitas Castro; JESUS, Juciane Pereira de; OLIVEIRA, Jéfte Batista de. Poder oracular e ecossistemas digitais de comunicação: a produção de zonas de ignorância durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 23, n. 2, p.190-206, 2021.

Organização Panamericana de Saúde (OPAS). **Entenda a Infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19: Kit de ferramentas de transformação digital**. 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf Acesso em: 10 ago. 2022

PROCTOR, Robert N. Agnotology: A Missing Term to Describe the Cultural Production of Ignorance (and its Study). In: PROCTOR, Robert N.; SCHIEBINGER, L. (org.). **Agnotology: The Making and Unmaking of Ignorance**. Stanford: Stanford University Press, 2008. p. 1-33.

TURCKE, Christoph. Cultura do déficit de atenção. **Revista Serrote**, 2015. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2015/06/cultura-do-deficit-de-atencao/> Acesso em: 05 ago. 2022.

ZIELINSKI, Chris. **Infodemics and infodemiology: a short history, a long future**. Opinion and analysis. *Rev Panam Salud Publica*, v. 45, 2021. Disponível em: www.paho.org/journal. Acesso em: 05 ago. 2022.

A CULTURA JOVEM E A NOSTALGIA: UMA QUESTÃO CULTURAL E GERACIONAL

Luiz Alberto Rodrigues Gonçalves
Letícia Xavier de Lemos Capanema

Resumo: O artigo propõe uma análise sobre séries televisivas com viés nostálgicos e como elas foram produzidas para conquistar a audiência de diferentes gerações, como a de pais e filhos. Para isso apresenta a estrutura base da criação da série *Stranger Things*, os algoritmos, a partir da análise de uma grande quantidade de dados, chamada de *Big Data*. Percorre por autoras e autores que apresentam o conceito da sociedade em rede, memória coletiva e nostalgia, como Manuel Castells, Ecléa Bosi, Svetlana Boym e Maurice Halbwachs. E apresenta a relação da nostalgia com as culturas juvenis e o conflito geracional existente, tendo como norteadoras as teorias de Néstor Garcia Canclini e Hannah Arendt. Esta base teórica aponta para uma análise do impacto de produtos do mercado da nostalgia e seu significado de corrente cultural sobre os grupos sociais, em específico na questão da percepção que a nostalgia tem para o público que viveu a época retratada nas obras e para as gerações mais recentes.

Palavras-chave: Big Data, Conflitos geracionais, Cultura Jovem, Estética, Gerações, Memória, Memória coletiva, Nostalgia e *Stranger Things*.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema principal a nostalgia, apresentada como fenômeno cultural e em específico como a série *Stranger Things* da Netflix resgatou a memória coletiva da década de 1980. A primeira temporada foi lançada em julho de 2016, sendo ambientada na cidade fictícia de Hawkins, na década de 1980, e sua trama principal concentra-se no desaparecimento do estudante Will Byers e a jornada de seus amigos para o encontrarem. Eles conhecem uma garota com poderes telecinéticos, que escapou de um laboratório que usava crianças como cobaias para experimentos sobrenaturais.

A série recebeu aclamação da crítica e do público. *Stranger Things* recebeu aprovação de 95%, com nota médica de 8,1/10 e aprovação do público de 95% do site especializado em críticas de cinema e televisão Rotten Tomatoes (WIKIPÉDIA, 2021). O conselho crítico do site afirmou: “Emocionante, de partir o coração, e às vezes assustador, *Stranger Things* é uma viciante homenagem aos filmes de Spielberg e à televisão vintage dos anos 1980” (WIKIPÉDIA, 2021).

A série virou um fenômeno cultural em pouco tempo, gerando um público de fãs comparado a outros fenômenos mais antigos da TV e mesmo do cinema, como a saga que saiu dos livros para as telas grandes, do bruxo Harry Potter. “É aquele raro sucesso cruzado apreciado por crianças, adolescentes e pais. Seus atores são agora celebridades internacionais; seus personagens são sensações nas redes sociais” (VOGEL, 2018, p. 8).

Em suas temporadas 1 e 2, *Stranger Things* recebeu indicações para o Globo de Ouro e Emmy, que são as maiores premiações para produções televisivas. Esse sucesso foi alcançado mesmo sem uma estratégia de divulgação massiva em sua temporada 1. “Além de Winona Ryder, o show não tinha estrelas reconhecíveis. Nem foi promovido com uma típica blitz da mídia” (VOGEL, 2018, p. 8).

Ao chegar na segunda temporada alcançou o patamar de maior sucesso da Netflix, sendo assistido em mais de 190 países por centenas de milhões de pessoas dos Estados Unidos, passando por China e Brasil. Este sucesso é explicado de forma mais consistente pela nostalgia trazida em cada detalhe da produção, da estética apresentada nas vestimentas a trilha sonora da década de 1980.

Por que a nostalgia é um fenômeno cultural? A pesquisa abordará esta pergunta e a partir daí buscará respostas para perguntas adjacentes a esse tema:

- Há precursores da nostalgia na cultura pop? Quais seriam?
- Como as séries nostálgicas são vistas e interpretadas por gerações distintas? Gerações que viveram a época referenciada e a gerações que não viveram.
- O que representam as referências dos anos 1980 para a geração contemporânea?
- Do que a nostalgia é sintoma? Será que ela reflete um certo esgotamento das narrativas? Será que o público está em processo de negação/escapismo da realidade atual?
- O que uma série nostálgica pode nos dizer sobre o passado e sobre o presente? Será que uma série nostálgica nos diz mais sobre o presente do que sobre o passado?

A nostalgia está presente em nossa sociedade desde o século XVII, quando a palavra foi utilizada pela primeira vez na Europa, no sentido de “desejo de voltar para casa”. A partir do avanço das tecnologias de comunicação e informação tornou-se uma constante na indústria cultural, quando, na falta de novidades ou criatividade para lançamentos de filmes e séries, os produtores apontam suas lentes de volta para o passado.

O olhar para o passado é algo cada vez mais comum na produção cinematográfica e televisiva. O streaming popularizou mais ainda o mercado de séries de TVs, principalmente pela facilidade de acesso ao clique de um mouse, ao apertar do play no controle remoto, ao deslizar dos dedos na tela de

smartphones e tablets. Este tipo de revolução na forma de assistir conteúdos fora previsto por Nicholas Negroponte em seu livro “A Vida Digital” de 1995:

O jornal da TV pode não apenas ser transmitido a hora que você quiser: ele pode também ser editado para você e acessado de forma aleatória. Se você deseja ver um velho filme com Humphrey Bogart às 8h17 da noite, a companhia telefônica pode providenciá-lo por meio de seu par trançado (NEGROPONTE, 1995, p. 53).

O par trançado é a fibra óptica que leva para o mundo as transmissões sob demanda dos streamings Netflix, Amazon Prime Video, HBO Max entre outros que dominam o mercado e que, na disputa do mercado com as TVs a cabo e via satélite, conquistaram o primeiro lugar da audiência. Esta revolução já tinha sido antecipada Manuel Castells no final da década de 1990:

Redes de televisão, gravadoras e estúdios de cinema melhoravam sua produção para alimentar todo um mundo supostamente faminto por linhas de produtos audiovisuais e de informação/entretenimento. E os provedores de serviços de Internet estão tentando conectar à rede o mundo dos meios de comunicação de massa por meio de uma série de tecnologias, e de uma diversidade de conteúdos que possam complementar, se não substituir, a televisão e os vídeos armazenados. Em fins da década de 1990, enquanto a transmissão de sinais de TV via Internet, embora tecnologicamente possível, parecia ser possibilidade de concretização a longo prazo em razão da capacidade enorme de transmissão que seria necessária para garantir vídeos de qualidade normal, surgiam outras formas de integração tecnológica: WebTV, na qual a televisão fica ligada tanto ao computador quanto à linha telefônica, permitindo recepção, na mesma tela, dos sinais da TV e dos serviços de Internet (CASTELLS, 2002, p. 451).

E na mesma obra, o sociólogo espanhol prevê a chegada de plataformas como a Netflix, sites de apostas esportivas e até do Metaverso.

Assim, embora governos e futurologistas falem em equipar as salas de aulas, fazer cirurgias à distância e consultar a Enciclopédia Britânica também à distância, a maior parte da construção real do novo sistema enfoca o vídeo sob demanda (*video on demand*), tele-apostas e os parques temáticos em realidade virtual (CASTELLS, 2002, p. 453).

“O que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura” (BENJAMIN, 2012). Walter Benjamin em 1955 publicou “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” e a partir deste conceito podemos inferir que, para o público que viveu os anos 1980 e assistiu a filmes como Goonies, Alien o oitavo passageiro, O enigma de outro mundo, entre outros que transitam pela

ficção científica e aventura, o surgimento de uma onda nostálgica é o carimbo de aura que obras como *Stranger Things* precisavam para virar fenômeno midiático.

O que parece ser contraditório, a aura ser criada em uma obra nascida da reproduzibilidade técnica, justifica-se pelo surgimento do sentimento de nostalgia resgatado da memória coletiva em produções contemporâneas que utilizam estruturas estéticas e narrativas que remetem a momentos inesquecíveis da vida dessas pessoas, a infância e a adolescência.

Outra questão é sobre a janela da nostalgia, que é de 20 a 25 anos após passado o momento original. Nos 1990, a nostalgia era referente aos anos 1970. Um exemplo recente desta afirmação é a série *That '70s Show*, transmitida originalmente a partir de 1998 e cuja história se passa entre 1976 e 1978, relatando a rotina de um grupo de adolescentes setentistas. A Netflix divulgou recentemente que vai produzir um spin-off (uma obra derivada da original) de *That '70s Show*, chamada *That '90s Show*, uma nova sitcom ambientada no mesmo universo da original, que irá se passar nos anos 1990, tendo como personagens os filhos dos protagonistas da série original (OMELETE, 2021).

Surge então uma reflexão inicial: como será a nostalgia daqui a 20 anos? A partir dessa questão inicial foi possível desenhar a questão central que trata de compreender o resgate estético e narrativo dos anos 80, tendo como espaço de análise a primeira temporada de *Stranger Things*, da plataforma Netflix.

BIG DATA E O USO DOS ALGORITMOS

Assistir a um episódio de *Stranger Things* é mergulhar em um mundo de 40 anos atrás, nos anos 1980. A série é “um grande caldeirão de referências aos anos 80. Essas referências aparecem na trilha sonora, como em ‘Running Up That Hill’ – música da Kate Bush que se tornou uma das mais ouvidas após aparecer na série – na época em que se passa a história e até na escolha do elenco” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2022).

Stranger Things foi a primeira série da Netflix construída totalmente a partir de algoritmos, a partir do uso de dados de exibição, utilizando uma estratégia computacional chamada *Big Data*, conforme definição do site da Oracle:

A definição de *big data* são dados com maior variedade que chegam em volumes crescentes e com velocidade cada vez maior. Isso também é conhecido como os três Vs. Simplificando, *big data* é um conjunto de dados maior e mais complexo, especialmente de novas fontes de dados. Esses conjuntos de dados são tão volumosos que o software tradicional de processamento de dados simplesmente não consegue gerenciá-los. No entanto, esses grandes volumes de

dados podem ser usados para resolver problemas de negócios que você não conseguiria resolver antes (ORACLE, 2022).

A empresa precisava ampliar seus negócios, após se tornar produtora de filmes e séries originais, para isso traçou a meta de lançar um produto que tivesse alcance maior que a série House of Cards. Utilizando-se então da análise destes dados, a Netflix conseguiu criar um produto cultural que atendesse o mercado da nostalgia, que tem

Obviamente, uma dimensão econômica essencial. O passado – sobretudo através de seu apelo emocional – vende muito. Mobiliza de tal forma a economia de bens materiais e simbólicos de diversos países que é mesmo difícil de mensurar. Tem características locais e nacionais, mas é também um fenômeno transnacional e mundializado (RIBEIRO, 2018).

Stranger Things foi construída a partir deste imaginário dos anos 1980, com referências estéticas e narrativas do período, de forma a agradar várias gerações. Para a geração de 10 a 20 anos a série se apresentou como um convite a conhecer aquela época que seus pais tanto falavam, quando tudo era melhor, as crianças brincavam nas ruas sem preocupação, sem telefone celular ou demais telas o tempo todo. Para a geração que hoje tem entre 40 e 50 anos, um portal de abertura para a viagem no tempo tão desejada. E para quem tem entre 50 e 60 anos uma nostalgia forte da época que seus filhos eram crianças. Assim, grande parte do público foi alcançado e cooptado.

Nas duas primeiras temporadas, *Stranger Things* recebeu indicações ao Globo de Ouro de Melhor Série de Televisão. Ele também acumulou 31 indicações ao Emmy, incluindo para Melhor Série Dramática. [...] A Nielsen estima que a estreia da segunda temporada foi assistida por 15,8 milhões de espectadores americanos apenas na primeira semana. Muitos desses espectadores assistiram a temporada inteira em poucos dias. Agora é tão difundido na cultura popular que suas mercadorias são vendidas em lojas ao lado de franquias de sucesso de longa data como Star Wars e Harry Potter (VOGEL, 2018, p. 8).

Os criadores da série, Matt e Ross Duffer, utilizam uma linguagem recheada de referências aos anos 80 do século passado,

Às vezes sutis, às vezes explícitas – de séries e filmes como Contatos Imediatos do Terceiro Grau (1977), Alien, o oitavo passageiro (1979), O Iluminado (1980), Poltergeist (1982), ET, o extraterrestre (1982), De Volta para o Futuro (1985) e Arquivo X (1993). A própria trama baseia-se num certo imaginário de época construído por esses produtos audiovisuais: teorias conspiratórias envolvendo o governo americano, extraterrestres, experimentos científicos, sobrenatural. A centralidade da narrativa no elenco infantil é um dos elementos

que também ajuda a produzir uma sensação de familiaridade, reconfortante para quem viveu aquela época ou para quem consumiu os produtos culturais do período. Os irmãos Duffer misturaram todo o tipo de influência e buscaram, como eles mesmo disseram, trazer de volta a “sensibilidade” do passado (RIBEIRO, 2018).

Produtos de entretenimento televisivo como *Stranger Things*, demonstram que o futuro da televisão previsto por Manuel Castells chegou.

Este é, na verdade, o presente e o futuro da televisão: descentralização, diversificação e adequação ao público-alvo. Nos parâmetros mais amplos da linguagem de McLuhan, a mensagem do meio (ainda operando como tal) está moldando diferentes veículos de comunicação para diferentes mensagens (CASTELLS, 2002, p. 425).

Além de *Stranger Things*, outras produções televisivas utilizam a nostalgia como estratégias para alcançar audiência. Entre elas podemos citar:

- *Mad Men* (2007-2011);
- *The Wonder Years – Anos Incríveis no Brasil* (1988-1993);
- *That '70s Show* (1998-2005);
- *Cobra Kai* (2018);
- *This is Us* (2016-2022).

MEMÓRIA COLETIVA COMO FORMADORA DA NOSTALGIA NA CULTURA

O relato oral constitui-se na maior fonte humana de conservação e difusão do saber. O indivíduo, através de sua história de vida particular, constrói uma memória que só é constituída quando amarrada a memória do grupo, ou seja, a memória de indivíduos que se refletem e são amarradas à memória do grupo o qual está inserido, afetivamente interligado, constituindo a esfera maior produtora e transmissora da tradição: a memória coletiva de cada sociedade.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo (HALBWACHS, 1990, p. 55).

Pode-se dizer que essa memória é fruto de uma lembrança que é

Sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança... Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (BOSI, 1994, p. 53-55).

Sobre a nostalgia, temos a definição no artigo “Mal-estar na nostalgia”:

Nostalgia parece ser a saudade de um lugar, mas é na realidade um anseio por um tempo diferente – o tempo de nossa infância, dos ritmos mais lentos de nossos sonhos. Em um sentido ainda mais amplo, a nostalgia é uma revolta contra a ideia moderna de tempo, o tempo da história e do progresso. Os desejos nostálgicos de transformar a história em uma mitologia individual ou coletiva, de revistar os tempos como espaço, recusando render-se à irreversibilidade do tempo que atormenta a condição humana. Assim, o passado da nostalgia, parafraseando William Faulkner, não é sequer passado. Pode ser apenas um tempo melhor, ou um tempo mais lento – tempo fora do tempo, não sobrecarregado por agendas repletas de compromissos (BOYM, 2007, p. 154).

Para a autora existem dois tipos básicos de nostalgia:

A restauradora e a reflexiva. A nostalgia restauradora enfatiza o nostos (casa) e enceta uma reconstrução transhistórica da terra perdida. A nostalgia reflexiva se desenvolve com a algia (o próprio anseio) e posterga o retorno à casa – melancolicamente, ironicamente, desesperadamente (BOYM, 2007, p. 159).

Enquanto a nostalgia restauradora retorna e reconstrói uma terra natal com determinação paranoica, a nostalgia reflexiva teme o retorno com a mesma intensidade. Em vez de recriar a da pátria perdida, a nostalgia reflexiva pode desenvolver a criação da individualidade estética (BOYM, 2007, p. 160).

A nostalgia é usada como base para a construção de um produto audiovisual em uma plataforma como a Netflix, que utiliza os algoritmos para atender às necessidades de um público que olha para mundo sob a experiência do inconsciente ótico, conforme Benjamin (2012, p.11), “É evidente, pois, que a natureza que se dirige à câmara não é a mesma que a que se dirige ao olhar.” Este olhar dá vazão à necessidade de se apegar ao passado numa tentativa de restaurar o momento em que tudo era mais simples e mostrar para seus filhos como a vida era melhor “na minha época”.

E cabe também a reflexão à luz de Flusser, quanto a questão de que as imagens são mediações entre o homem e o mundo:

O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria. Para o idólatra – o homem que vive magicamente -, a realidade reflete imagens. Podemos observar, hoje, de que forma se processa a magicização da vida: as imagens técnicas, atualmente onipresentes, ilustram a inversão da função imaginística e remagicizam a vida (FLUSSER, 1985, p. 7-8).

O público que assiste *Stranger Things*, e outras obras nostálgicas, tem como consequência deste retorno à harmonia original, à terra natal em sua nostalgia restauradora, a perda da decodificação das cenas da imagem como significados do mundo, para em seu lugar se aprisionar nesta vivência do próprio mundo como conjunto de cenas, que remagiciza sua vida neste lugar idealizado do passado, criando simulacros do mundo, como diz Arlindo Machado:

O que nós chamamos aqui “ilusão especular” não é senão um conjunto de arquétipos e convenções historicamente formados que permitiram florescer e suportar essa vontade de colecionar simulacros ou espelhos do mundo, para lhes atribuir um poder revelatório. A fotografia, em particular, desde os primórdios de sua prática, tem sido conhecida como ‘espelho do mundo’, só que um espelho dotado de memória (MACHADO, 1984, p. 10-11).

É uma ilusão daquilo que existiu ou foi inventado para ir ao encontro de um passado lúdico, colecionando espelhos de um mundo infanto-juvenil.

CULTURAS JUVENIS E O CONFLITO GERACIONAL

A relação da cultura jovem com a nostalgia é relevante, pois ao mesmo tempo que os jovens são vistos por pessoas de gerações anteriores como desapegadas dos valores tradicionais, eles representam grande parte do público-alvo de produtos televisivos com enfoque nostálgico, que resgatam valores estéticos e culturais do passado.

Canclini (2009, p. 209) tem apresentado o conceito da juventude desde a década de 1980, “A averiguação sobre o que significa ser jovem é também uma pergunta pelo tempo. A década de 1980 já foi chamada de a década perdida da América Latina”.

Os jovens atuais são a primeira geração que cresceu com a televisão em cores e o vídeo, o controle remoto, o zapping e - uma minoria - com o computador pessoal e a internet. Entre as décadas de 1970 e 1980, a pergunta era o que significava ser a primeira geração na qual a televisão era um componente habitual da vida familiar. Agora se trata de entender como a espetacularização permanente à distância nos modifica, ou, dito de outro modo: esta estranha combinação de midiatização e interconectividade. A midiatização afasta, esfria, e, ao mesmo tempo, a interconectividade proporciona sensações de proximidade e simultaneidade (CANCLINI, 2009, p. 216).

Existe um excesso de informação a que os jovens têm acesso, por meio de diversos aparatos tecnológicos como tablets, smartphones, smart TVs e computadores, que dão acesso a diversas plataformas de conteúdo e redes sociais como YouTube, Instagram, Tik Tok e Twitter: “É verossímil

a hipótese de que a fragmentação e a descontinuidade acentuam-se nos jovens de classes médias e altas, precisamente por causa da opulência informativa e de recursos de interconexão” (CANCLINI, 2009, p.217).

Assim, se os jovens são retratados como imediatistas, como se relacionam com produtos culturais com foco no passado do qual não fizeram parte? Canclini trouxe uma visão sobre isto:

Nos estudos sobre consumo e recepção, descobrimos que a maioria dos jovens prefere os filmes de ação e entedia-se com os que tratam dos amplos planos da subjetividade ou dos processos íntimos. É possível interpretar que, diante das dificuldades de saber o que fazer com o passado e com o futuro, as culturas jovens consagram o presente, consagram-se ao instante. Diálogos simultâneos na internet, videoclipes e música a todo volume nas discotecas, no carro, na solidão do walkman. Instalações que duram pelo tempo em que estiver aberta a exposição, performances só visíveis no dia em que se inauguram a hiper-realidade do instantâneo, a fugacidade dos discos que é preciso escutar nesta semana, a velocidade da informação e a comunicação barata que propicia o esquecimento (CANCLINI, 2009, p. 218).

Nessa dúvida do que fazer com o passado e o futuro, como Canclini explicou, a nostalgia entra como uma estratégia para incentivar esse consumo desenfreado, e como acentua a pesquisadora Ana Paula Goulart Ribeiro:

No entanto, parece haver algo a mais no apelo ao nostálgico que fazemos hoje, sobretudo no mercado de bens culturais. Parece que, nas últimas décadas, novas sensibilidades em relação ao passado e formas peculiares de acionar nossas experiências pretéritas foram desenvolvidas (RIBEIRO, 2018).

Ela continua, desta vez relacionando o tema nostalgia com a cultura juvenil:

Mas a questão é mais difícil de explicar quando pensamos na cultura juvenil, também ela fortemente impregnada de elementos nostálgicos. Por que jovens se interessam por produtos de um passado que eles não conheceram? Por que se interessam por histórias consumidas por seus pais e avós? Será possível, nesse caso, falar em uma nostalgia do que não se viveu? Se sim, de que se nutre esse sentimento? (RIBEIRO, 2018).

Arendt (2011) relata sobre a crise na cultura e analisa a indústria de entretenimentos e a forte demanda por produtos para consumo rápido:

Infelizmente, o caso não é assim tão simples. A indústria de entretenimentos se defronta com apetites pantagruélicos, e visto seus produtos desaparecerem com o consumo, ela precisa oferecer constantemente novas mercadorias. Nessa situação premente, os que produzem para os meios de comunicações de massa esgaravatam toda a gama da cultura passada e presente na ânsia de encontrar material aproveitável. Esse material, além do mais, não pode ser fornecido tal qual é; deve ser alterado para se tornar entretenimento, deve ser preparado para consumo fácil (ARENDR, 2011, p. 272).

Mais além, a autora diz que os produtos culturais são objetos culturais transformados em entretenimento pela sociedade de massa:

A cultura de massas passa a existir quando a sociedade de massas se apodera dos objetos culturais, e o perigo é de que o processo vital da sociedade (que como todos os processos biológicos arrasta insaciavelmente tudo que é disponível para o ciclo de seu metabolismo) venha literalmente a consumir os objetos culturais, que os coma e destrua. Não estou me referindo, é óbvio, à distribuição em massa. Quando livros ou quadros em forma de reprodução são lançados no mercado a baixo preço e atingem altas vendas, isso não afeta a natureza dos objetos em questão. Mas sua natureza é afetada quando estes mesmos objetos são modificados – reescritos, condensados, resumidos (*digested*), reduzidos a *kitsch* na reprodução ou na adaptação para o cinema. Isso não significa que a cultura se difunda para as massas, mas que a cultura é destruída para produzir entretenimento (ARENDETT, 2011, p. 272).

Séries televisivas são fenômenos midiáticos e como tal, criam ao seu redor produções audiovisuais para as redes sociais e plataformas digitais: Instagram, Tik Tok e Youtube. O perfil Stranger Things Brasil, presente em todas as plataformas citadas anteriormente, exceto o Tik Tok, tem os seguintes números:

- **Facebook (facebook.com/strangerthings.com.br):** 599.278 seguidores;
- **Instagram (instagram.com/strangerthings.com.br):** 216.000 seguidores e 2.796 publicações desde 2016;
- **Youtube (youtube.com/strangerthingsbrasil):** 25.500 inscritos e 2.260.336 visualizações em 31 vídeos publicados até 23/07/2022

Além de estar presente em toda a esfera digital, existe também um website (strangerthings.com.br), que mesmo sendo considerado algo antigo em tempos de internet 5G, é um agregador de conteúdo publicado em todas as plataformas citadas, além de informações noticiosas sobre a série e seus atores e atrizes.

Entre as décadas de 1980, 1990 e 2000, a prática de criar coleções pessoais de filmes e séries de televisivas se popularizou entre os jovens, que com seus videocassetes tinham acesso a fitas VHS, onde podiam gravar até 6 horas de conteúdo das emissoras de TV abertas e canais por cabo e satélite. Este hábito mudou a forma de se relacionar com os conteúdos televisivos de até então, passando a permitir um primeiro passo na autonomia da audiência na escolha do que assistir e quando assistir. Além disso, permitia a troca desses VHS entre as pessoas, funcionando ainda como uma curadoria, que também era o princípio da relação com os atendentes de videolocadoras.

Na verdade, o videocassete vai mais longe que a biblioteca. Reorganiza uma série de oposições tradicionais ou modernas: entre o nacional e o estrangeiro, o lazer e o trabalho, as notícias e a distração, a política e a ficção. Intervém também na sociabilidade, ao permitir que não percamos uma reunião social ou familiar para ver um programa, ao fomentar redes de empréstimo e intercâmbio de fitas (CANCLINI, 2013, p. 284).

Esta realidade de curadoria por meio de redes de amigos e de videolocadoras sofre mudanças definitivas na primeira década do século XXI, inicialmente com a pirataria em formato digital trafegando em softwares de compartilhamento de arquivos como o Kazaa, Emule e Torrent, que foi o primeiro grande motivo de queda das videolocadoras, pois estes arquivos digitais eram comercializados em bancas de comércios populares em formato de CD e DVD.

Posteriormente, na década que se iniciou em 2011 em diante, o movimento do streaming chegou com a Netflix, alterando até o sentido da coleção de filmes e séries (originais) em boxes de DVD, que foram objetos de desejo de compras via Internet na década anterior (2001 até 2010), num panorama semelhante ao que Canclini dizia sobre as culturas híbridas em décadas passadas:

Proliferam, além disso, os dispositivos de reprodução que não podemos definir como cultos ou populares. Neles se perdem as coleções, desestruturam-se as imagens e os contextos, as referências semânticas e históricas que amarravam seus sentidos (CANCLINI, 2013, p. 283).

Neste contexto de objetos culturais que se sucedem intensamente, no efêmero no qual o entretenimento é baseado, é relevante entender como os produtos televisivos com estrutura nostálgica, lançados para atender essa demanda, são recebidos e por qual motivo fazem sucesso com a juventude atual, que tem essas informações sobre os anos 80 como memória cultural, repassada pela geração que vivenciou aquela época, seus pais por exemplo. Canclini explica essa diferença geracional:

As novas gerações se tomaram protagonistas nos últimos anos. Comprova-se na vida social integrada: empresas cujos diretores têm menos de 35 anos; o percentual ascendente de jovens nas práticas de consumo; a sua versátil combinação de músicas, nacionalidades, gêneros e formatos. Enquanto as gerações mais velhas costumam parar nos gostos nos quais se socializaram: o bolero, o tango ou a cumbia, os mais novos circulam pelo espectro de ofertas e as tornam híbridas; isso, de alguma maneira, amplia a sua presença na produção, na comunicação e no lazer culturais (CANCLINI, 2021, p. 73).

Outra questão importante é tratar dos conflitos geracionais, pois os jovens, de qualquer época, sempre estão vivendo o presente, sem preocupações com o passado, importando-se apenas com seus

hábitos, sua moda atual, seus ídolos do momento. E vivendo as angústias de sua geração jovem. Para o sociólogo húngaro Karl Mannheim,

O conceito de “geração” entronca na sociologia do conhecimento que se propôs a levar a cabo e corresponde a um fenômeno cuja natureza é essencialmente cultural: a geração consiste num grupo de pessoas nascidas na mesma época, que viveu os mesmos acontecimentos sociais durante a sua formação e crescimento e que partilha a mesma experiência histórica, sendo esta significativa para todo o grupo, originando uma consciência comum, que permanece ao longo do respectivo curso de vida. A ação de cada geração, em interação com as imediatamente precedentes, origina tensões potenciadoras de mudança social (MANNHEIM, 1993, apud SARMENTO, 2005, p. 364).

Esta relação de comunicação truncada entre geração atual de jovens e a geração de seus pais é tema recorrente na cultura, sendo a música “Como nossos Pais”, criação de Belchior e eternizada na voz de Elis Regina, um exemplo disto.

A música retrata o momento que a juventude dos anos 1970 (a música foi composta em 1976) vivia a ditadura militar no Brasil, retratando o contexto social da época, mas que tem em suas entrelinhas versos atemporais, que podem ser interpretados de maneira semelhante por as gerações jovens dos anos 1980, 1990, até de 2020 em diante: “Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais” (BELCHIOR, 1976).

Este trecho é significativo, pois realça que apesar de todo o conflito geracional, há um apego ao passado, à memória cultural repassada por pai e mãe. E essa herança é destacada no verso seguinte, na insistência em mostrar que o que era bom no passado é o que ainda é bom para os dias de hoje: “Nossos ídolos ainda são os mesmos e as aparências não enganam não. Você diz que depois deles não apareceu mais ninguém” (BELCHIOR, 1976).

Mas o desejo da criação de uma identidade própria persiste, como o verso a seguir demonstra: “É você que ama o passado e que não vê que o novo sempre vem” (BELCHIOR, 1976).

Outra música que relata conflitos geracionais, esta representante do rock brasileiro dos anos 1980, é “Pais e filhos”, escrita pelo cantor e compositor, líder da banda Legião Urbana, Renato Russo. Nela a juventude é retratada na fase em que os jovens não compreendem o mundo ao seu redor e o que acontece com si mesmos, julgando seus pais como responsáveis por esse conflito: “Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo. São crianças como você, o que você vai ser quando você crescer?” (JÚNIOR, 1989).

São os jovens que crescem, viram adultos e depois tornam-se pais, reiniciando o conflito de geração, num ciclo infinito. Como estas diferentes gerações se relacionam com as séries televisivas criadas a partir de motivações mercadológicas de cunho nostálgico é o grande interesse de pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mercado da nostalgia existe porque há uma demanda, que é alimentada por um apelo emocional e sensorial da volta ao passado, do resgate, para quem viveu, e experimentação, para a geração mais nova, do tempo em que a “vida era melhor”. São produtos criados em forma de bens materiais e simbólicos, dentro de uma dimensão econômica baseada em pesquisas de grandes quantidades de dados. Qual a razão desta volta ao passado e por que seus produtos são tão atraentes?

Este fenômeno cultural é o que instiga a pesquisa que está em andamento, sendo este um início da investigação.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro (Debates)**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BELCHIOR, Antônio Carlos. **Como nossos pais**. In: COSTA, Elis Regina Carvalho. **Falso Brillhante**. Rio de Janeiro: Phonogram/Philips, 1976.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: Zouk, 2012.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOYM, Svetlana. **Mal-estar na nostalgia**. 3.ed. The Hedgehog Review, v. 9, n. 2, sum, 2007.
- CANCLINI, Néstor García. **Cidadãos Substituídos por Algoritmos**. São Paulo: EdUSP, 2021.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed., São Paulo: EdUSP, 2013.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: a era da informação – economia, sociedade e cultura**. V.1. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Com 'Stranger Things' e 'Top Gun', podcast explica como cinema lucra com passado**. São Paulo, 7 jul. 2022. Disponível

em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/07/com-stranger-things-e-top-gun-podcast-explica-como-cinema-lucra-com-passado.shtml>. Acesso em: 11 jul. 2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice. Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JÚNIOR, Renato Manfredini. **Pais e filhos**. In: Legião Urbana: **As Quatro Estações**. Rio de Janeiro: EMI, 1989.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**: introdução à fotografia. São Paulo: Brasiliense, 1984.

OMELETE. **That '90s Show: Netflix aprova spin-off de That '70s Show**. São Paulo, 8 out. 2021. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/netflix/that-90s-show-netflix>. Acesso em: 18 out. 2021.

ORACLE. **O que é Big Data?** São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.oracle.com/br/big-data/what-is-big-data/>. Acesso em: 11 jul. 2022.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Mercado da nostalgia e narrativas audiovisuais**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, v.21, n.3, set/dez 2018. Brasília: E-compós, 2018.

ROCHA, Simone Maria; FERRARAZ, Rogério (org.). **Análise da ficção televisiva**: metodologias e práticas. Florianópolis: Insular, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e Alteridade**: Interrogações a Partir da Sociologia da Infância. Educação & Sociedade, v. 26, n. 91, maio/ago. 2005. Campinas: CEDES – Unicamp – Centro de Estudos Educação e Sociedade, 2005.

STRANGER THINGS. **1ª temporada**. Direção: Matt Duffer e Ross Duffer. Produtores: Karl Gajdusek, Cindy Holland, Brian Wright, Matt Thunell, Shawn Levy, Dan Cohen, The Duffer Brothers, Iain Paterson. Netflix, 2016.

VOGEL, Joseph. **Stranger Things and the '80s**: The Complete Retro Guide. Nova Iorque: Cardinal Books, 2018.

WIKIPEDIA. **Stranger Things**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Stranger_Things. Acesso em: 18 out. 2021.

AS JUVENTUDES, OS OUTROS E O DESAFIO PÓS-PANDEMIA: A PERIFERIA COMO ESPAÇO DE SOBREVIVÊNCIA

Marcela Cristiane Ribeiro Brito
Débora Cristina Tavares

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar reflexões sobre as juventudes de uma escola pública no universo da periferia de Cuiabá-MT, cuja demarcação temporal se dá no período posterior ao isolamento social determinado pela pandemia da covid-19. Sob o olhar diversificado das juventudes com um caminhar de mãos dadas com autores como Canclini, Adorno, Martín-Barbero, Castells e Sarlo, o texto aponta alguns debates realizados durante as aulas do Programa de Pós-Graduação em Estudos em Cultura Contemporânea (PPGECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), na disciplina “Comunicação: Práticas e Conexões Culturais” alinhado ao caminhar pesquisador em uma escola pública de Ensino Fundamental de Cuiabá-MT. Reflexões sobre os jovens e o contexto sociocultural dialogam com as bibliografias no campo da comunicação e da cultura para mobilizar diálogos sobre as juventudes da periferia.

Palavras-chave: Juventudes, Covid-19, Consumo e Cultura.

CONTEXTO DAS JUVENTUDES DA PERIFERIA

Vivenciar o atual momento é um desafio para todas as pessoas, tendo em vista que a sobrevivência durante a pandemia da covid-19 é uma conquista diária. O número de mortes causadas pelo vírus mobilizou a população mundial a adotar medidas de combate à proliferação, e entre os atos preventivos esteve o isolamento social, o impedimento das interações interpessoais e a suspensão das atividades presenciais. Este cenário de uso de máscaras faciais, de álcool em gel e o não contato físico entre as pessoas se intensificou em 2020 e, desde então, estar vivo é uma vitória. Mas como em toda guerra, sendo esta contra o vírus, há consequências trazidas pela batalha como a retomada das atividades econômicas, dos encontros em espaços comuns, e o retorno das aulas presenciais no ano de 2021 de forma gradual e integralmente em 2022, foi um entre os vários desafios que a sociedade encarou.

O número de pessoas que não resistiram ao vírus e perderam suas vidas em 2021 somou 412.880, conforme levantamento realizado pela agência de notícias CNN Brasil. Em 2020 foram

194.949 pessoas que tiveram suas vidas ceifadas. Somado a estes números, estão as famílias que lidam com a perda de seus parentes, com a dor do luto e aquelas pessoas que se infectaram e lidam com as sequelas trazidas pela enfermidade. Atualmente, conforme levantamento do site Wordlometer, o Brasil soma mais de 685 mil mortos pelo vírus.

É neste contexto que estão as juventudes acompanhadas pela presente pesquisa, sendo a proposta investigar a fase de retomada das atividades presenciais e a tentativa de voltar à normalidade, que antes da pandemia já era questionada. A pesquisa ocorre na Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença, localizada na região Sul da capital de Mato Grosso, Cuiabá. O bairro cuja escola pública estadual se localiza é o Tijucal, na periferia da cidade. A pesquisadora atua como coordenadora pedagógica na escola, e por isso, tem a oportunidades de dialogar diretamente com os estudantes e acompanhar a realidade da pesquisa. Neste artigo, parte da pesquisa de doutorado será apresentada, sendo as juventudes os objetos que motiva as reflexões pesquisadoras.

Nesta retomada das atividades coletivas pós-pandemia da covid-19, que volta ao normal seria este? Podemos dizer um novo normal? As juventudes brasileiras menos abastadas já encaravam a dura realidade antes do período pandêmico, e agora lidam com as barreiras trazidas pelas consequências de tantas transformações trazidas pelo vírus como desemprego, risco de morte, insegurança alimentar, acesso restrito ao sistema público de saúde. Para as juventudes mais pobres, as mazelas sociais que dividem as pessoas de acordo com seu poder aquisitivo, somadas às desigualdades sociais e as ausências de políticas públicas nas áreas da educação, saúde, moradia, acesso ao emprego, por exemplo, que já eram sofridas por meninos e meninas antes do isolamento social, se intensificaram com o aumento da vulnerabilidade, da inação do poder público e definiram caminhos de muitos adolescentes que abriram mão dos estudos para sobreviver e até, sustentar as famílias.

Um estudo realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), aponta que em 2019 os meninos, estudantes pretos e indígenas das classes sociais mais baixas foram os principais personagens do quadro de não conclusão dos estudos formais. Entre os motivos estão a reprovação e o abandono da rotina de aulas na escola. Esta pesquisa já apontava no ano anterior à pandemia um dos desafios da educação brasileira. Agora, em 2022, as defasagens de aprendizagem se acentuaram e deixam as muitas juventudes em crise quanto a perspectiva do futuro, sobretudo os jovens que vivem em situação de vulnerabilidade.

Com a suspensão das atividades presenciais em 2020, como as aulas nas escolas e o fechamento de muitos espaços de atendimento ao público, formou-se uma combinação que deixou os jovens dos bairros mais pobres mais expostos a aceitação de trabalhos informais remunerados, ou mal remunerado, para ajudar no sustento da família, uma vez que muitas mães e pais perderam seus empregos com o fechamento de fábricas e setores da economia de atendimento ao público. Com a retomada das aulas

presenciais, muitos desses jovens não conseguiram abrir mão da renda resultante do trabalho para voltar às aulas e terminar seus estudos da Educação Básica.

A descrição acima é um cenário atual apontado pelo levantamento da Coalização Global de Educação, documento lançado pela UNESCO em 2020. A pesquisa aponta que 1,5 bilhão de crianças e jovens vêm sofrendo o impacto do fechamento de escolas em 192 países, o que afeta desproporcionalmente os mais vulneráveis. Os dados apontam que a crise no sistema educacional se acentuou atingindo a todos. Por um lado, temos os jovens que não retomaram às escolas que ofertaram o ensino, e por outro a dura realidade do fechamento das instituições educacionais em um momento crucial para a reestruturação da sociedade.

ESTES SÃO OS OUTROS ...

Estes elementos que descrevem a atualidade vivida pela população e os desafios encarados pelos jovens foi um dos temas de debate durante as aulas do Programa de Pós-Graduação em Estudos em Cultura Contemporânea (PPGECCO), na disciplina “Comunicação: Práticas e Conexões Culturais”, ministradas no primeiro semestre de 2022. Dentre os autores da ementa da formação estava Nestor Garcia Canclini que mobiliza a reflexão crítica sobre as culturas juvenis e aponta as adversidades dos jovens com base em uma pesquisa realizada em 2000, na obra “*Diferentes, Desiguais e Desconectados*”.

Ao fazer referência aos jovens informatizados, entretidos e os outros, Canclini (2005) apresenta a discrepância entre os que têm acesso aos produtos ofertados pelo sistema capitalista, atendem aos apelos com o consumo de bens materiais e culturais enquanto outra parcela da população vive o desejo de consumir, de possuir produtos que não podem pagar, sendo estes denominados pelo autor como os outros. A proposta as novas gerações é que sejam globalizadas para atuarem como trabalhadores e também consumidores em um mercado cuja exigência é de qualificação, mas em contrapartida, há limitações dos direitos trabalhistas (CANCLINI, 2005, p. 211).

Os diálogos sobre as culturas juvenis durante os encontros formativos, ministrados pela professora doutora Débora Cristina Tavares, possibilitaram relacionar os debates e os autores na área da cultura e comunicação com a pesquisa em andamento a qual se propõe a autora deste artigo no tocante as juventudes e a realidade de periferia em uma escola pública da capital de Mato Grosso. As contribuições bibliográficas somadas às contribuições do grupo de pesquisadores da disciplina possibilitaram aliar os estudos teóricos com a realidade da pesquisa, somando à experiência da pesquisadora que atua na escola onde a pesquisa ocorre e atua na função de coordenadora pedagógica.

Tal experiência no atendimento direto aos estudantes da escola estadual do bairro Tijucal, possibilita a escuta ativa dos anseios dos estudantes e acompanhar muitos conflitos vivenciados por meninos e meninas da Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença.

A descrição da realidade juvenil da obra de Canclini se assemelha aos jovens de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, que cursam o Ensino Fundamental na escola onde a pesquisa se desenvolve. Muitos destes estudantes se enquadram na descrição dos consumidores limitados de obtenção das informações por comporem a camada social menos abastada do sistema capitalista. Muitos destes adolescentes, por exemplo, compõem o grupo das famílias que sofrem com insegurança alimentar, ou seja, não possuem a garantia de um prato de comida nas refeições diárias. A fome voltou a ganhar proporção nos últimos anos e se superou em 2022, conforme aponta o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. A pesquisa mostra que só 4 entre 10 famílias conseguem acesso pleno à alimentação e que em 2022, 33,1 milhões de pessoas não têm o que comer.

A pesquisa anterior, de 2020, mostrava que a fome no Brasil tinha voltado para patamares equivalentes aos de 2004. A continuidade do desmonte de políticas públicas, a piora no cenário econômico, o acirramento das desigualdades sociais e o segundo ano da pandemia da Covid-19 tornaram o quadro desta segunda pesquisa ainda mais perverso (REDE PENSSAN, 2022).

Além de somar forças para vencer a batalha contra fome, parte das juventudes da periferia que vivem no bairro Tijucal, em Cuiabá, lidam com as limitações de bens de serviços públicos, segurança, oferta de oportunidade de formação e ainda pouco detém de renda, ou não possuem, para conseguir acesso à internet. Com a retomada das aulas presenciais em 2021, as escolas públicas estaduais de Mato Grosso receberam incentivo governamental para disponibilização de internet nas escolas. Todavia, grande parte dos estudantes não detinham de aparelhos smartphone com suporte para acessar as plataformas virtuais, e em outros casos, o pacote de dados de internet não conseguiu atender toda comunidade escolar de uma vez.

Ao citar os jovens que não são informatizados e não podem se entreter com o universo da virtualidade de informações e produtos do mercado, Canclini denomina estes como “os outros” (2005, p.211), os que estão fora do grupo que possui poder aquisitivo para ter internet, um aparelho smartphone de última geração com espaço amplo de memória e consumir o cardápio de séries e filmes das plataformas virtuais. Estes “outros” são os estudantes da referida escola de Cuiabá que, durante o período da suspensão das aulas online em razão da pandemia, não puderam acompanhar as aulas ministradas pela internet. São os chamados estudantes apostilados, pelo fato de não acompanhar as

interações virtuais proposta pela escola e o corpo docente e para não somar mais prejuízos, buscavam na unidade escolar as apostilas para os estudos individualizados, solitários, e por vezes, sem sentido.

Estes jovens cursam as séries finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), cuja faixa etária varia de 12 a 15 anos, moram no bairro Tijucal ou na vizinhança, como Lagoa Azul, Jardim Passaredo, Osmar Cabral, Pedra 90, loteamentos populares como Brasil 21, Nico Baracat, entre outros. Conforme levantamento da secretaria da escola, 75% dos estudantes estão registrados no Sistema Mato-grossense de Transporte para a obtenção de passe estudantil gratuito para utilizar o transporte público como meio de condução para ir à escola.

No período da pandemia da covid-19, a Equipe Gestora da Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença registrou em 2020 e 2021 que menos de 40% dos estudantes matriculados acompanhavam as aulas online pela plataforma oferecida pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (Seduc-MT). Tendo em vista a pouca adesão às aulas pela plataforma, a escola também utilizou a ferramenta de conversação virtual *WhatsApp* para ampliar o número de alunos online, e mesmo assim, mais de 60% dos estudantes não acompanharam as aulas e recorreram às apostilas.

A realidade da exclusão digital faz com que o abismo entre os que detém condições de manter as aulas online e, de certa forma, ter uma rotina de estudos durante o isolamento social, aumente se comparado àqueles que não assistem aos vídeos das aulas dos professores com as explicações e exercícios direcionados e não interagem virtualmente com os professores das turmas.

[...] À diferença do liberalismo clássico, que postulava a modernização para todos, a proposta neoliberal leva-nos a modernização seletiva: passa de integração das sociedades para a submissão da população às elites empresariais, e destas aos bancos e aos investidores e credores transacionais (CANCLINI, 2005, p.212).

Manifestações culturais com criticidade, questionamento da realidade de desigualdades são ações juvenis apontadas pelo autor acima para romper com a barreira do conformismo e com a cultura do imediatismo. Outro ponto destaque é a ruptura com a atual política que restringe o futuro das juventudes e faz com que o passado seja redundante (CANCLINI, 2005).

O olhar crítico sobre a realidade também foi apontado no debate sobre a Industrial Cultural (ADORNO, 1978) e a relação com as vivências sociais que compartilhamos. Ao fazer referência a esta indústria, Adorno observa que a massa era vista como imutável e as pessoas como consumidoras de forma objetificada. O comportamento foi apontado como conformista para que houvesse a manutenção do poder aos grupos hegemônicos, restando a massa consumir, não questionar e manter a ideia de que o “o mundo quer ser enganado” (ADORNO, 1978, p. 292).

Ao contextualizar os mecanismos da indústria cultural para 2020, mais uma vez fez-se a ligação com a juventude e suas desilusões quanto ao futuro. Adorno aponta que o objetivo deste tipo de indústria é a reorientação das massas para que haja dependência e servidão. Atualmente, um dos grandes desafios, tanto no espaço da educação formal, quanto em outras esferas sociais, é o desenvolvimento do pensamento crítico que possibilita debates e manifestações para o combate ao amorfismo da sociedade.

Ao definir massa, Blumer (1978), destaca que esta pode ser vista como a junção de pessoas desvinculadas e alienadas de maneira desordenada. Nesse sentido, o comportamento da massa se distancia das ações organizadas e reflexivas sobre os temas atuais, há um desinteresse em debates sociais e políticos que permitem a manutenção do poder aos grupos que dominam a distribuição das informações e definem o que os demais (massa) deve consumir. Ao reconhecer o objetivo de se manter as massas, importante se faz enfatizar que as juventudes possam reconhecer o papel transformador nas ações reflexivas e críticas de maneira organizada, enquanto grupo, tornando-se público. “(...) A presença de uma questão, de discussão e de uma opinião coletiva constitui a marca do público” (p. 181).

Os debates sobre a indústria cultural tiveram grande repercussão no campo da comunicação, uma vez que os consumidores da informação passaram a ser analisados sob a ótica oposta da inércia. O próprio autor, Adorno, fez parte destes debates sobre o papel dos consumidores neste universo, no seu caráter de reação à indústria, de participação, e não de um mero receptor.

A atuação das pessoas enquanto críticas e questionadoras tem o poder de modificar a situação social, e os espaços formativos são campos férteis para as práticas reflexivas. Em sua obra “Educação e Emancipação”, o autor acima afirma que “(...) Eu diria que hoje o indivíduo só sobrevive como núcleo impulsionador da resistência” (ADORNO, 2021, p. 167). Tal afirmativa retoma aos debates sobre o papel da população no universo do consumo de informações e produção de bens culturais. Nesta obra, “Educação para a Emancipação”, o autor valoriza a educação formal para a formação de mulheres e homens resistentes e emancipados.

As juventudes que compõe o cenário da presente pesquisa, jovens do ensino Fundamental da escola pública da periferia de Cuiabá, enfrentam os desafios da pós-pandemia em vários sentidos, sendo questionável esta afirmação do que seja de fato o pós. Mesmo em 2022 com a massificação das vacinas contra a covid-19 e a redução da mortandade pelo vírus, os casos de infecção e reincidências da infecção continuam na rotina da população mundial. Além de todas as consequências trazidas pela pandemia como a crise sanitária, social, a saúde mental passou a ser tema destaque na retomada das atividades presenciais, e na escola também.

OS DOIS LADOS

Todavia, os descréditos no futuro desmobilizam ações efetivas que levariam a uma vida melhor. Exemplo disso está no campo da política: no tocante a confiança dos jovens em instituições democráticas brasileiras, a descrença é destaque (RIBEIRO; PERES; SILVA, 2021). Após a realização de uma pesquisa com as juventudes, os autores destacaram que os jovens apresentam ausência de crença nas instituições políticas sendo uma tendência relacionada à crise de representatividade no sistema político atual (p. 34).

Em contrapartida a pesquisa acima, dados apresentados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) apontam recorde no registro de jovens eleitores brasileiros. Entre janeiro e abril deste ano o país ganhou 2.042.817 novos eleitores entre 16 e 18 anos, um aumento de 47,2% em relação ao mesmo período em 2018. A atual conjuntura política do país já apresenta os reflexos da importância juvenil no processo democrático que define os rumos de toda sociedade.

Castells (2015) analisa a diferença de pensamento entre os jovens e os adultos e observa que os jovens possuem a capacidade de viver aliado às tecnologias enquanto os adultos temem pela falta de controle, pela liberdade que o mundo digital proporciona. O autor destaca que a juventude tem a capacidade de viver a partir de si, independente da forma que os adultos esperam. Apesar da descrença em instituições pública, a juventude demonstra o interesse em participar das decisões políticas do país.

Outro debate referente à juventude, realizado na disciplina “Comunicação: Práticas e Conexões Culturais”, retoma a realidade socioeconômica da população brasileira, sendo os jovens o foco da pesquisa no campo da cultura e da comunicação. Ao tratar do tema “Abundância e pobreza”, Sarlo debate a reorganização do conceito centro na geografia das cidades e o papel que os shoppings center assumirem no imaginário popular como espaço extraterritorial e não excludente quando os frequentadores atendem ao padrão social determinado para fazer parte daquele espaço de consumo ou desejo de consumo. Caso o contrário aconteça, do não cumprimento dos códigos de comportamento e apresentação visual discrepante das vitrines, estas pessoas deixam de ser bem-vindas e passa para a ser excluídas.

Apesar do shopping center ser a representação do consumismo, Sarlo (2004) afirma ser este espaço de inclusão e onde acolhe os mais pobres com o oferecimento de serviços que as periferias carecem como: espaços limpos, segurança e acesso a uma diversidade de atendimentos. A autora mobilizou ao debate sobre as carências que a população pobre encara na rotina diária e encontra no shopping um refúgio climatizado e de lazer. Em Cuiabá, a referência de entretenimento para os estudantes das escolas públicas e particulares são estes centros de comércio, conforme observação da pesquisadora que acompanha os jovens da escola pública do bairro Tijucal. Destaca-se que apesar dos

espaços ofertados pelos shopping centers atender a todos os públicos, as pessoas devem atender a certas exigências de comportamento e aparências para não serem expluídas destes locais.

Entre as reflexões realizadas sobre os jovens estão as características citadas pela autora a citar a obsolescência acelerada em consonância com a necessidade do mercado em atender ao público jovem e consumista (SARLO, 2004, p. 41). Esta necessidade consumista entra em confronto com a realidade dos jovens de periferia que não detém de poder aquisitivo para atender aos apelos mercadológicos, e mesmo estando nos shoppings center, não consomem tudo que desejam.

A autora cita os dois tipos de consumidores nestes espaços: os que consomem e os que desejam consumir, Parte dos jovens que compõe as turmas da Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença se enquadram no segundo grupo, do desejo de consumir, de poder comprar os produtos. Esta contradição reflete o círculo vicioso do sistema capitalista, da indústria cultural de buscar formas para investir nos desejos que foram produzidos pelo mesmo sistema que apresenta uma gama de produtos para manter a necessidade de consumir o novo, o inédito.

Além de todos os confrontos trazidos pela pandemia da covid-19, as juventudes precisam superar os problemas sociais que já existiam antes de 2020, e reafirmar suas identidades culturais nos diversos contextos sociais sem perder o sonho, o desejo de uma vida melhor, de um futuro próspero, em resposta às indagações como esta feita pelo autor:

“[...] por que se evaporam as utopias e quase ninguém faz questão de tê-las; por que os jovens vivem no instante; por que não se interessam pela história nem por ter história e olham com ceticismo ou indiferença quem lhes fala de futuro” (CANCLINI, 2005, p. 210).

Muitas foram as partilhas realizadas nos encontros das aulas que possibilitou a reflexão das realidades, as percepções de cada qual sendo massa, público e a opinião pública (BLUMER, 1978). Foram nestes encontros acadêmicos que pôde-se fazer o contraponto da Indústria Cultura (ADORNO, 1978) e a Sociedade de Massa (MARTÍN-BARBERO, 2015). Conforme este último autor citado, a cultura de massa foi a primeira possibilidade de propagação em larga escala dos bens culturais.

Pretende-se, portanto, com a presente pesquisa em andamento, relacionar como as juventudes da periferia de uma escola pública de Cuiabá-MT se manifestam no espaço da educação formal com o seu protagonismo em um período pós-distanciamento social e interações presenciais retomadas, ainda resistindo aos entraves da pandemia que persiste em ficar na rotina da população.

Tendo como base a realidade do bairro periférico de Cuiabá e a vivência com os jovens da Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença, aliada aos autores que compuseram este artigo, esta pesquisa em andamento destaca o quanto estas juventudes que fazem parte da observação pesquisadora enfrentam as consequências da pandemia seja no âmbito da saúde do corpo, da mente com quadros de depressão e ansiedade, seja no contexto social. Parte dos adolescentes relatam o quanto a escola está

sendo importante para a retomada das ações pós-isolamento social e como as interações fizeram falta durante a pandemia. As questões sociais também se evidenciaram na escola com casos de estudantes que são infrequentes nas aulas por não conseguir conciliar o trabalho com os estudos.

Este “outros” apontados no texto nos mobiliza a refletir sobre a importância da atuação das representações políticas para atender os mais vulneráveis, de políticas públicas nos diversos setores para que estes jovens sejam de fato atendidos e acolhidos e possam ter esperança de vivenciar um futuro que supere os desafios trazidos pela pandemia da covid e as dificuldades que antes do momento pandêmico já acompanhavam a rotina destas famílias instáveis economicamente.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. 4º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. 3ª ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz e Terra, 2021.

BLUMER, Herbert. A massa, o público e a opinião pública. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural**. 4º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

Castells, Manuel. (2015). **O poder da juventude é a autocomunicação**. Youtube, 25 abr. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0L9c2h0TTLo>. Acesso em: 01 ago. 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

RIBEIRO, Eliane; PERES, João Pedro da Silva; SILVA, Ana Beatriz Pinheiro e. Marco Social e Político. In: **Pesquisa Juventudes no Brasil 2021**. CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (Coord). Disponível em: <https://oji.fundacion-sm.org/pesquisa-juventudes-no-brasil-2021/?lang=pt-br>. Acesso em: 03 ago. 2022.

ROSA, André; TADEU, Vinícius. **Brasil encerra 2021 com 412.880 mortes no ano por Covid-19**. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-encerra-2021-com-412-880-mortes-por-covid-19/>. Acesso em: 05 ago. 2022.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, artes e videocultura**. 3º ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

TSE comemora marca histórica de jovens eleitores nas Eleições 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Maio/tse-comemora-marca-historica-de-jovens-eleitores-nas-eleicoes-2022>. Acesso em: 05 ago. 2022.

UNESCO. **Inclusão, equidade e desigualdades entre estudantes das escolas públicas de ensino fundamental no Brasil**. Maria Teresa Gonzaga Alves (org.) Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000382175>. Acesso em: 01 ago. 2022.

UNESCO. **Coalização Global de Educação.** Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/globalcoalition>. Acesso em: 05 ago. 2022.

2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Disponível em: <https://pesquisassan.net.br/2o-inquerito-nacional-sobre-inseguranca-alimentar-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil/>. Acesso em: 03 ago. 2022.

WORLDMETERS. **Coronavirus cases.** Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/country/brazil/> . Acesso em 02 set. 2022.

COMUNICAÇÃO E CULTURA: A VIDA E O TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Solange Fátima de Oliveira Cruz
Cristóvão Domingos de Almeida
Débora Cristina Tavares

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre a vida e o trabalho dos catadores de materiais recicláveis, com base na teoria Barberiana, incluindo o diálogo com outros autores, no limiar entre cultura, comunicação e política. As mediações dizem respeito aos aspectos estruturantes, institucionais, conjunturais e tecnológicos, além de institucionalidades, socialidades, tecnicidades e ritualidade. Essas reflexões têm a intenção de aprofundar os estudos dos mapas das mediações, de Martín-Barbero, provenientes de vários aspectos, e do método cartográfico, que possibilitam seguir caminhos para entender o contexto de vida e trabalho dos catadores de resíduos (materiais recicláveis) na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Cultura, Comunicação, Política e Teoria barberiana.

INTRODUÇÃO

*Eu vejo o futuro repetir o passado.
Cazuza*

Ao longo da história, as sociedades e suas instituições procuraram se adaptar as novas reconfigurações sociais e culturais que se apresentam no decorrer do tempo, com cada momento expressando suas próprias especificidades e respostas.

A sociedade contemporânea resulta de mudanças ocorridas ao longo de séculos, aceleradas nos últimos tempos pelo progresso científico e tecnológico e pelo avançado estado de globalização, na qual a comunicação e a cultura produzem e interferem nas percepções sobre o mundo que nos rodeia.

A partir dessa base, o presente artigo apresenta-se em seis partes. A primeira apresenta características introdutórias da sociedade contemporânea; a segunda parte, com o título “As Mediações Culturais – Catador de Resíduos na Sociedade do Espetáculo”, descreve como essas mudanças contribuíram para que a comunicação e a cultura interferissem na percepção humana sobre os acontecimentos cotidianos e históricos na sociedade do espetáculo, abordando sobre os efeitos e o modo de recepção das mensagens veiculadas pelos meio de comunicação de massa e, posteriormente,

pelos estudos culturais que possibilitaram a compreensão das teorias das mediações culturais. E, nesse contexto de mediações culturais, a percepção da sociedade sobre os catadores e deles a respeito de seu trabalho e vida se remodelam mutuamente.

A terceira parte, intitulada “O Calafrio Epistemológico de Marti-Barbero e a percepção da ‘subida do catador na escada rolante que desce’”, descreve uma experiência pessoal na função de analista ambiental, nos remete ao citado fenômeno Calafrio Epistemológico, que nos fez refletir sobre o *modus operandi* do licenciamento ambiental.

A quarta parte é intitulada “Epistemologia Barberiana no contexto dos catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis”. Nesse item, realizamos uma descrição do processo de exclusão social materializado no trabalho desenvolvido pelos catadores, dos modos de ver a sua realidade e da utilização do método cartográfico com os mapas barberianos para entendimento da complexidade instalada e dinâmica decorrentes dos processos estruturantes.

Na quinta, intitulada “Registros do Trabalho no Corpo, Mente e Vida” persistida nas narrativas dos catadores de materiais recicláveis, são abordadas narrativas que mostram as marcas no corpo, mente e vida provenientes do ambiente de trabalho no lixão.

Por fim, na sexta parte, “Considerações finais”, apresentamos algumas das reflexões que expressam o interesse no aprofundamento dos estudos do método cartográfico, das mediações culturais, da sociedade do espetáculo para entender a performance dos catadores de resíduos na dinâmica da contemporaneidade. E, assim, seguimos adentrando a interpretação desse espetáculo contemporâneo.

O ESPETÁCULO DAS MEDIAÇÕES CULTURAIS NA VIDA DOS CATADORES DE RESÍDUOS

Debord (2003, p. 07), no prólogo do livro “A Sociedade do Espectáculo”, refere-se ao tratamento “das transformações efetivas na natureza mesma da produção industrial, como nas técnicas de governo, que começava a autorizar o uso da força espetacular”. E acrescenta comentários sobre a sociedade do espetáculo, que

[...] estabeleceram claramente que a precedente ‘divisão mundial das tarefas espetaculares’ entre os reinos rivais do ‘espetacular concentrado’ e do ‘espetacular difuso’ havia de agora em diante acabado em benefício de sua fusão na forma comum do ‘espetacular integrado’ (DEBORD, 2003, p. 7).

Nesse contexto fusional, Debord (2003, p. 7) acrescenta que a “prática unificada do espetacular integrado, hoje, ‘transformou economicamente o mundo’, ao mesmo tempo que ‘transformou policialmente a percepção’ ”.

Nessa EncenaÇÃO, realidade econômico-política do mundo unificado, nos remetemos à tese 105 de Debord, quando expressa:

Ideologia já não é uma arma, mas um fim. A mentira que não é mais desmentida torna-se loucura. A realidade, assim como a finalidade, são dissolvidas na proclamação ideológica totalitária: tudo o que ela diz é tudo o que é. É um primitivismo local do espetáculo, cujo papel é, todavia, essencial no desenvolvimento do espetáculo mundial. A ideologia que se materializa aqui não transformou economicamente o mundo, como o capitalismo chegando ao estágio da abundância; ela só transformou policialmente a percepção (DEBORD, 2003, p. 82-83).

Trata-se de um cenário consequencial, que Debord assim descreve:

A história que está presente em toda a profundidade da sociedade tende a perder-se na superfície. O triunfo do tempo irreversível é também a sua metamorfose em tempo das *coisas*, porque a arma da sua vitória foi precisamente a produção em série dos objetos, segundo as leis da mercadoria. O principal produto que o desenvolvimento econômico fez passar da raridade luxuosa ao consumo corrente é, pois a *história*, mas somente enquanto história do movimento abstrato das coisas que domina todo o uso qualitativo da vida. Enquanto o tempo cíclico anterior tinha suportado uma parte crescente de tempo histórico vivido por indivíduos e grupos, a dominação do tempo irreversível da produção vai tender a eliminar socialmente este tempo vivido (DEBORD, 2003, p. 117-118).

A abordagem sobre os efeitos e o modo de recepção das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa consequente dessa dinâmica complexa foi foco dos primeiros investigadores dos estudos de recepção, conforme Canclini (2003), que ignoraram os aspectos socioculturais e as características do receptor e apontaram os meios de comunicação como protagonistas centrais do processo comunicacional, preocupando-se em saber como eles atuavam para manipular suas audiências.

Assim, os estudos de recepção se caracterizavam pela posição dicotômica dos trabalhos, que se preocupavam unicamente em posicionar o receptor como passivo ou ativo diante das mensagens emitidas pelos meios de comunicação.

Entretanto, Martín-Barbero (2000), influenciado pelo conhecimento dos Estudos Culturais, desenvolveu a Teoria das Mediações culturais para compreender o processo comunicacional a partir dos dispositivos socioculturais que envolvem a emissão das mensagens.

A contemporaneidade valoriza a informação e a tecnologia tanto quanto o desejo pelo consumo. Na chamada Era da Informação, as transformações acontecem em ritmo acelerado. A corrida tecnológica que torna os produtos descartáveis e obsoletos também movimentada rapidamente as

engrenagens sociais, responsáveis pelas mudanças significativas na sociedade, e causam uma série de interferências ambientais.

São interferências que impactam e danificam os ambientes naturais devidos à subtração de recursos naturais para produção de objetos e deposição de resíduos sólidos provenientes dos descartes da produção, do transporte, da obsolescência e uso/vida útil do objeto. Na “morte” desses objetos surgem os resíduos que, aos olhos dos catadores de materiais descartáveis e recicláveis, tornam-se objetos de desejo para coletarem e venderem para as empresas de reciclagem transformarem em novas mercadorias. É como um dos agentes sociais (in)visíveis nesse processo que os catadores trabalham para manter suas necessidades básicas e de suas famílias.

E, com a finalidade de uma melhor qualidade de vida, os catadores precisam compor organizações (cooperativas ou associações) e se estruturarem para participar de licitações, compra e venda de materiais, *etc.* Nesse processo organizacional e estrutural, essas organizações necessitam obter o licenciamento ambiental, que é um caminho complexo, intrincado e burocrático que o catador vê como uma coisa enigmática, indecifrável e desmedida de suas posses.

Em Mato Grosso, foram realizados levantamentos quantitativos de catadores e de lixões para registros e definições de políticas públicas ambientais com inclusão social. Durante esse período, foram desenvolvidas atividades para estímulo aos catadores se agruparem em cooperativas ou associações, com a finalidade de se organizarem e estruturarem para o devido licenciamento ambiental. Mas foi perceptível a alguns técnicos que, após os catadores de resíduos se constituírem nessas organizações e procurarem o licenciamento ambiental, patinavam, como se tentassem “subir numa escada rolante que desce”, e raramente atingiam seu objetivo, que era o de se legalizarem por meio do licenciamento ambiental para melhoria da qualidade de vida. Essa situação era devido ao fato de que são necessários inúmeros documentos administrativos e técnicos oriundos de estudos ambientais dispendiosos financeiramente. E, assim, nos remetemos a essa situação análoga, dos catadores tentarem “subir numa escada rolante que desce”, ou seja, empenham uma energia imensa para atingir-uma condição, contra uma força adversa, na tentativa de se legalizarem, sendo essa força o componente político-ideológico que age como um maquinário da sociedade capitalista que produz um exército de necessitados, base da economia neoliberal.

O CALAFRIO EPISTEMOLÓGICO DE MARTÍN-BARBERO E A PERCEPÇÃO DA “SUBIDA DO CATADOR NA ESCADA ROLANTE QUE DESCE”

O contexto relatado anteriormente retrata o momento oportuno que nos despertou o sentimento de que participávamos – embora sem a devida clareza – de um processo performático da sociedade

contemporânea que impõe uma estética própria e que induz as cooperativas e associações de catadores de resíduos a não atingirem a organização documental, a estruturação física e a capacitação necessárias à sua legalização e à sua visibilidade social. Acreditamos que esse momento foi uma experiência de vida semelhante ao fenômeno denominado “Calafrio Epistemológico”, sentido por Jesús Martín Barbero, descrito na introdução do livro “Procesos de Comunicación y Matrices de Cultura” (1987, p. 11-13), em que descreve a emoção, sentida em uma entrevista realizada por Huerco, Morawicki (2016 [2008], p. 155).

O verdadeiro Calafrio Epistemológico veio ao perceber que havia visto outro filme, e o que precisava era aprender a analisar o que eles, os outros, viam. Insultar as pessoas comuns por sua ignorância *não ajudava em nada* a transformar a sociedade. E isso foi o que me levou a ver com as pessoas o que elas gostam. Que *é a* única maneira de sair de nosso mundinho e nos aproximarmos de seus mundos de vida [...]. Saí do cinema traumatizado, completamente traumatizado. Foi aí que nasceu *Dos meios às mediações*.

Cabe salientar a análise feita por Martín-Barbero:

[...] poder da comunicação com base no que possibilitavam as novas tecnologias, seu olhar sobre o fenômeno construiu-se desde outro lugar, sendo fiel ao “Calafrio Epistemológico” que embala o princípio de seus estudos sobre a cultura e guiam seu olhar sobre os processos comunicacionais. Disse ele: “centrei minha exposição na não contemporaneidade entre as tecnologias de comunicação e seus modos de uso na América Latina. Incluída a assimetria entre a sintaxe dos discursos midiáticos e a gramática das mediações desde a qual a gente os lê, os ouve e os vê”. (2004, p. 23).

Lopes (2018, p. 44) destaca que Martín-Barbero também fez do Calafrio Epistemológico assunto de uma conferência intitulada “Los inesperados efectos de un escalafrio epistemológico”.

Foi a essa experiência a que tempos depois chamei pomposamente de Calafrio Epistemológico: um calafrio intelectual que se transformou em ruptura epistemológica pela necessidade de mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas. E o deslocamento metodológico indispensável, feito de aproximação etnográfica e distanciamento cultural, que permitiria ao pesquisador ver-com as pessoas, e as pessoas contarem o que tinham visto. Aquele exercício mudou minha vida, a partir daí minhas perguntas e investigações deixaram de partir dos meios para indagar as mediações que tecem a complexa relação das pessoas não apenas com os meios audiovisuais, mas: como as pessoas se comunicam na praça do mercado na esquina do bairro, no estádio? (MARTÍN-BARBERO *apud* LOPES, 2018, p. 44).

A fidelidade que mantém Martín-Barbero ao cruzamento de experiência de vida com a teoria que se encontrara num cenário pessoal e que resultou no Calafrio Epistemológico lhe permitiu, segundo

Lopes (2018, p. 43), “uma experiência estética não redutível ao mero reflexo, ou à resistência e à percepção de estéticas do popular muito diversas do massivo ou do culto.”

O Calafrio Epistemológico relatado por Martín-Barbero nos remete a uma experiência também pessoal, sentida durante o desenvolvimento da função de analista ambiental, com relação às análises de processos de licenciamento ambiental de unidades de tratamento de resíduos de associações e de cooperativas de catadores, na qual percebemos que essas organizações dificilmente conseguiriam passar por todas as fases do licenciamento devido à complexidade nas exigências técnicas e legais onerosas e impostas pela burocracia, por meio de seus roteiros ambientais.

Essa experiência nos fez refletir sobre o *modus operandi* do licenciamento ambiental, supostamente praticado para a conservação da natureza. Tal reflexão nos propeliu a semelhantes sentimentos de calafrios, que nos impulsionaram a procurar entendimentos e respostas em áreas de conhecimento externas às áreas praticadas costumeiramente nas análises desses processos.

Assim, continuamos a caminhada na busca do entendimento do contexto, de modo intuitivo e rizomático no ambiente social – cultura, comunicação e política–, rumo a epistemologias que nos esclarecessem sobre o contexto social e humano no qual estamos inseridos e que moldam nosso modo de pensar e ver.

Essa maneira de vermos antes das palavras, conforme Berger (1972), que trata do ver que estabelece o nosso lugar no mundo envolvente, revolucionou a forma como olhamos para a arte. O autor realiza uma reflexão, em texto e imagens, sobre o modo como as nossas ideias de beleza, verdade, gênero ou classe social moldam radicalmente a perspectiva que temos da realidade.

Em momentos anteriores ao nosso calafrio, pensávamos que as organizações de catadores de materiais recicláveis deveriam ser avaliadas seguindo os mesmos critérios impostos por roteiros excludentes moldados pelo poder de uma cultura hegemônica. Sentimo-nos, assim, na necessidade de nos movimentarmos no sentido de entendermos o que acontece, indo ao subterrâneo do contexto e submergindo cognitivamente na elaboração do conhecimento e capacidades intelectual e emocional, desconstruindo e construindo a linguagem, o pensamento, a memória, o raciocínio e a capacidade de compreensão e percepção, no entendimento das coisas.

Jorge Leandro Rosa, tradutor e responsável pelo prefácio do livro “Modos de Ver”, relata que a obra:

Levanta o véu de mensagens subliminares que o poder, a propriedade, a dominação masculina ou a objetificação da mulher deixaram na nossa cultura, dos quadros a óleo à publicidade do século XX. Ao fazer notar que, quando observamos uma pintura ou fotografia, também nos observamos a observá-las, filtrando-as pelas nossas emoções e experiências, *Modos de Ver* faz de cada olhar uma crítica – um acto empático, político e poderoso. Em raciocínios

clarividentes, Berger percorre a história da arte e democratiza a sua crítica – demolindo os muros entre alta e baixa cultura –, consciente do seu curioso poder de encontrar entre nós semelhanças onde parece só haver diferenças. (Rosa, 1972).

Com ruptura nessa ambiência de um sistema radicular hegemônico profundo e transposição dos obstáculos epistemológicos, tornou-se necessário agregação de novos conhecimentos interdisciplinares, rumo à transdisciplinaridade, observando pensamentos complexos, conforme Morin (2000 *apud* LOPES, 2018, p. 40), que relata:

[...] as migrações de conceitos de suas disciplinas originárias para fecundar o terreno dos objetos e projetos transdisciplinares. Os mesmos que estão também no conhecido trabalho de Wallerstein (1996) que apresenta uma cartografia do estado disciplinar das ciências sociais que as incita a se abrirem.

Assim, a partir da pós-ruptura, seguimos na análise dos condicionantes estruturais nos processos de subjetivação em que se encontram os catadores de resíduos reutilizáveis e recicláveis, com base na teoria de Martín-Barbero (2004, p. 18), que, metodologicamente,

É um mapa para indagar a dominação, a produção e o trabalho, mas a partir do outro lado: o das brechas, o do prazer. Um mapa não para a fuga mas para o reconhecimento da situação desde as mediações e os sujeitos, para mudar o lugar a partir do qual se formulam as perguntas, para assumir as margens não como tema senão como enzima. Porque os tempos não estão para a síntese, e são muitas as zonas da realidade cotidiana que estão ainda por explorar, zonas em cuja exploração não podemos avançar senão tateando ou apenas com um mapa noturno.

Os mapas barberianos ajudam nas indagações para repensar as relações de poder e os fluxos comunicacionais desempenhados entre os órgãos públicos – agentes da sociedade contemporânea – e os catadores de resíduos porque se trata de interrelações complexas, ou seja, não são relações cujas mensagens se direcionam de emissor para receptor num processo unidirecional, mas existem muito mais coisas nessa arena, com narrativas não tão claras quanto parecem.

EPISTEMOLOGIA BARBERIANA NO CONTEXTO DOS CATADORES DE MATERIAIS REUTILIZÁVEIS E RECICLÁVEIS

O processo de exclusão social pode ser materializado no trabalho de catação de materiais recicláveis nos lixões e nas ruas, trabalho desenvolvido por um ser humano cuja profissão é

reconhecida por lei e que executa uma atividade que presta significativas contribuições para a conservação da natureza.

Vale destacar que Martín-Barbero observou que os meios de comunicação não configuram de forma determinista o ser humano, num receptor passivo abstraído de sua realidade a ponto de ser uma relação unilateral. Pelo contrário, há uma evidente interação com trocas de intenções na cadeia comunicacional, onde os conteúdos culturais e as vivências individuais geram repertórios cognitivos para interpretar a realidade. E aqui retornamos à citação de Berger (1972), nos “modos de ver”. Tais modos de ver, conjuntamente sintonizados no *modus operandi*, agem de forma organizada e estruturante, por meios das políticas públicas que incrementam as desigualdades sociais. E, à medida que cresce essa desigualdade, aumenta a pobreza e, conseqüentemente, o número de catadores de resíduos nos lixões e pelas ruas.

As políticas públicas trabalham em harmonia com a sensibilidade e as formas de percepção do povo, que, dotado de sentido, interpreta a mensagem a partir de seu repertório sociocultural.

“Nesse trágico espetáculo em que seres humanos têm como única saída para continuar obtendo uma renda que lhes permita sobreviver minimamente, garimpar, vender, comer e misturar-se ao lixo produzido por outros seres humanos” (GONÇALVES, 2006, p. 43), se aglomeram nos lixões às margens do processo de reciclagem como seres invisíveis socialmente, num trabalho extremamente insalubre.

Para o entendimento dessa complexidade, é necessário ultrapassar fronteiras disciplinares, pois, segundo Lopes (2018, p. 47), “a cartografia por possuir caráter aberto gera um contexto propício ao cruzamento de autores e conceitos provindos de diferentes áreas do conhecimento.”

A cartografia é antes que mais nada um *método* ou, como diria Morin (2000: 107) “*uma ajuda à estratégia do pensamento*”, e convém ressaltar as inspirações filosóficas que perpassam os procedimentos que a mesma propõe, até porque estes só fazem sentido enquanto operacionalizações de uma epistemologia proposta para a pesquisa de comunicação (LOPES, 2018, p. 45).

O citado autor acrescenta: “Nos mapas, aplicados ao campo comunicacional onde as mediações são dispositivos e se entrecruzam em constante movimento de mutação, renovação e atualização. (...)as mediações são dispositivos historicizados” (LOPES, 2018, p. 48).

Segundo Dantas (2008, p. 8):

[...] o ato de mediar significa fixar entre duas partes um ponto de referência comum, mas equidistante, que a uma e a outra faculte o estabelecimento de algum tipo de inter-relação, ou seja, as mediações seriam estratégias de comunicação em que ao participar, o ser humano se representa a si próprio e o seu entorno, proporcionando uma significativa produção e troca de sentidos.

Acreditamos que os mapas das mediações sejam importantes chaves na compreensão do fenômeno cultural e da comunicação fundamental para pensar os processos de invisibilidade social dos catadores de resíduos (materiais recicláveis), no contexto de manutenção da subalternidade.

A variedade das mediações diz respeito aos aspectos estruturantes, institucionais, conjunturais e tecnológicos, conforme citados por Dantas (2008) e que relatamos aqui como modeladores do modo de vida e de trabalho dos catadores.

Estamos instigados ao aprofundamento dos estudos dos mapas de Martín-Barbero. Porém, neste artigo, abordamos o segundo mapa, que tem o objetivo de estudar a cultura a partir da comunicação, deslocando o estudo das mediações culturais da comunicação para o das mediações comunicativas da cultura. Segundo Lopes (2018, p. 54), esse mapa repensa a própria noção de comunicação e passa a dar mais densidade epistemológica a fim de conhecer o que vem da comunicação.

Esse mapa mantém os espaços constitutivos ou fundantes das mediações – Comunicação, Cultura e Política – e os dois eixos, um diacrônico ou histórico (matrizes culturais e formatos industriais) e outro sincrônico (lógica da produção corresponde às competências da recepção, consumo), bem como e apresenta as múltiplas mediações, como as institucionalidades, socialidades, tecnicidades e ritualidades.

Nesse segundo mapa, Lopes (2018, p. 54) destaca que

[...] o olhar não se inverte no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. É a própria noção de comunicação que é repensada. Passa-se a dar mais densidade epistemológica de conhecer o que vem da comunicação.

Para Gadini e Pismel (2017, p. 36), Martín-Barbero busca relacionar as implicações do conceito gramsciano de hegemonia dentro de sua obra, afastando-se da Escola de Frankfurt, na medida que se aproxima dos Estudos Culturais. Gadini e Pismel destacam que:

[...] o olhar às mediações tem como pilar fundamental a noção de hegemonia, que atravessa todo o estudo sobre os fenômenos culturais na sociedade de massas. Por outro lado, o caráter do conceito enquanto estratégia política é menos desenvolvido, mas aparece implícito ao longo da obra (GADINI; PISMEL, 2017, p. 36).

Segundo o próprio Martín-Barbero (2014, p. 122), esse conceito

[...] possibilita pensar o processo de dominação social já não como imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas como um processo no qual uma classe hegemoniza, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas. E ‘na medida’ significa aqui que não há hegemonia, mas sim que ela se faz e desfaz, se refaz

permanentemente num ‘processo vivido’, feito não só de força mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade.

E, nesse cenário, as mediações tornaram-se conceito guarda-chuva para

[...] cartografar modos de relação dos sujeitos com os meios de comunicação, aprofundando a colheita de narrativas pessoais sem a análise crítica dessas mesmas narrativas e a devida inserção delas na corrente de discursos que lhes permite efeitos de sentidos, historicidade e entendimento no contexto mais amplo das relações sociais (FIGARO, 2019, p. 229).

Lopes (2018, p. 54) destaca que “as mediações devem ser entendidas como processos estruturantes que configuram e reconfiguram tanto a lógica da produção quanto a lógica dos usos.”

Sobre a dinâmica de reconfigurações, Martín-Barbero (2014, p. 196) afirma que:

[...] o que se passa na cultura quando as massas emergem não é pensável a não ser em sua articulação com as readaptações da hegemonia, que, desde o século XIX, fazem da cultura um espaço estratégico para a reconciliação das classes e a reabsorção das diferenças sociais.

Retomando às múltiplas mediações, como as institucionalidades, socialidades, tecnicidades e ritualidades, Lopes (2018, p. 55) descreve que “nas interseções dos dois eixos, o mapa desenha quatro espaços para descentrar nosso olhar de pesquisadores, e onde se localizam outras mediações”.

Na conjuntura descrita neste artigo, a relação entre as matrizes culturais e a lógica da produção é mediada por diferentes regimes de institucionalidade (interesses e poderes existentes, públicos e privados). Nesse aspecto, temos os atores sociais, como catadores de materiais recicláveis, técnicos analistas ambientais, assessores, coordenadores, superintendentes, secretários de estado, recicladores, industriais, *etc.*, com seus entendimentos e subjetividades, instrumentos legais e normativos.

Já a relação entre as matrizes culturais e as competências da recepção é estabelecida por várias formas de socialidade (laço social, relações cotidianas das pessoas como agentes). O viver em sociedade, em comunidade, nos imprime laços de desejo, saber, conhecimento e subjetividades que afetam nosso modo de ver as coisas.

E as ritualidades, como modos autorizados de olhar, ouvir, ler, ligados à memória social do gosto, da classe e do hábito, relacionam-se à lógica da produção.

REGISTROS DO TRABALHO NO CORPO, MENTE E VIDA PERSISTIDA NAS NARRATIVAS DO CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

No decorrer das últimas quatro décadas, foi possível perceber diversas alterações no modo de vida e no trabalho dos catadores de materiais recicláveis, trabalhadores informais diante de um mundo de impossibilidades para a inserção e reinserção no mercado de trabalho formal. Por isso, procuram na atividade de catação de materiais recicláveis a profissão que lhe dará condições de sobrevivência pessoal e de suas famílias

Nesse contexto, podemos encontrar mais de uma geração de uma mesma família vivendo ou sobrevivendo da catação, conforme narrado por uma catadora do lixão de Várzea Grande: “Eu trabalho no lixão desde que meus filhos eram pequenos. Algumas vezes, quando eu ia trabalhar, eu levava eles, pois não tinha com quem deixar. Depois, foram para escola, mas iam as vezes pro lixão. Quando terminaram o básico vinham também trabalhar para ajudar nas contas da casa. Lá apareceram outras crianças que foram ficando junto com nós. A família aumentou e já tem netos crescidos também trabalhando no lixão.” (Prata, 2020, informação verbal). Essa narrativa imprime uma lógica de repetição do caminho para o trabalho e sobrevivência a partir da catação no lixão.

No recorte temporal de 40 anos, ocorreram diversos adventos de avanço, dos quais destacamos a publicação das Políticas Estadual (Lei n.º 7862/2002) e Nacional de Resíduos Sólidos (Lei n.º 12.305/2010), além de diversos outros marcos legais originários de tensões provenientes de interrelações entre catador e sociedade, devido a mudanças conceituais e socioculturais que possibilitaram melhorias no trabalho e no modo de vida dos catadores. A dinâmica das forças no interior das sociedades, que fazem parte da própria condição do ser humano, impulsionam as transformações na sociedade. E essa dinâmica também imprime marcas, cicatrizes, aromas, eflúvios, dores, sofrimentos e alegrias vindas das lutas do contexto histórico de acumulação de capital, das transformações do mundo do trabalho e do desrespeito na implementação de políticas sociais. São situações muito bem relatadas por diversos catadores, quando falam de suas lutas e reivindicações por garantia de direitos e de cidadania.

No cotidiano da vida nos lixões e nas ruas, os catadores, cuja profissão foi reconhecida em 2002, demonstram que, diuturnamente, precisam ter ou demonstrar resiliência que os possibilite sobreviver. Trata-se de um contexto apresentado em detalhes no filme “Lixo Extraordinário” (*Waste Land*), dirigido por João Jardim, Karen Harley e Lucy Walker, de 2010, filmado ao longo de três anos, que retrata a visita do artista plástico Vik Muniz ao lixão de Jardim Gramacho, na periferia do Rio de Janeiro. O trabalho realizado revela a dignidade e o desespero que enfrentam quando sugestionados a imaginar suas vidas fora daquele ambiente.

Logo na entrada do lixão do Jardim Gramacho, Vik Muniz, vendo a quantidade de resíduos, relata sua primeira observação: “A Terra do Lixo”, e, mais a frente, já em cima do depósito compactado, escuta um catador falar: “Estão filmando para o Mundo Animal”.

São narrativas que expressam as primeiras impressões sobre o ambiente. E, no dia de estreia, Vik Muniz declara: “Cinema é feito por todas as pessoas e tem a sua importância. A arte social provoca mudanças, sem parâmetros sociais.” Sobre esse filme, manifestamos o nosso pensamento de que é o um recorte claro e real de cenas e narrativas factuais e autênticas de um lixão que pudemos também constatar nas dezenas de lixões que conhecemos em Mato Grosso, guardando as proporções devido às densidades populacionais geradoras dos resíduos.

Isso dito, transportamos algumas narrativas orais transmitidas no filme, que poderíamos dizer que as ouvimos nos lixões em Cuiabá, Várzea Grande e em vários outros localizados em Mato Grosso. Assim, transcrevemos algumas dessas narrativas, que demonstram marcas e cicatrizes, mas também formas de resistência, de sobrevivência e de capitulação de corpos sujeitados à violência de poderes dominantes.

“Antes da gente chegar aqui no aterro a gente tinha uma vida tranquila porque a minha mãe morava com o meu pai ainda como eu era o mais velho e tinha dois irmãos pequenos, mas o meu pai veio a falecer, minha mãe começou a passar um pouco de dificuldade e eu já conhecia aqui o Jardim Gramacho e minha mãe veio pra cá e já comecei a ajudar a ela e eu tinha nove anos e minha mãe também tinha um bom tempo, mas ela veio a falecer também.” (catador Zumbi, lixão de Gramacho, 2010). Essa narrativa relata os acontecimentos que levaram e mantiveram Zumbi no trabalho no lixão.

E, mais adiante, no filme, esse personagem real destaca que “eu estava catando aqui no campo e a tampa da carreta soltou e caiu em cima de mim e foi me arrastando e na medida que ela foi me arrastando, ela foi me imprensando, me imprensando e quebrei a perna, quebrei o braço, fraturei uma costela, quebrei esse outro braço aqui e fiquei muito mal, mal mesmo. E se não fosse meus amigos daqui... o banco (sangue) ia ficar doido e foi mais de vinte pessoas doar sangue. Foi até bom, né?! Chegou lá e o estoque de sangue ficou bom, ficou maneiro. O pessoal me deu a maior força.” (catador Zumbi, lixão de Gramacho, 2010). Vale destacar que o comportamento de solidariedade envolve os catadores nos momentos de aflições, como o que ocorreu com Zumbi, quando acometido por um sério acidente de trabalho que deixou marcas e cicatrizes no seu corpo, que se articulam ao modo de vida e de convivência no cotidiano dos lixões, promovendo diversas condições de adoecimento.

Outra narrativa transcrita do filme foi a da catadora Suelem, numa cena noturna, ao conceder uma entrevista. Segundo ela, “trabalhar a noite é melhor que de dia [...] estou trabalhando honestamente e estou ganhando a vida. Trabalho desde os sete anos, eu tenho dezoito, como o que acho por aí, o que vem da lona, o que vem a gente vai botando pra dentro, se não morrer não tá ruim e tá

dando pra viver. Vira e mexe a gente vê coisa que não é agradável, tipo da outra vez que eu subi que eu passei mal e tudo, caiu um nenê morto na rampinha e eu caí pra trás e lembrei dos meus. [...] Às vezes, vou em casa ver meus bebês, às vezes vou e volto no mesmo dia. Minha filha tem três e meu filho tem dois. O pai deles trabalham na boca de fumo e se eu contar com o pai deles eu estou frita. Às vezes, tem uns visitantes, que são os ratos.”

Nas cenas posteriores, Suelem se desloca para o transporte coletivo e chega à casa de sua mãe, uma residência precária. A mãe relata que “depois que me separei do pai deles que me espancou me machucou toda e depois eu vim para cá. E não tive como sobreviver e fiquei por aqui mesmo. A minha mais velha toma conta deles para mim trabalhar, pois tem que dar um jeito para sobreviver, e com o tempo fui pro lixo e não tinha com quem deixar, daí levei todo mundo comigo”. São histórias de vida que se repetem, deixando marcas nos corpos, nas mentes e afetam os modos de vida.

Retomando à narrativa do catador Zumbi: “Aqui chega muitos livros. Quero fazer uma biblioteca aqui. Alguns livros eu dou para o Tião ler, como Arte da Guerra.” Sobre esse assunto, o catador Tião relata: “Eu gosto muito de Maquiavel, muito mesmo, e também gosto do Nit [Nietzsche]. Ele tem uma filosofia da vida muito boa. Eu estava andando no lixo, achei aquele livro grosso, assim todo chorumado, era o “Príncipe”, de Maquiavel. Me deu neurose para ler, levei para casa e botei atrás da geladeira para secar e comecei a ler. Maquiavel escreve sobre todos os príncipes da época, daquela época em Florença, uma loucura que me lembra o Rio de Janeiro hoje. Vários lugares cada um com suas regras.... Ele falava sobre o próprio Moisés, que se tornou o líder porque falava diretamente com Deus, Cesar Borja por ser aquele Papa perverso. [...] foi no início de me tornar líder.” E acrescenta: “se tiver guerra entre favelas, pode ter certeza que vai cair um monte de defunto aqui. [...] Aqui sempre caem dessas coisas esquisitas.” Essa conversa demonstra o reconhecimento da importância dos livros, da cultura e da educação por parte de pessoas com baixos níveis de escolaridade, mas que apreendem o conhecimento, reconhecendo sua aplicabilidade.

É pertinente destacar que, com seus talentos, essas pessoas cantam, contam histórias, desenvolvem carisma, cozinham, capacidade de mediação, dentre outros.

Adiante, destacamos, Valter, um trabalhador que, se referindo às condições de vida, numa conversa na caçamba do caminhão, fala em prosa, quase cantando: “A luta é grande companheiro mais a vitória é certa. Ser pobre não é ruim. Ruim é ser rico com a moral no mais alto degrau da fama com a moral coberta de lama. É. É, isso que é ruim.” Trata-se da estrofe da música “Lama”, interpretada por Elza Soares e por Clara Nunes, composta por Paulo Marque e Alice Chaves (1952), a qual mostra que entre a fama e a lama só muda uma letra, assim como entre o luxo e o lixo.

Outro talento de grande importância no lixão é a catadora chamada por todos de irmã, cozinheira, que, no dia da entrevista, estava fazendo carne ensopada e macarrão. Conforme as suas

palavras, ela reconhece a sua dedicação e solidariedade aos companheiros do lixão: “Eu sou cozinheira de forno e fogão, de restaurante. Assim, aqui no lixo, eu faço muita coisa. Eu faço salada, maionese. Eu faço carne assada aqui e quando pinta uma carne bonita eu asso para eles e eles ficam alegres e cantam parabéns para mim. Eu me sinto muito bem aqui nesse lixo. Pode estar chovendo que eu acendo o fogo e faço a comida. Eu não deixo ninguém passar fome.” O saber cozinhar bem é um talento que, no dia a dia, no lixo, adquire o sabor da solidariedade e o aroma ou eflúvio da fome.

Sobre o contexto do lixão, a catadora Magna relata: “conheci isso aqui a quase um ano através do meu marido. Ele ficou desempregado e a gente tinha que pagar as contas, sustentar a casa. A gente chegava no ônibus e as pessoas ficavam assim ... [franzindo o nariz]. Cheguei a ponto de perguntar a uma senhora se eu estava fedendo. Sentindo mal cheiro? É porque eu estava trabalhando lá no lixão, é melhor, que seu eu estive lá em Copacabana, rodando bolsinha. É mais interessante. É mais honesto. Estou fedendo, mas é só chegar em casa tomar um banho e fica melhor. Mas é ruim.”

Assim, esse relato descreve o comportamento das pessoas que sentem o cheiro do lixo nos catadores e, conseqüentemente, que seus corpos estão fétidos, pois são abjetos, desprezíveis e estão condenados ao contágio de doenças. Essas analogias remetem à narrativa sanitarista hegemônica, epistemologia violenta que se ampara no saber científico e que não abre possibilidades para outros entendimentos.

Neste momento, lembramos da poesia de H. Siqueira (2016), de forma que transcrevemos a primeira e a última estrofes.

ALEGRIA APARENTE
Muitas vezes, a face sorridente
Que as pessoas ostentam pela rua,
Não representa a realidade crua.
[...]
Dizem eles: - “E a vida continua!
Mesmo que um riso alegre, distribua
E em seu viver, um inferno lhe atormente.

CONSIDERAÇÕES

Essas reflexões nos levam à intenção de nos aprofundarmos nos estudos dos mapas das mediações, de Martín-Barbero, que são provenientes de vários aspectos, e do método cartográfico. São caminhos que nos possibilitam entendimento do contexto de vida e de trabalho dos catadores de resíduos (materiais recicláveis) na sociedade contemporânea.

Acreditamos que o método possa ser uma forma de compreender as mediações, como, por exemplo, da socialidade e da ritualidade, por meio de estudo de caso e da etnografia, da institucionalidade e da tecnicidade que incidem nos modos de ver dos atores sociais envolvidos nos processos.

Estudar Martín-Barbero nos ajuda a entender as relações existentes na sociedade contemporânea, indo ao encontro dela, em seu caos, e pensar no outro como ser que possui suas subjetividades.

Dessa forma, estudar Martín-Barbero, em diálogo com outros autores, possibilita-nos enxergar de maneira mais clara a realidade em que vivem os seres humanos subalternizados nos lixões e nas ruas das cidades. Ao enxergar no lixo uma fonte de renda, o catador é, antes de tudo, um elemento fundamental na cadeia da transformação que gera vultosos lucros para o capitalismo. Esse profissional, considerado de baixa qualidade para a sociedade e para os meios empresariais, vende o produto do seu trabalho a preço vil. Contudo, cabe atentar que, ao passar pela transformação, o produto é ressignificado e volta para as mãos dos consumidores. Após o uso, será outra vez descartado, para ser, novamente, recolhido pelo catador, alimentando, com isso, o ciclo da chamada cadeia produtiva. Tal contexto, no mundo capitalista, retrata a manutenção da estratificação social em que poucos ganham muito e muitos ganham pouco ou quase nada.

Nesse sentido, podemos entender que, ao analisar a questão do catador, vivenciamos um calafrio humanitário, visto que percebemos a situação degradante em que vivem as famílias que sobrevivem das sobras, materiais descartados por outros seres humanos. Por inúmeras razões, eles encontram-se numa escala social acima dos que convivem com abutres, localizados em lugares insalubres e desprovidos de todos os tipos de segurança. Locais, inclusive, de descarte de mortos oriundos de assassinatos e guerras entre quadrilhas, conforme relatado no filme que este texto apresenta.

Necessário se faz lançar um olhar crítico sobre o sistema de conservação das riquezas e considerar os que tiveram menos oportunidade de acesso à informação e a uma educação continuada. Isso significa combater uma realidade em que, por falta de oportunidade, presumivelmente, resta ao filho do catador viver do lixo. Sem oportunidade e conhecimento, o ser humano terá um repertório que não lhe dará capacidade de se inserir nas estratificações acima da sua realidade. Dessa forma, como diz o poeta Cazuzu: “Eu vejo o futuro repetir o passado”; mas, para que não seja verdade a profecia do poeta, é necessário que todos tenham acesso às políticas públicas reais, como uma das principais ou, talvez, o principal instrumento de libertação, quando o ser humano deixará de ser escravo do sistema e dos que manipulam esse sistema.

As narrativas que normalmente demarcam os tipos de experiências que levam os catadores ao lixão estão relacionadas à falta de oportunidades, baixa qualificação educacional/profissional para a disputa no mercado de trabalho formal, insuficiente acesso à informação sobre empregos e carência de recursos para o deslocamento até o local onde teria um possível futuro emprego, dentre outras impossibilidades; além disso, considere-se a geração crescente de materiais recicláveis, promovendo um quadro que se trona atrativo. Apesar de semelhanças no percurso que leva ao lixão, existem especificidades, como gravidez na juventude, violência doméstica, falta de um ente importante e mantenedor da família, trabalho precoce, *etc.*

Assim, o nosso contato com as catadores de materiais recicláveis nos possibilitou entrever a dureza de viver a experiência da pobreza, do preconceito, das violências e da miséria que acomete essas pessoas no seu cotidiano, o que nos proporciona, como pesquisadores e seres humanos, aprendizados diversos.

REFERÊNCIAS

BERGER, J. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1972.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. eBooksBrasil.com. 2003.

FIGARO, R. Potencial explicativo dos estudos de recepção no contexto do Big Data. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 223-237, set./dez. 2019.

GADINI, S. L.; PISMEL, M. L. O conceito de hegemonia em “Dos Meio às Mediações”, de Martín-Barbero. **Rev. AÇÃO MIDIÁTICA**, Curitiba, n.13, 2017.

GONÇALVES, M. A. **O trabalho no lixo**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

HUERGO, J.; MORAWICKI, K. **Memoria y promesa: conversaciones con Jesús Martín-Barbero**. La Plata: Edulp, 2016.

LIXO extraordinário. Direção de Lucy Walker. Codireção de João Jardim; Karen Harle. Produção de Angus Aynsley; Hank Levine. Coprodução de Peter Martin. Produção executiva de Fernando Meirelles, Miel de Botton Aynsley, Andrea Barata Ribeiro, Jackie de Botton. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8>. Acesso em 05 de nov. 2022.

LOPES, M. I. V. de. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 39-63, 2018.

MARTÍN-BARBERO, J. **Procesos de comunicación y matrices de cultura**. Cidade do México: Gustavo Gili, 1987.

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Ed. Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, J. Uma aventura epistemológica: entrevista por Maria Immacolata Vassallo de Lopes. **MATRIZES**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 143-162, 2009a.

MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonía. Barcelona: Anthropos, 2010a.

MARTÍN-BARBERO, J. **Introducciones**: de los medios a las mediaciones. Bogotá: Centro de Competencia en Comunicación para América Latina, 2010b.

MARTÍN-BARBERO, J. Los inesperados efectos de un escalofrío epistemológico. (Conferência). **Punto Cero**, n. 24, 2011a. Disponível em: <https://goo.gl/tnRX9h>. Acesso em: 15 jan. 2018.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ROSA, Jorge Leandro, Prefácio. IN: BERGER, J. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1972.

EPISTEMES CONTEMPORÂNEAS



O FUTEBOL COMO IDENTIDADE CULTURAL E CULTURA DE MASSA NO BRASIL

Francioly Marcos Batista Siqueira
Francisco Xavier Freire Rodrigues

Resumo: O presente artigo discute o futebol como identidade cultural do Brasil e como cultura de massa. Esse artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, que aborda as raízes históricas e culturais do futebol no Brasil e o analisa sob a perspectiva da indústria cultural. Para tanto, aborda a análise cultural do futebol no Brasil a partir de teorias como “A sociedade do espetáculo”, de Guy Debord, e a “indústria cultural e cultura de massa”, de Theodor Adorno, Walter Benjamin, Max Horkheimer entre outros nomes ligados ou não à Escola de Frankfurt. A metodologia empregada foi da leitura e interpretação textual dos livros e artigos citados, relacionando dialeticamente o referencial teórico ao futebol brasileiro. O resultado expressa a dupla identidade dessa modalidade esportiva para o país, seja como expressão da sua cultura, seja com cultura de massa produzida e mercantilizada com viés ideológico, político e social. O presente artigo está organizado em dois momentos principais, o primeiro versa sobre a forma como o Brasil passou a ser considerado “o país do futebol”, ou seja, como o futebol se tornou um traço cultural tão marcante para o país. O segundo momento analisa o futebol brasileiro sob a ótica da indústria cultural. Concluiu-se que o futebol no Brasil, como identidade cultural, é uma construção econômica e política.

Palavras-chave: Futebol, Cultura, Cultura de massa, Brasil e Identidade cultural.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a questão do futebol como identidade cultural brasileira e como cultura de massa, procurando entender as suas implicações na configuração social e política dessa nação. Para tanto, entende-se ser necessário compreender as raízes e a história desse esporte no Brasil e depois olhá-lo da perspectiva da análise cultural, da seguinte forma.

Como se verá a seguir, segundo Kaz; Costa e Silva (2013), o futebol, no Brasil, no início do século XX, era um esporte praticado pelas classes mais abastadas e somente depois de certo processo passou a ser um esporte praticado e identificado com as massas, com a população das classes mais carentes e com as periferias. Não obstante a isso, atualmente o futebol é um negócio bastante lucrativo, que movimentava cifras altíssimas e torna os atletas em valiosas mercadorias, ao passo que os coloca na condição de estrelas valiosas. Os campeonatos de futebol e os jogos são verdadeiros espetáculos

cobiçados, por um lado, pelos espectadores, pelos torcedores, e, por outro lado, pelo mercado. Entre um e outro, o Brasil é identificado como o “país do futebol” e esse esporte passou a ser um traço marcante da cultura brasileira.

Portanto, o futebol no Brasil, que começou como esporte de elite, hoje é um esporte popular, é identificado como um traço da cultura brasileira, mas também é um negócio lucrativo de grande expressão econômica. Esse artigo aborda a análise cultural do futebol no Brasil a partir dessa conjuntura, procurando analisar o futebol como parte da identidade cultural do país e como cultura de massa. Para tanto recorreu-se a teorias como “A sociedade do espetáculo”, de Guy Debord, e a “indústria cultural e cultura de massa”, de Theodor Adorno, Walter Benjamin, Max Horkheimer entre outros nomes ligados ou não à Escola de Frankfurt.

Esse estudo se justifica pela importância de se atualizar a compreensão do papel do futebol para a cultura brasileira, para que assim se possa, quem sabe, contribuir para a compreensão da configuração sociocultural e política do gigante latino-americano. O presente artigo está organizado a seguir em dois momentos, o primeiro deles versa sobre a forma como o Brasil passou a ser considerado e chamado “o país do futebol”, ou seja, como o futebol se tornou um traço cultural tão marcante para o país. No segundo momento toma-se esse percurso histórico-cultural e analisa-se sob a ótica das teorias já citadas, procurando entender as implicações sociopolíticas desse traço cultural, que se tornou o futebol para o Brasil.

O PAÍS DO FUTEBOL

Segundo Prodanov; Moser (2022), o futebol foi introduzido no Brasil entre a última década do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Quem trouxe as primeiras bolas de futebol da Inglaterra foi Charles Miller, filho de ingleses, nascido em São Paulo em 1874, grande entusiasta desse esporte, que é considerado “o pai do futebol brasileiro”. Para Pereira (2000), o início oficial do futebol no Brasil, como atividade esportiva, se deu nos anos 1880 com a criação dos primeiros clubes por ingleses que residiam em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Kaz; Costa e Silva (2013) afirmam que, nesse estágio inicial, o futebol era um esporte de elite.

Quando trazido da Europa, em 1895, pelas mãos – e pés – do descendente de ingleses Charles Miller, o esporte ficou recluso à parcela mais abastada da população. Miller, então com 20 anos, era filho de um engenheiro da São Paulo Railway, a companhia ferrocarril que ligava o planalto paulista ao litoral. Ao introduzir o esporte, já difundido na Inglaterra, entre conhecidos seus e de seu pai, calhou de formar times com jogadores de uma elite, portanto, brancos. Em

seu início, o futebol servia como vitrine de um modo de vida europeizado, cosmopolita – um índice do que se propagava à época como “civilização e progresso, além de um traço de distinção social (KAZ; COSTA; SILVA, 2013, p. 69).

Sobre essa distinção social, Kaz; Costa e Silva (2013) contextualizam que nesse período também era recente a abolição dos escravos, que, sem trabalho nem perspectiva, inundavam as cidades. Paralelo a isso, hordas de imigrantes europeus chegavam no país, mão de obra mais barata e qualificada do que a escrava. A elite branca europeia residente no Brasil se apropriou do futebol como mais uma forma de distinguirem-se dessa população formada por negros, mestiços, trabalhadores braçais e imigrantes mais pobres, já que essa parcela da população não tinha acesso ao esporte nas primeiras décadas do século XX. O Brasil mestiço estava fora das quatro linhas do campo, que era uma vitrine de brancos de origem europeia. Aliás, mestiços, negros e pobres foram proibidos inclusive de torcerem pelos times que na época ostentavam nomes em inglês, como o Sport Club Corinthians Paulista e o Fluminense Football Club.

No entanto:

As cidades começaram a crescer, o país a se industrializar. Os mestiços, os imigrantes mais humildes e os negros passaram a trabalhar nas fábricas, nas lojas das cidades. Saíam das ruas para as várzeas, das fábricas para os campinhos. Os subúrbios das cidades, com seus terrenos baldios, ruas de terra e matagais, tornaram-se o laboratório dos “peladeiros”, que aos poucos iam recriando em curvilínea “dança dionisíaca” o “jogo britanicamente apolíneo”, nas palavras de Gilberto Freyre. Em 1927, todas as proibições caíram por terra (finalmente, os negros foram aceitos profissionalmente no futebol). Entraram em cena os melhores, não importando a origem nem o berço. Não se ganhava campeonato com times só de brancos. As cores começaram a se misturar em campo. O rapaz branco, educado, de boa família, tinha de competir em condições de igualdade com o analfabeto, o pé-rapado, o preto e o mulato. A dimensão do jogo, da disputa em campo, criava um plano potencialmente democrático em um esporte que foi, a princípio, destinado somente às elites brancas e “civilizadas”. A arraia-miúda tomou o jogo para si e o transformou no esporte de massas do Brasil (KAZ; COSTA; SILVA, 2013, p. 69).

Souza (2018), em sua tese de doutoramento sobre a linhagem culturalista da sociologia do futebol brasileiro, defende a ideia de que a leitura culturalista do futebol brasileiro tem “pais e herdeiros”, constituindo-se em uma “família intelectual”. Aponta como “pais fundadores” dessa “família intelectual” Gilberto Freyre e Mário Rodrigues Filho e como principal herdeiro o antropólogo Roberto DaMatta.

Para Souza (2018), essa linhagem culturalista coloca o futebol brasileiro como uma variante sui generis, sem equivalentes no mundo, e um instrumento de ascensão do negro e do mulato na sociedade brasileira. O mulato e o negro acrescentaram ao futebol os temperos da capoeira e do samba, criando

o tal “futebol arte”, e o futebol retribuiu melhorando a condição do negro e do mulato na sociedade. Indo um pouco mais além, Souza (2018) acrescenta a essa interpretação também aquela em que o futebol brasileiro figura como espaço de relações democráticas, cenário representativo de justiça social e instrumento de reforço de vínculos populares e de sentimentos nacionais. A “escola da vida” ou “aula de democracia”, nas palavras de DaMatta (1982^a, 1982b, 2003, 2006).

Mas é particularmente interessante a observação de que essa percepção do futebol como traço cultural e até como terreno de acomodações políticas e sociais não se constituiu e se popularizou de forma natural, como pode parecer.

É imperativo ressaltar que essas ideias não são um presente dos céus. Antes, foram originalmente tecidas pelos intelectuais e, por via do mercado e do trabalho dos especialistas culturais, se espalharam para a sociedade como um todo. A noção de “futebol-arte”, apanágio e sustentáculo da identidade brasileira, é um exemplo elucidativo disso. Pensada pioneiramente por Freyre, acionada em Mário Filho, sistematizada em DaMatta e empregada como categoria analítica por vários dos estudiosos atuais do futebol, essa noção ganhou o “coração” dos brasileiros através de sua exposição constante no campo midiático e nas demais esferas de produção e circulação cultural no país. [...] É insofismável a força desse tipo de interpretação que percorre o campo acadêmico, atravessa os campos de produção dos bens culturais, chega ao senso comum e completa seu ciclo de rotatividade sendo devolvida ao campo acadêmico através de pesquisas atentas em desvelar, por um lado, as motivações “conscientes” dos atores e, por outro, em fazer uso reificado das fontes sem um exame crítico e rigoroso. Completado o ciclo, uma nova sequência é posta em movimento e, com isso, o conjunto de ideias vai sendo cotidianamente atualizado no sentido de garantir uma “utilidade social” para o futebol, qual seja a de veicular e reiterar tão eficazmente a identidade nacional (SOUZA, 2018, p. 128-130).

E nessa dinâmica corre-se o risco de consumir e até estudar esse e outros bens culturais sem crítica. Esse é um dos riscos da naturalização e da repetição de uma narrativa, como defendem Helal; Soares; Lovisolo (2001) ao apontarem Mário Filho e seu livro “O negro no futebol brasileiro”, cuja primeira edição é de 1947, como uma versão romanceada, mítica e pouco realista do percurso do futebol no Brasil e das suas relações com a cultura, com a política e com a sociedade brasileiras.

Ao recorrer à literatura, acadêmica e jornalística, sobre o passado do futebol brasileiro, temos a impressão de estarmos sempre lendo os mesmos textos com variações não significativas. Em quase toda a produção sobre a história do futebol brasileiro encontram-se três momentos narrativos integrados ou amalgamados, que falam da chegada do futebol inglês e elitista ao Brasil, da sua popularização e do papel central do negro nesse processo. O primeiro momento narra a *segregação dos negros e dos pobres*, o segundo momento relata suas *lutas e resistências* e o terceiro descreve a *democratização, ascensão e afirmação* do negro no futebol. Esse tipo de narrativa, reproduzido no interior das ciências sociais, encontra sua origem e validade no livro *O negro no futebol brasileiro* (NFB), escrito por Mário Filho. [...] Assim, o NFB funciona como

história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade e/ou às denúncias anti-racistas, independentemente do piso sociológico, histórico ou antropológico do qual os textos afirmam partir (HELAL; SOARES; LOVISOLO, 2001, p. 13-14).

De fato, foi essa a narrativa encontrada e aqui exposta, no início desse tópico, e o que diz Helal; Soares; Lovisolo (2001) parece estar em consonância com Soares (2018), quando ele afirma que a linhagem culturalista da sociologia do futebol brasileiro segue a construção de uma “família intelectual”, um roteiro pré-estabelecido que se popularizou e tomou feições de verdade inviolável pela força da repetição. E, porque não, pela vontade política e apelo do mercado.

Costa; Malcher (2011) alertam que, ao estudar a cultura brasileira, deve-se evitar cair naquilo que Vanucchi (1999) chama de “mitologia da brasilidade”, que são aquelas ideias profundamente enraizadas e que parecem indiscutíveis depois de tantas vezes repetidas. É importante considerar ainda mais um fator que desmistifica a característica democrática do futebol e sua representatividade positiva da cultura brasileira, que é o fato desse universo ser tão refratário à mulher. Franzini (2005) alerta que a democratização do futebol foi incompleta, pois não incluiu as mulheres, pelo menos por algumas décadas.

No Brasil, entretanto, a presença feminina dentro das quatro linhas ainda busca a sua afirmação. Segundo dados recentes da Confederação Brasileira de Futebol, o país tem cerca de 400 mil jogadoras, número irrisório se comparado ao de nossos jogadores profissionais, ou então aos 12 milhões de atletas que pisam os gramados norte-americanos. Se pensarmos no papel que a bola desempenha enquanto elemento congregador de nossa identidade nacional, tal contraste coloca uma pergunta crucial: qual o lugar da mulher dentro do *país do futebol*? (FRANZINI, 2005, p. 316).

Se o futebol é um traço cultural tão marcante do Brasil, essa dificuldade de inserção das mulheres deve ter um significado sobre a cultura e sociedade brasileiras que não deve ser ignorado. Ao analisar o “país do futebol” e o futebol do país da perspectiva cultural, não se pode deixar de lado esse aspecto. Franzini (2005) explica que na década de 1940 as mulheres começaram a pisar nos gramados e algumas iniciativas surgiram, sendo prontamente sufocadas pela reação contrária dos homens e pela ditadura do Estado Novo. Depois disso, a participação das mulheres no futebol brasileiro limitou-se a manifestações esparsas ao longo do tempo, ainda assim sob o olhar reprovador dos defensores da moral e dos bons costumes. Com a ditadura militar, a partir de 1964, as mulheres foram proibidas de participarem de lutas e de todas as modalidades de futebol. Essa proibição só foi revogada nos anos 1980 e foi acompanhada pela criação de equipes de futebol feminino, não sem muitas dificuldades culturais e materiais, que não cederam nem mesmo com a conquista do 4º lugar nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996 e de Sydney, em 2000, ou com a medalha de bronze na Copa do Mundo de 1999.

Hoje, passado mais de meio século da perseguição promovida pela ditadura estadonovista, a identidade masculina criada e constantemente reafirmada ao longo da história da bola no Brasil faz com que boa parte das mulheres sequer se reconheça no jogo — “coisa de homem”, lembremos; ao mesmo tempo, outras enfrentam dificuldades de toda sorte para tentar se afirmar dentro dos gramados, com a bola nos pés. Seja como for, para todas elas o país do futebol assume forma bem diversa daquela consagrada no senso comum: para as primeiras, tal país é um lugar muito distante; para as demais, um lugar de exílio (FRANZINI, 2005, p. 316).

Não se quer com isso negar que o futebol é um dos esportes mais praticados no Brasil, que nosso país tenha bons futebolistas, que alguns conseguem ascensão social através dele e que o contingente de amantes desse esporte no Brasil marca fortemente sua cultura. O intuito é promover um olhar diferente, questionador, procurando sair do clichê “país do futebol” e lançando um olhar mais abrangente sobre a cultura brasileira, que parece ser muito mais multicultural do que futebolística.

O FUTEBOL COMO CULTURA DE MASSA NO BRASIL

Blumer (1946) define massa como grupo coletivo espontâneo, representada por pessoas que participam de um comportamento de massa, como por exemplo aqueles que se agitam com um acontecimento nacional, que tomam parte de um surto de uma nação, que mostram interesse fervoroso pelo julgamento de um crime divulgado pela imprensa ou aqueles que participam de uma grande migração. A massa caracteriza-se por ser composta por pessoas de diferentes profissões, classes sociais e culturas, pessoas anônimas que nada ou pouco interagem entre si. Massa não é uma sociedade e cada indivíduo nela busca responder às suas próprias necessidades. Nas sociedades modernas o comportamento de massa tem grande importância por ser facilmente influenciado e articulado, através da propaganda de massa.

Para a discussão que aqui se propõe, ao lado do conceito de massa, importa considerar também o conceito de cultura.

Uma cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade) (MORIN, 1975, p.10-11).

Para Gianelli (2012), a cultura não só tem elementos que a constitui, mas também é matéria prima ou suporte que possibilita outras significações, ao passo que o homem projeta no imaginário o que vive no real, mitificando ou modifica (adapta) o mítico de modo a dar suporte ao que vive na realidade. E é essa dialética entre o semi-imaginário e o semi-real que norteará muitos aspectos da cultura popular, que surge dessa relação de troca entre o real e o imaginário.

Arantes (1986) explica que a cultura popular dialoga com o saber culto dominante, apresentando-se como integral, como totalidade, mas que na verdade é composta de fragmentos residuais. E são determinados teóricos que decidirão quais valores serão colocados em cada categoria, diferenciando aqueles que não merecem ser considerados “saber culto dominante”. É a partir dessa classificação que as tradições nacionais são recriadas segundo os moldes ditados pelas elites cultas e com nova roupagem, depois de digerido e devolvido aos cidadãos. O público consumidor dessa categoria cultural digerida e devolvida, portanto vomitada, constitui a cultura popular e, assim que se isola uma determinada expressão, seja a dança, uma festividade ou o futebol, já se apresenta o discurso da elite que a produz.

Não se leva em conta o papel ou a relação daquele evento em específico com o conjunto de símbolos daquela sociedade em questão. Isola-se o que parece soar mais interessante para um público, muitas vezes levando em conta a característica “curiosa” ou ainda “bizarra” que aquela tradição possui. Num exemplo hipotético, uma máscara de um monstro que auxilia no conto de alguma lenda presente no folclore de determinada região chama muito mais a atenção do que o simples vestido colorido das moças que fazem a dança. O monstro é isolado de todo o seu contexto apenas por conter em sua aparência uma isca para os olhos de algum curioso. Ele passa a ser o símbolo da cidade, sendo sua imagem disseminada nos mais diversos souvenirs turísticos. Feita essa escolha, ignora-se toda a significação daquele símbolo em relação a todo o conjunto de outros símbolos (menos bizarros ou curiosos), sendo ele por si próprio símbolo que enumera todo um folclore ou cultura popular local. Em cima dele ainda é feito um processo de recriação para que possa ser entendido e consumido por parte da população, possuindo uma significação totalmente abstrata e distante do original em serviço dessa nova função de “símbolo do folclore” (GIANELLI, 2012, p. 114-115).

Arantes (1986) aponta que, paradoxalmente, a identidade nacional constitui-se a partir desses símbolos populares – dança, celebração, festividade e, porque não, o futebol – ao mesmo tempo em que são considerados de menor valor cultural justamente por serem populares.

No tópico anterior foi visto que o futebol é um importante elemento da identidade nacional brasileira, uma expressão cultural do Brasil, que por isso passou a ser chamado “o país do futebol”, entendendo-se este como uma construção de uma expressão popular. Mas no presente tópico tem-se apresentado o argumento de que aquele futebol surgindo como esporte de elite foi reelaborado pela mesma elite, interpretado por uma elite intelectual, acrescentado de alguns elementos populares, como

habilidades vindas do samba e da capoeira, por exemplo, e ele mesmo, o futebol, foi devolvido ao povo como cultura popular, porque era, e é, conveniente à elite política e econômica. Ou seja, o que se está argumentando é que o futebol como identidade nacional do Brasil é uma construção, uma produção industrial.

[...] a Cultura de Massa consiste na produção industrial de um universo muito grande de produtos que abrange setores como a moda, o lazer no sentido mais amplo incluindo os esportes, o cinema, a imprensa escrita, falada e televisionada, os espetáculos públicos, a literatura, a música, enfim, um número muito grande de eventos e produtos que influenciam e caracterizam o atual estilo de vida do homem contemporâneo no meio urbano-industrial. (CALDAS, 1987, p. 16.)

O termo “indústria cultural”, segundo Gianelli (2012), foi criado por Theodor Adorno e Max Horkheimer em 1947 e significa uma produção cultural em larga escala voltada ao consumo, capaz de descaracterizar tanto o fazer como o produto final. A ideia de indústria cultural veio como substituta ou complemento da ideia de cultura de massa, conforme foi descrita acima, no início desse tópico. E com isso vem à lembrança que corre na boca miúda no Brasil que o “futebol arte” brasileiro teria sido descaracterizado por outros interesses, como riqueza, fama e poder. Realmente, segundo Cohn (1978), a indústria cultural descaracteriza a arte e a produção cultural, criando uma espécie de caricatura ao estandardizar-lá e estereotipá-la, criando conformismo naquele que se torna consumidor da indústria cultural.

No entanto

A ideia de que o mundo quer ser enganado tornou-se mais verdadeira do que, sem dúvida, jamais pretendeu ser. Não somente os homens caem no logro, como se diz, desde que isso lhes dê uma satisfação por mais fugaz que seja, como também desejam essa impostura que eles próprios entrevem; esforçam-se por fecharem os olhos e aprovam, numa espécie de auto-desprezo, aquilo que lhes ocorre e do qual sabem porque é fabricado. Sem o confessar, pressentem que suas vidas se lhes tornam intoleráveis tão logo não mais se agarrem a satisfações que, na realidade, não o são (ADORNO, 1962 *apud* COHN, 1978, p. 290).

E isso corrobora a ideia de Costa; Malcher (2011), quando afirma que as pessoas têm consciência de que o espetáculo do futebol serve ao nacionalismo e ao sentimento de pertença, que só se expressa em determinada ocasião, justamente porque é fabricado e impulsionado pelas mídias, porque é altamente rentável e porque desvia a atenção do povo dos problemas políticos, sociais, econômicos e institucionais.

Além de ser visto como um forte traço cultural do Brasil, o futebol é um espetáculo que lota estádios e coloca na frente da TV milhões de brasileiros todos os domingos. A copa do mundo de futebol é considerada um dos maiores espetáculos da Terra, que movimenta milhões e multidões.

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência (DEBORD, 2003, p. 17).

Debord (2003) explica que a mercadoria, pelo viés do fetichismo, torna-se espetáculo e a cultura no capitalismo tornou-se valiosa mercadoria, portanto também espetáculo. Não somente os jogos, mas os jogadores de futebol profissional são negociados por valores estratosféricos e suas vidas torna-se espetáculo em todas as mídias, um após o outro, até desaparecerem e serem substituídos pela próxima atração ou produção da indústria cultural.

Sem dúvida, o conceito crítico de espetáculo pode também ser vulgarizado numa fórmula oca qualquer de retórica sociológica-política para explicar e denunciar tudo abstratamente e, assim, servir para a defesa do sistema espetacular. Porque é evidente que nenhuma ideia pode conduzir para além do espetáculo, mas somente para além das ideias existentes sobre o espetáculo. Para destruir efetivamente a sociedade do espetáculo, são necessários homens pondo em ação uma força prática. A teoria crítica do espetáculo não é verdadeira senão unida à corrente prática da negação na sociedade, e esta negação, o retomar da luta de classe revolucionária, terá consciência de si própria ao desenvolver a crítica do espetáculo, que é a teoria das suas condições reais, das condições práticas da opressão atual, desvendando o segredo daquilo que ela pode ser (DEBORD, 2003, p. 155).

Para reforçar a ideia de descaracterização do futebol como identidade cultural do Brasil, além da sua identificação como produto da indústria cultural, recorre-se a Canclini (1997), que aponta para a transnacionalização desse tipo de mercadoria. As culturas nacionais se tornam globais, assim como o público se torna privado e o que é privado se torna público, em um processo de descaracterização que tem se dado por meio da globalização e da substituição do Estado pelos grandes conglomerados empresariais como gestores dos bens culturais.

Sem deixar de estar inscritos na memória nacional, os consumidores populares são capazes de ler as citações de um imaginário multilocalizado que a televisão e a publicidade reúnem: os ídolos do cinema hollywoodiano e da música pop, os logotipos de jeans e cartões de crédito, os heróis do esporte de vários países e os do próprio país que jogam em outro compõem um repertório de signos constantemente disponível (CANCLINI, 1997, p. 63).

Para Keske; Prodanov; Moser (2012, p. 256-257), ao analisarem o que chamam de “o maior espetáculo da Terra”, consideram que o futebol é capaz de transgredir os níveis da cultura de massa, da forma como coloca Umberto Eco. Porque, para os autores, o futebol é “um objeto cultural tanto do interesse dos consumidores da baixa, quanto da média e alta culturas”. Além disso é um objeto

cambiante e mutável de acordo com o escopo teórico da cultura de massa no Brasil, não sendo possível aplicar a ele modelos estáticos e teoricamente enrijecidos e todas as implicações que esse objeto cultural confere à sociedade, pelo fato de que os consumidores da alta, média e baixa culturas interessam-se pelo futebol e consomem os produtos comunicacionais ligados a ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo discorreu sobre o futebol como identidade cultural do Brasil e o analisou desde o ponto de vista da indústria cultural, encerrando com um posicionamento que nega colocar o futebol como cultura de massa ou popular, sob o argumento de que ele é consumido por todas as classes e todos os níveis sociais. No entanto, esse último argumento ainda reforça o seu caráter de produto e de objeto cultural, bem de consumo e de espetáculo, portanto, produto da indústria cultural.

Ao lado dessa interpretação do futebol como produto da indústria cultural encontra-se a possibilidade de entendê-lo como espetáculo, na forma como coloca Debord (2003). Justamente porque Debord coloca o espetáculo como mercadoria e a mercadoria como espetáculo. Sendo, ambos, na sociedade de consumo e do espetáculo, inquestionáveis, pelo viés do fetichismo, na sua grandiosidade e positividade, dignos da “aceitação passiva”.

Quanto a ser, o futebol, parte da identidade cultural do Brasil, propositalmente e estrategicamente assim construída, conclui-se que, se já foi, está paulatinamente deixando de ser, na nova configuração econômica e cultural globalizada do século XXI. O futebol do país do futebol passou a ser representado por jogadores que não jogam no Brasil e a seleção nacional, aquela do “futebol arte”, ambiciona assimilar técnicas de grandes equipes, como Real Madrid ou Barcelona, na tentativa de ser novamente campeã mundial, para que dessa forma o Brasil possa permanecer como o país do futebol. Há algum tempo, o melhor jogador do mundo não é um brasileiro. E nesse contexto ainda se consegue manter a ideia de que a cultura brasileira tem como estandarte o seu futebol característico.

REFERÊNCIAS

BLUMER, Hebert. The Mass, the Public and Public Opinion. *In* Alfred McClung Lee (Org.). **New Outline of the Principles of Sociology**. New York: Barnes and Noble, 1946, p. 185-193. Tradução de Sergio Miceli.

CALDAS, Waldenyr. **O que todo cidadão precisa saber sobre a cultura de massa política de comunicações**. São Paulo: Global, 1987.

COSTA, Anne Beatriz Gonçalves; MALCHER, Maria Ataíde. Futebol e Identidade Nacional Brasileira. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, X Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte – Boa Vista**, 2011. Disponível em [RRhttp://intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0368-1.pdf](http://intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0368-1.pdf). Acesso em 17 de jul. 2022.

COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo (SP): Companhia Editora Nacional, 1978.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Projeto Periferia e eBooksBrasil.com, 2003.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, vol. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GIANELLI, Carlos Gregório dos Santos. A lógica cultural urbana: Cultura de Massa e Indústria Cultural. **Revista Outros Tempos**, 2012, p. 112-129. Disponível em https://uema.openjournalsolutions.com.br/outrostempos/index.php/outros_tempos_uema/article/view/38/25. Acesso em 17 de jul. 2022.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2001.

KAZ, Leonel; COSTA E SILVA, Paulo. Dando tratos à bola: futebol e Brasil. **Revista USP**, n. 99, p. 67-78, 2013.

KESKE, Humberto Ivan; PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinícius. O “maior espetáculo da terra”: O futebol e sua capacidade de transgredir os níveis de cultura de massa. **Intexto**, n.26, p. 245-259, 2012.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito de tempo**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1975.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinícius. O futebol como elemento da cultura de massa brasileira nas primeiras Copas do Mundo. **EFDesportes.com – Revista digital**, Buenos Aires, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Cleber-Prodanov-2/publication/359146040_O_futebol_como_elemento_da_cultura_de_massa_brasileira_nas_primeiras_Copas_do_Mundo/links/622a51a49f7b3246341f3ba9/O-futebol-como-elemento-da-cultura-de-massa-brasileira-nas-primeiras-Copas-do-Mundo.pdf. Acesso em 17 de jul. 2022.

SOUZA, Juliano de. A linhagem culturalista da sociologia do futebol brasileiro. **Lua Nova**, n.103, p. 103-134, 2018.

VANUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999. 3. Ed.

POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS



METAVERSOS URBANOS: CONECTIVIDADE JOVEM PARA LUGARES SÓLIDOS

Airton de Lacerda Nascimento
Maristela Carneiro

Resumo: Este artigo trata da relação entre os jovens e o espaço urbano, assim como das significações produzidas, discutindo questões como territorialidade e virtualização em tempos que a palavra *metaverso* está tão recorrente na cultura ocidental. Parte-se de conexões entre o conceito de sociedade da informação, proposto por Castells (2005), e das pesquisas de Canclini (2009) sobre as culturas juvenis, passando por dados e casos de Cuiabá/MT, buscando-se decodificar paradoxos e identificar *hacks* possíveis para políticas urbanas do agora e do futuro.

Palavras-chave: Cidade, Sociedade em Rede e Juventude.

INTRODUÇÃO

Este artigo começa com algumas perguntas: Em que universo vivem os jovens contemporâneos? A cidade como lugar ainda existe em algum multiverso? Embora tais discussões pareçam da ordem da ficção ou da metafísica, em uma sociedade cada vez mais conectada à internet e às redes digitais, onde, conforme Lavado (2019), o percentual de usuários em países da América do Norte e Europa é de mais de 80% e em países do leste europeu e árabes fica em torno de 50% a 60%, a ideia de *ciberespaço* e, mais recentemente, o termo *metaverso*, torna-se cada vez mais recorrente, permeando o vocabulário dos jovens e os produtos culturais que consomem, como livros, filmes e jogos. Do mesmo modo, o conceito encontra-se, talvez, muito mais próximo da nossa realidade, das práticas de utilização do espaço urbano, do que nos acostumamos a imaginar.

Pensar o urbano a partir da palavra cidade é comum e parece ser uma tarefa fácil. O termo cidade trata-se de um verbete conhecido, facilmente localizável, *googlável*, em sítios de busca na internet, o qual pode corresponder, de forma objetiva, a uma “aglomeração humana localizada numa área geográfica circunscrita e que tem numerosas casas, próximas entre si [...]” (Oxford University Press, 2022), ou o que Sennet (1998) chamou de “um assentamento humano no qual estranhos irão provavelmente se encontrar” (SENNETT, 1998, p. 58). No entanto, em tempos de sociedade da

informação, utilizando-se do conceito proposto por Castells (2005), e da dissolução dos limites de contiguidade física, como apontou, compreender o que de fato significa a cidade para a juventude contemporânea se trata de uma tarefa mais difícil.

Conforme dados do último censo do IBGE (2010), a cidade de Cuiabá possuía 551.098 habitantes, sendo que desses, 175.507 eram crianças e jovens, com idade até 24 anos, correspondendo a 31,85% da população. Focando-se apenas na região central de Cuiabá, por exemplo, conforme os mesmos dados do IBGE, essa região concentrava uma população de 6.572 pessoas, englobando-se a soma dos bairros Centro Norte e Centro Sul, sendo que, dessas, 1.498, ou seja, cerca de 31,68%, correspondem a faixa etária de crianças e jovens que viviam nesse local. É essa população, em contato constante com o mundo digital, a responsável por boa parte das práticas de uso na cidade e a quem grande parte das políticas culturais e urbanas se destina.

A partir de conexões entre o conceito de sociedade da informação, proposto por Castells (2005), assim como das pesquisas de Canelini (2009) sobre as culturas juvenis, busca-se decodificar os atuais paradoxos e contradições dessa relação entre o jovem e a cidade, identificando *hacks* possíveis, estratégias possíveis, para subsidiar políticas urbanas e culturais para o agora e o futuro.

METAVERSO E PARADOXOS

Como explica Andrade (2022), o termo *metaverso* apareceu pela primeira vez em 1992, em um romance de ficção científica escrito por Neal Stephenson sob o título *Snow Crash*. Na obra, um entregador de pizza, que trabalha para a máfia durante o dia, vive uma vida paralela e alternativa no *Metaverso*, “um universo virtual tridimensional com escala planetária em Realidade Virtual” (ANDRADE, 2022, p.16), onde incorpora um samurai e vive uma vida completamente distinta em busca de escapismo dos problemas. O universo de *Snow Crash* tem como plano de fundo os Estados Unidos devastados pela hiperinflação devido à ineficiência do governo em fazer frente ao uso de moedas digitais, o que acabou gerando um caos econômico e posterior falência social. Sobre o Metaverso, Andrade (2022) comenta ainda:

Stephenson imaginou o Metaverso como um sucessor da internet, e chegou a criticar a visão da Meta e de outras empresas sobre o assunto. Para ele, o Metaverso se trata de mundos com escala planetária e descentralizados, e o que temos até o momento são mundos 3D massivos e multijogador que pertencem a uma ou outra marca, e portanto uma visão ainda distante do conceito original proposto em sua obra (ANDRADE, 2022, p.16).

O *metaverso* pretende, como coloca Leyva (2022), ser um conjunto de software e hardware, que permita replicar todas as interações humanas cotidianas, abrangendo “desde el trabajo hasta las actividades recreativas sociales, atendiendo a una experiencia inmersiva y multissensorial que haga imposible diferenciar a la realidad de la ficción” (LEYVA, 2022, p. 17).

Embora o *metaverso* ainda não exista, como reforça Andrade (2022), tal conceito se aproxima muito dos padrões da *sociedade da informação*, apresentado por Castells (2002), diretamente relacionados ao desenvolvimento das mídias digitais. Segundo ele, tal sociedade é marcada por novos processos de comunicação que, ao contrário da experiência histórica anterior, cria um sistema que gera virtualidade real. Sobre a sociedade da informação, ele explica ainda:

É um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersiva em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência (CASTELLS, 2002, p.459).

Segundo Castells (2002), essa nova configuração da sociedade traz interferências ainda na noção de espaço e tempo, encontrando-se em declínio a noção de espaço vinculada a lugar, ou seja, esse espaço “cuja forma, função e significado são independentes dentro das fronteiras da contiguidade física” (CASTELLS, 2002, p. 512). Castells (2002) estabelece, assim, o conceito de *espaço de fluxos*, definido como “a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos” (CASTELLS, 2002, p. 501), ou seja, por meio de “sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas” (CASTELLS, 2002, p. 501). Para ele:

[...] o novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem. O espaço de fluxos e o tempo intemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade (CASTELLS, 2002, p. 462).

Essa nova configuração da sociedade tem implicações diretas sobre o pensar a cidade, inserida nessa nova realidade social, marcada pela dinâmica das mídias digitais e redes sociais, sendo complexo compreender essas relações, como Castells (2002) coloca:

Não é uma tarefa fácil porque o conhecimento, aparentemente simples, de uma relação significativa entre sociedade e espaço esconde uma complexidade fundamental, uma vez que o espaço não é reflexo da sociedade, é sua expressão. Em outras palavras: o espaço não é uma fotocópia da sociedade, é a sociedade. As formas e processos espaciais são constituídos pela dinâmica de toda a estrutura social. Há inclusão de tendências contraditórias derivadas de conflitos e estratégias entre atores sociais que representam interesses e valores opostos. Ademais, os processos sociais exercem influência no espaço, atuando no ambiente construído, herdado das estruturas socioespaciais anteriores. Na verdade, espaço é tempo cristalizado (CASTELLS, 2002, p.500).

Essa complexidade, em especial o conflito entre territorialidade e a virtualização, e o alcance da suposta virtualidade real nas tratativas sobre a cidade, correspondem a um paradoxo, que cria o que, aqui, poderíamos chamar de *metaverso urbano*, termo esse que é explicado no tópico seguinte.

DILEMA ENTRE TERRITORIALIDADE E VIRTUALIZAÇÃO

Conforme Le Berre "o território pode ser definido como a porção da superfície terrestre, apropriada por um grupo social, visando assegurar sua reprodução e a satisfação de suas necessidades vitais" (1995, p. 606, apud SANTOS, 2009), estando diretamente conectada à ideia de território a noção de territorialidade, a qual, conforme explica Santos (2009), pode ser vista como:

[...] um fenômeno comportamental associado com a organização do espaço em esferas de influência ou de territórios claramente demarcados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes ou por agentes outros que assim os definam (SOJA, 1971, p. 19, apud SANTOS, 2009).

Santos (2009) comenta que a territorialidade pode ser estruturada por três ingredientes básicos: um sentido de identidade espacial, um sentido de exclusividade e uma compartimentação da interação humana no espaço. Ainda conforme ele, a identidade espacial se manifesta como um sentimento de afetividade, o senso de exclusividade surge quando existe uma ameaça de invasão ao espaço familiar por parte de estranhos à cultura e ao ambiente desse meio (o que favorece uma atitude de autosegregação coletiva), enquanto a interação espacial corresponde a um jogo de vantagens mútuas em função da proximidade.

Tais princípios, por muito tempo, foram as bases das tratativas sobre as cidades, compondo o entendimento do espaço a partir da noção de lugar. Porém, como defendido por Castells (2002), na atual conjectura da *sociedade da informação*, a relação entre território e lugar encontra-se cada vez mais distante, as quais, considerando também os escritos de Canclini (1997), dissolvem-se juntamente com as referências nacionais e estilos locais, na comunicação de massa, cabendo ressaltar:

Os repertórios folclóricos locais, tanto aqueles ligados às artes cultas quanto às populares, não desapareceram. Mas seu peso diminuiu em um mercado onde as culturas eletrônicas transnacionais são hegemônicas, quando a vida social urbana se faz cada vez menos nos centros históricos e mais nos centros comerciais modernos da periferia, quando os passeios se deslocam dos parques característicos de toda cidade para os shoppings que imitam uns aos outros em todo o mundo (CANCLINI, 1997, p. 110).

Como comenta Canclini (1997), a partir de um estudo de Armando Silva em cidades como Bogotá e São Paulo, quando os habitantes dessas cidades eram questionados sobre onde marcavam encontros, as respostas que indicavam lugares típicos dos municípios (como igrejas, praças, bares) era predominante entre os adultos. No entanto, entre os jovens a preferência se voltava para os centros comerciais e estações de metrô. Ele complementa ainda:

Esta tendência, igualmente verificável em outras cidades tão plenas de locais históricos, “memoráveis”, como Buenos Aires e México, sugere, nas gerações jovens, uma predileção por aquilo que Marc Augé denomina “os não lugares”. O crescimento dessas “instalações necessárias para a circulação acelerada das pessoas e dos bens”, que se observa tanto no uso do espaço quanto nos hábitos dos cidadãos, revela uma deslocalização das concentrações urbanas, uma diminuição (não um desaparecimento) do distintivo em benefício do desterritorializado e do des-historicizado (CANCLINI, 1997, p. 110-111).

Cabe, no entanto, questionar: que territórios são esses que compõem a cidade e qual a qualidade desses espaços que são oferecidos aos jovens? Em parte, podemos nos valer da pesquisa realizada por DARON et. al. (2016) a respeito da percepção dos espaços públicos do centro de Cuiabá/MT por seus usuários. Nessa pesquisa, 25,6% dos entrevistados correspondiam à faixa-etária jovem, sendo que, somando as opiniões das demais faixa-etárias, a maior parte dos entrevistados avaliou de forma positiva os locais, como expõe Daron et. al. (2016):

Em relação ao calçamento das praças e das calçadas das avenidas avaliadas, a maioria entrevistada, composta por 37,78% do total, consideraram como em bom estado, quando perguntados em relação ao conforto. As ruas também tiveram boa avaliação por 54,44% dos participantes. Sobre o acesso ao ônibus, verificou-se sobre a quantidade que acessavam o local, bem como os itinerários dos mesmos nas proximidades e a proximidade dos pontos. Quase metade dos entrevistados (49,44%) consideraram como bom, o que era esperado devido ao estudo ser realizado na região central da cidade, onde ocorre maior diversidade comercial e serviços. Quanto ao conforto térmico, foi questionado sobre a influência da arborização, responsável pelo sombreamento dos espaços. A maioria de 54,55% considera como boa quando questionada, devido a consideração das praças como áreas verdes no Brasil, o que não ocorre com as avenidas (DARON et. al., 2016, p. 429-430).

Nota-se que a pesquisa não abrange questões sobre a segurança desses espaços. Sobre isso, segundo dados de Mato Grosso (2019), a maioria das vítimas de homicídio, 57%, estavam na faixa

etária de 19 e 29 anos, enquanto na faixa etária de 0 a 18 anos o percentual era de 10%, concentrando, assim, cerca de 67% dos alvos sobre essa população de crianças e jovens. No entanto, no percentual apurado em 2020 houve expressiva alteração nesses números, onde registrou-se que “a maioria das vítimas de homicídio está na faixa etária acima dos 30 anos, diferente da observada em 2019 que se encontrava na faixa de 19 e 29 anos” (MATO GROSSO, 2020, p. 30), reduzindo para 39% o total dessas ocorrências entre crianças e jovens, uma estranha queda de 28 pontos percentuais.

Vale lembrar que de março de 2020 a fevereiro de 2022, em função das medidas de distanciamento social para controle da pandemia de COVID-19, as atividades presenciais, tanto nas escolas de nível fundamental e médio, quanto em universidades e cursos técnicos, ficaram suspensas, havendo ainda longos períodos de restrições às atividades de lazer como shows, festas e eventos em geral que resultam em grande aglomeração de pessoas, além de restrições eventuais ao funcionamento de bares, lanchonetes e restaurantes. Tais medidas podem, em parte, justificar a variação percentual registrada, semelhante ao que ocorreu em outras partes do mundo, onde “as ordens de lockdown estabelecidas para controlar a propagação da Covid-19 estão vinculadas a uma redução média de 37% na criminalidade” (FOX; HOWARD, 2020), uma vez que os trajetos mais recorrentes das crianças e jovens pelo espaço urbano foram diretamente afetados.

Os dados reforçam a percepção que utilizar o espaço urbano, o mundo físico, em comparação ao mundo virtual, pode ser mais inseguro para os jovens, com maior risco de morte. Do mesmo modo, os noticiários estão repletos de casos de violência cometidos contra jovens no espaço público, como o caso recente de uma jovem vítima de estupro em julho de 2022, em plena luz do dia, na região do centro de Cuiabá, segundo relatado em trecho da reportagem abaixo:

Conforme o boletim de ocorrência obtido pelo Repórter MT, a vítima relatou que saiu de um curso por volta das 15h, com duas colegas. As meninas foram embora com os pais, já a jovem continuou sozinha pela Avenida Isaac Póvoas, a caminho da Estação Bispo. Quando chegou na Praça Rachid Jaudy, ela contou ter sido abordada por dois homens, que a seguraram pelos braços e a ameaçaram. Ela foi levada para dentro do CAT, onde sofreu o abuso (AGUIAR, 2022).

Nesse sentido, o movimento de fuga para a virtualização, em detrimento da territorialidade, aparenta ser justificável, ainda que não se possa esquecer que cada um desses universos, físico ou virtual, carrega em si riscos e ocorrências criminais próprias. Porém, por vezes, como resultado desse movimento para o virtual, quando habitantes de um mesmo território urbano se encontram, se aglomeram, de forma exclusivamente virtual, desassociada da fisicalidade, mas discutindo, compartilhando e carregando para a dimensão virtual os limites geográficos que conectam esses indivíduos, temos instituído o *metaverso urbano*, ou seja, essa cidade que só existe no mundo virtual e

que, embora possa ser experienciada de forma coletiva, também pode jamais chegar a materializar os encontros no espaço físico.

LUGARES CONTEMPORÂNEOS NO CENTRO

Segundo Castells (2022), considerando as características da sociedade da informação que cada vez mais funciona em redes, “a função e o poder em nossas sociedades estão organizados no espaço de fluxos” (CASTELLS, 2002, p. 517) e “a dominação estrutural de sua lógica altera de forma fundamental o significado e a dinâmica dos lugares” (CASTELLS, 2002, p. 517). Mesmo assim, conforme o autor, as pessoas ainda vivem em lugares. Nesse sentido, que lugares físicos seriam esses em que os jovens ainda se encontram?

Buscando-se um exemplo prático de estabelecimento de encontros entre jovens no território urbano, podemos citar as batalhas de rap na Praça Alencastro (Figura 1), no centro antigo de Cuiabá/MT. Promovidas pelo canal Batalha da Alencastro, o evento acontece de forma presencial, às quintas-feiras às 19h30, sendo ainda transmitido de forma online. Embora não haja registro exato dos participantes a cada encontro, é comumente realizado o registro fotográfico com os presentes, convidados pelo mestre de cerimônias a partir de dizeres como “Cola aí! Cola aí, galera! Foto do engajamento!” (BATALHA DA ALENCASTRO, 2022, tempo 1:02:30), seguido da conferência também da presença nas redes sociais: “Quantos comentários hoje, mestre Caco?” (BATALHA DA ALENCASTRO, 2022). Na ocasião, a resposta para a última questão foi 313 comentários. Tal exemplo, que inclusive recebe o nome do local no qual ocorre (a Praça Alencastro), ocorre simultaneamente em duas dimensões diferentes, a física e a virtual (pelas mídias digitais), sendo que a presença virtual na ocasião era, ao menos, três vezes maior do que as dezenas que se percebia no local (estimadas a partir do registro em vídeo) e bem menos que as 4,5 mil pessoas que seguem o canal no Instagram. Como destaca Bruno (2022) sobre esses encontros, “a praça se torna um lugar de diversidade, respeito e expressão artística por parte dos MCs e do público em geral que vai prestigiar o movimento cultural, sem distinção de gênero, cor, orientação sexual, religião ou idade” (BRUNO, 2022).



Figura 1. Disputada entre Myth (da esquerda) e Havel (da direita) na primeira seletiva para o estadual na Batalha da Alencastro, em Cuiabá.

Fonte: Bruno (2022). Foto: Jolismar Bruno

Não se pode negar que o encontro é um importante movimento cultural, que, nos termos de Castells (2002), poderia representar um exemplo de virtualidade real construída, com efeitos também no mundo físico, atraindo participantes para encontros presenciais. No entanto, a vinculação efetiva de seus participantes ao território (seus significados, seus equipamentos, seus moradores, suas dinâmicas e desafios) parece ainda questionável, valendo recorrer a Magnani (2002) e seus estudos sobre práticas culturais de lazer. Neles o autor estabelece alguns modelos de análises para as práticas de utilização dos espaços, incluído entre eles os conceitos de *pedaço* e *mancha*, onde “a noção de pedaço, por exemplo, supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles” (MAGNANI, 2002, p. 20). Ele complementa ainda:

As marcas dessas duas formas de apropriação e uso do espaço – *pedaço* e *mancha* – na paisagem mais ampla da cidade são diferentes. No primeiro caso, em que o fator determinante é constituído pelas relações estabelecidas entre seus membros (como resultado do manejo de símbolos e códigos), o espaço como ponto de referência é restrito, interessando mais a seus habitués. Com facilidade muda-se de ponto, quando então se leva junto os pedaços (MAGNANI, 2002, p. 22-23).

Percebe-se, no caso citado, existir, de fato, alguns códigos de comunicação entre o grupo, tanto nos trajes, nas gírias utilizadas, quanto no próprio estilo musical. Além disso, a conexão do evento com os edifícios e equipamentos do entorno se mostra irrelevante, mesmo porque a maior parte desses (lojas, bancos, órgão públicos) estão fechados nos horários em que ocorre o evento. Nesse sentido, o fenômeno se aproxima muito mais do conceito de *pedaço* do que de *mancha*, podendo extrair-se daí um caráter de frágil conexão com o território do centro da capital, uma vez que poderia facilmente ser

transferido para outro *locus*, que levaria juntamente seus praticantes, diferentemente da *mancha* que, ao contrário, “sempre aglutinada em torno de um ou mais estabelecimentos, apresenta uma implantação mais estável tanto na paisagem como no imaginário” (MAGNANI, 2002, p. 23).

Com base nas análises, tem-se, no caso citado, uma prática de utilização, talvez, muito mais ligada à localização geográfica da praça como ponto estratégico, na intersecção entre rotas de transportes, ou seja, muito mais ligado à lógica do espaço de fluxos que propriamente a do chamado espaço de lugares, perdendo, talvez, a força nesse segundo universo. Assim, permanece, no caso, ainda o dilema entre físico e virtual, valendo, novamente, voltarmos para Castells (2002):

A experiência, por estar relacionada a lugares, fica abstraída do poder, e o significado é cada vez mais separado do conhecimento. Segue-se uma esquizofrenia estrutural entre duas lógicas espaciais que ameaça romper os canais de comunicação da sociedade. A tendência predominante é para um horizonte de espaço de fluxos aistórico em rede, visando impor sua lógica nos lugares segmentados e espalhados, cada vez menos relacionados uns com os outros, cada vez menos capazes de compartilhar códigos culturais. A menos que, deliberadamente, se construam pontes culturais, políticas e físicas entre essas duas formas de espaço, poderemos estar rumando para a vida em universos paralelos, cujos tempos não conseguem encontrar-se porque são trabalhados em diferentes dimensões de um hiperespaço social (CASTELLS, 2002, p. 517 e 518).

Por vezes, torna-se difícil vislumbrar um cenário diferente que não um futuro inevitável de territórios de presenças virtualizadas e virtualidades desterritorializadas, como sugere Castells (2002). Porém, como defende Canclini (1997), pode haver caminhos e “a possibilidade de se reconstruir um imaginário comum para as experiências urbanas deve combinar o enraizamento territorial de bairros ou grupos com a participação solidária na informação” (CANCLINI, 1997, p. 115), cabendo esse desafio não somente às políticas urbanas tradicionais, como às políticas culturais também.

Esse processo interdisciplinar passa por procedimentos de fomento às ações culturais, de curadoria e distribuição de investimentos públicos, de incentivo às novas territorializações, na busca pelo sonhado direito à cidade, pelo “direito à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos da vida e empregos de tempo que permitam o uso pleno e inteiro desses momentos e locais” (Lefebvre, 1968a, p. 139, apud CARLOS, 2019, p. 476), num caminho de resistência aos universos múltiplos e disjuntivos, reestabelecendo lugares em forma, função e significado independentes, também no plano físico, não somente no *metaverso urbano*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as discussões apresentadas, permanece em suspensão a pergunta inicial, acrescentando-se a ela outras, entre as quais estão questionamentos sobre as condições de segurança que os territórios físicos garantem aos jovens e se não estão aí, também as condições propícias para a virtualização das relações desses com o espaço.

Ainda assim, a partir dos conceitos e discussões teóricas identifica-se possibilidades para o restabelecimento dessas relações com o espaço urbano, reconstruindo um imaginário comum para as experiências urbanas, partindo, principalmente, da atenção ao proposto por Canclini (2002), buscando a combinação do enraizamento territorial de bairros ou grupos com a participação solidária na informação. Do mesmo modo, ressalta-se a importância da manutenção das relações de encontro e troca, estabelecendo novos lugares, em resistência aos processos urbanos guiados exclusivamente pelo capital e à serviço desse.

Destaca-se que o presente ensaio não esgota o assunto e, mesmo, a isso não se pretende, uma vez que o tema das vivências urbanas é repleto de complexidades e que há muitos fatores socioeconômicos, familiares ou de afiliação religiosa, que podem também demandar estudos adicionais em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, João. **À Luz Do Dia: Adolescente é estuprada por homens em praça no Centro de Cuiabá.** Repórter MT, Cuiabá, 09 fev. 2022. Polícia. Disponível em <https://www.reportermt.com/policia/adolescente-e-estuprada-por-homens-em-praca-no-centro-de-cuiaba/168451>. Acesso em: jul. 2022.

BATALHA DA ALENCASTRO (@batalhadaalencastro). **Live BdA261 - 🏆 Lemes campeão (@lemes065).** 1 vídeo. (93 min.) 22 de julho de 2022. Disponível em <https://www.instagram.com/reel/CgUXh76AkBm/>. Acesso em julho/2022.

BRUNO, Jolismar. **Todo mundo tem voz: Batalha da Alencastro valoriza o cenário do rap em Cuiabá.** Gazeta Digital, Cuiabá, 22 mai.2022. Cidades. Disponível em <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/cidades/batalha-da-alencastro-valoriza-o-cenrio-do-rap-em-cuiab/692660>. Acesso em julho/2022.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Henri Lefebvre: a problemática urbana em sua determinação espacial. **Geosp – Espaço e Tempo (Online)**, v. 23, n. 3, p. 458-477, 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2002.

DA REDAÇÃO. **Jovem é assassinado a facadas em praça pública de Cuiabá; veja vídeo**. Polícia / À Luz Do Dia. Repórter MT. Cuiabá: 02 de março de 2022. Disponível em <https://www.reportermt.com/policia/jovem-e-assassinado-a-golpes-de-faca-em-praca-publica-de-cuiaba-veja-video/169849>. Acesso em: jul. 2022.

DARON, Matheus Yan ASK; GALLO, Douglas LL; DE OLIVEIRA, Angela S. Análise da percepção dos espaços públicos do centro de Cuiabá/MT por seus usuários. In: **Workif-Workshop de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação do IFMT**. 2016. p. 427-430.

DE ANDRADE, Renato Abreu Ortiz. **Metaverso - A Próxima Fronteira da Inovação**. Renato A. O. de Andrade, 2022. Disponível em <<https://revistas.anahuac.mx/masciencia/article/view/1234>>. Acesso em: dez. 2022.

FOX, Maggie; HOWARD, Jacqueline. **Lockdown contribuiu para queda de criminalidade em nível mundial, diz estudo**. CNN, 2021. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/lockdown-contribuiu-para-queda-de-criminalidade-em-nivel-mundial-diz-estudo/>>. Acesso em: maio. 2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-2020-censo4.html?=&t=downloads>. Acesso em: jul. 2022.

LAVADO, Thiago. **Uso da Internet no Brasil cresce, e 70% da População está conectada**. Portal G1, 2019. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/08/28/uso-da-internet-no-brasil-cresce-e-70percent-da-populacao-esta-conectada.ghtml>>. Acesso em: jul. 2022.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEYVA, José Martín Gálvez. **Metaverso: cuando la realidad supera a la ficción**. + Ciencia, n. 28, p. 16-18, 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n. 49, pp. 11-29, 2002.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Segurança Pública. Núcleo de Gestão Estratégica. **Anuário da Secretaria de Estado de Segurança Pública de Mato Grosso –2020**. / Secretaria de Estado de Segurança Pública. Núcleo de Gestão Estratégica para Resultados; Superintendência do Observatório de Segurança Pública. – Cuiabá, MT: SESP-MT, 2021. p.188. Disponível em <http://www.sesp.mt.gov.br/anuario-sesp>. Acesso em: jul. 2022.

MATO GROSSO. Secretaria de Segurança Pública. Núcleo de Gestão Estratégica. **Anuário da Secretaria de Estado de Segurança Pública de Mato Grosso –2019**. / Secretaria de Segurança Pública. Núcleo de Gestão Estratégica para Resultados; Superintendência do Observatório de Segurança Pública. – Cuiabá, MT: SESP-MT, 2020.180 p. Disponível em <http://www.sesp.mt.gov.br/anuario-sesp>. Acesso em: jul. 2022.

SANTOS, Carlos. Território e territorialidade. **Revista Zona de Impacto**, v. 13, p. 1-8, 1982.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. As tiranias da intimidade. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

O VIRTUAL, O REAL, E A ARTE NAS REDES

Flávia Leslie Fripp de Almeida
Bibiana Bragagnolo

Resumo: As mudanças tecnológicas da era industrial para a era da informação provocaram mudanças significantes na vida de forma geral. Também causaram transformações na construção de sentidos a partir das percepções dessas novas experiências tecnológicas na vida cultural e na arte. A arte que muitas vezes expressa o contexto em que está inserida também experimenta esse novo cenário com novas possibilidades de existir. Este artigo pretende analisar como essa revolução tecnológica da informação afeta as nossas vidas e, sobretudo, o processo criativo da arte e sua produção. Para tanto, levaremos em consideração a forma como as linguagens e comunicações se transformaram na “era da virtualidade real”, denunciada por Manuel Castells (1999), a “cibercultura” e o “virtual” de Pierre Lévy (1996). Para que possamos analisar essas transformações e como elas interferiram na forma de fazer e consumir arte.

Palavras-chave: Virtualidade, Redes, Arte e Tecnologia. Informação.

INTRODUÇÃO

Quem nasceu depois da virada do século 21, talvez, de imediato não se surpreenda tanto, pelo menos não sem uma reflexão, em relação ao avanço tecnológico que ocorre desde a revolução industrial até a chegada da internet. Nascidos nesse âmbito estão acostumadas às novas tecnologias e a rapidez com que elas se propagam, no entanto, ao analisarmos ideias como de Manoel Castells (1996), Pierre Lévy (1996), Baudrilard (1991), Janet Murray (1997), compreendemos que essas transformações causaram mudanças impactantes e levaram a discussões profundas a respeito do virtual, da sua capacidade de abrangência, o medo do descontrole, da sua capacidade de armazenar e cambiar informações, e muito mais.

O real e o virtual, ao colocarmos lado a lado as duas possibilidades, muitas vezes podemos tratar o virtual como se ele demarcasse um limite entre realidade e não-realidade, e ainda, acentuar esse antagonismo entre ambos, o virtual como não real. É preciso ter disposição e olhar para o conceito de virtual de forma mais ampla e sem preconceitos, e para isso a investigação torna-se frutífera e necessária. É o que nos sugere Pierre Lévy, em seu livro “O virtual” (1996), nessa obra ele estimula um olhar mais abrangente e estimulante sobre a virtualização. Inserido num contexto de desconfianças

e muitas críticas a respeito da internet e sua capacidade de virtualização, ele pede cautela na demonização, tudo que é novo pode causar estranheza e resistência, não foi diferente com a internet que é, para alguns, um bicho de sete cabeças, não para Lévy que se expande no conceito de virtual, desmitificando-o da limitação digital. Para ele, a virtualização não pode ser reduzida ao que é digital é preciso explorá-la conhecê-la, como uma ferramenta, que nos pode ser útil, antes de lançar julgamentos negativos. Isso porque a virtualidade sempre esteve entre nós e sempre fez parte da construção do mundo, como uma ferramenta que pode ser utilizada para muitos fins:

Enquanto tal, a virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra. Ela se apresenta como o movimento mesmo do "devir outro" - ou o heterogênesse - do humano. Antes de temê-la, condená-la, ou lançar-se às cegas a ela, proponho que se faça o esforço de apreender, de pensar, de compreender em toda a sua amplitude a virtualização (LEVY, 1996, p.12).

A chegada da internet, novidade ainda a ser explorada e conhecida, acarretou desconfianças, muitas dúvidas e preconceitos a respeito dessa capacidade de virtualidade. Segundo (Murray, 1997), qualquer tecnologia industrial que estende dramaticamente nossas capacidades, ou seja, que amplie nossa apreensão do mundo e nossa capacidade de explorá-lo, manipulá-lo, também nos torna inquietos, e sobretudo, desafiam nossos conceitos de humanidade.

“O nascimento de um novo meio de comunicação é ao mesmo tempo estimulante e assustador” (MURRAY, 2003, p, 17).

Para Lévy (1996) o virtual é inerente a nossa existência, faz parte da condição humana, através de nossas capacidades de armazenamento das ideias, por exemplo, nas memórias, lembranças virtuais de uma realidade registrada do passado, informações virtuais que causam expectativas e estímulos para projetos futuros:

Quis mostrar neste livro que a virtualização é o movimento pelo qual se constituiu e continua a se criar nossa espécie. No entanto, ela é frequentemente vivida como inumana, desumanizante, como a mais aterradora das alteridades em curso(...) Muitos intelectuais atualmente, orgulhosos de seu papel "crítico", acreditam fazer algo digno ao espalhar a confusão e a pânico a respeito da civilização emergente (LÉVY, 1996, p, 147).

O real e o virtual coexistem, cada um a seu modo, mas o que é real? Quando pensamos em realidade nos vem à mente a realidade pragmática, palpável, aquela que vejo, toco, escuto, sinto, cheiro. Mas como essa realidade é moldada e pensada é algo que passa pelo virtual no sentido que Pierre Lévy coloca (1996). Jean Baudrillard, em Simulacros e Simulações (1991) acredita que o real é um deserto, ou seja, o que vemos como realidade não é real, não passam de simulacros (sinais, símbolos) que dissimulam a realidade e simulam uma nova “realidade” inspirada numa inexistente, ou seja, uma *hiper-realidade*, que carrega consigo um signo sem referente.

Nessa passagem a um espeço cuja curvatura já não é a do real, nem a da verdade, a era de simulação inicia-se, pois, com uma liquidação de todos os referenciais – pior: com a sua ressurreição artificial nos sistemas de signos, material mais dúctil que o sentido, na medida em que se oferece todos os sistemas de equivalência, a todas as oposições binárias, á toda álgebra combinatória. Já não se trata de imitação(...). Trata-se de uma substituição no real dos signos do real (...) de uma operação de discussão de todo o processo real pelo seu duplo operatório (BAUDRILARD, 1991, p. 9).

A era dos simulacros se intensifica nos tempos atuais, por conta da capacidade tecnológica e sobretudo, suas capacidades de alcance global, armazenamento, rapidez, desterritorialização e engajamento. Talvez não seja tão determinante, que não exista mais o “real” como sugere Baudrilard, mas, como cada vez mais, ele é sufocado, reprimido e maquiado pelas simulações que escolhemos para nossas representações. A internet, o mundo nas redes e a vida contada por elas, pelas mídias, o consumo que alimenta o capitalismo, as incompletudes existenciais, medos, as diversidades políticas, sociais, econômicas, religiosas, ideológicas, as carências. São mecanismos, hábitos que cada vez mais, nos causam motivos para a alienação, nos distanciam do real, isso talvez, porque encarar o real seja tarefa dura que exige disposição e coragem, pois, pode ser duro demasiadamente. Contudo, a arte sempre foi uma opção para a libertar-se, de toda carga, talvez a única como acreditava Schopenhauer (1819), o prazer estético é capaz de nos capturar da dureza da realidade nos tornando objetos dissolvidos na obra, sem o peso da subjetividade. Sabemos do pessimismo schopenhaueriano, entretanto seu conceito sobre esse momento sublime de apreciação estética representa as capacidades que a arte tem de nos tocar de forma profunda. Dito isto, a arte na era da industrialização e tecnificação sofre severas alterações ou como podemos dizer, surgem novas formas de produção e comercialização e Walter Benjamin (1955) com uma crítica mais amena do que seus companheiros da escola de Frankfurt nos alerta para a perda da autenticidade da obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Complementamos e não com a intenção de contar uma história da Arte, mas sim, como as novas tecnologias afetaram e transformaram as suas maneiras de se fazer existir. A arte foi transformando-se, tornou-se uma porta-voz narrando os tempos ao seu modo, irreverente ou recatada, entendida e não compreendida, vista e malvista, ela nos contou, nos informou. A arte como narrativa foi abordada por Janet Murray em *Hamlet Holodeck* (2003) inserida nas novas tecnologias do seu tempo ela defende que as tecnologias da informação permitem aos nós a vivência de narrativas inovadoras com maior e mais amplas capacidades de interações e dimensões. Para ilustrar a chegada desses novos recursos tecnológicos e suas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais Manuel Castells (1999) anuncia a chegada da “Era da cultura da virtualidade real”.

A CULTURA DA VIRTUALIDADE REAL

Na “era da cultura da virtualidade real” (CASTELLS, 1999) as transformações tecnológicas inserem-se no cotidiano, e as maneiras de comunicar-se e informar-se alteraram-se, a linguagem encontrou novas formas de se fazer presente e os signos e símbolos tornaram-se outros e outros se agregaram a nova realidade. Podemos dizer que este mundo tecnológico que até a década de 1980 nos aparecia em filmes de ficção científica, ou, muito simbolicamente o sonho americano no desenho dos Jetons, hoje em partes, é uma realidade à qual gerações anteriores tiveram de se adequar para não se tornarem existências obsoletas.

Castells (1999) para lembrar-nos sobre como tudo começou conta-nos como a comunicação e a linguagem moldaram-se em todos os setores, a grande revolução tecnológica da comunicação inicia-se com o surgimento dos meios de comunicação de massa, como a chegada do rádio, cinema e uma das mais poderosas; a televisão. Contudo, foi com a chegada da internet que o cenário se transforma de forma significativa e irreversível. Trata-se da era digital, interativa disseminada sob uma nova perspectiva de grande capacidade de armazenamento, distribuição e conexão. A forma como nos comunicamos determina que tipo de sociedade que somos. Manuel Castells nos desafia a reflexão sobre como o surgimento de um novo sistema de comunicação interativo de alcance global estaria mudando para sempre nossa cultura. Tal mudança revolucionaria todas as esferas da nossa estrutura organizacional e comunicativa. É a revolução da tecnologia da informação.

“Afirmo que por meio da poderosa influência do novo sistema de comunicação, mediado por interesses sociais, políticas governamentais e estratégias de negócios, está surgindo uma nova cultura: A cultura da virtualidade real” (CASTELLS, 1999, p. 415).

Castells apresenta sua obra prima, a trilogia “A era da informação: Economia, Sociedade, e Cultura”, que se trata de três livros que foram escritos ao longo dos anos 1990, são elas: Sociedade em Rede (1996), O poder da identidade (1997), e Fim de milênio (1998), onde ela trata das novas tecnologias, a internet como parte fundamental do nosso cotidiano, e das relações dessas novas ferramentas e dessa nova realidade com o capitalismo. Para ele, a vida é marcada por uma estabilidade que é afetada por intervalos significativos, e quando se trata dessa nova era anunciada ele considera um desses grandes intervalos históricos marco de mudanças e paradigmas.

“Meu ponto de partida, e não estou sozinho nesta conjectura, é que no final do século XX vivemos um desses raros intervalos na história. Um intervalo cuja característica é a transformação de nossa “cultura material” pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação” (CASTELLS, 1999, p.67).

Ele concentrou sua atenção em entender esse novo sistema, um sistema diferente de comunicação organizado em função do uso das redes de computadores, com o aparecimento da internet e o surpreendente desenvolvimento espontâneo de novos tipos de comunidades virtuais. Castells afirma que a integração potencial de texto, imagens e sons no mesmo sistema interagindo, nos tempos escolhidos, “real ou atrasado” em rede global com condições acessíveis, inclusive financeiramente, muda de forma fundamental o caráter da comunicação. Vivemos em um ambiente de mídia, a maior parte de nossos estímulos simbólicos vem dos meios de comunicação. A era da informação criou uma nova estrutura comunicacional e social que se organiza em redes.

“Hoje existem milhões de usuários de redes no mundo inteiro, cobrindo todo o espectro da comunicação humana, da política e, da religião ao sexo e a pesquisa – Com o comércio eletrônico como atração principal da internet contemporânea” (CASTELLS, 1999, p. 439).

Com o surgimento das novas tecnologias e com a aceleração dos processos de globalização, as práticas sociais se transformam. Novas identidades, novas relações de poder, novos espaços ampliados de circulação e atuação são construídos. Para Castells (1999) a comunicação molda a cultura e como a cultura é mediada e determinada pela comunicação que, segundo ele, são nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos, transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico. Castells acertadamente previa que com o passar do tempo mudaria ainda mais, o que de fato, podemos constatar com toda a evolução dos sistemas interativos desde então: a era do 5G só confirma a previsão do espanhol. Castells já entendia que essa transformação tecnológica era não menos que um dos grandes marcos da história da humanidade, assim como a descoberta do alfabeto e da escrita. Ele vê com otimismo toda essa revolução global, a possibilidade de uma comunicação de mão dupla, que traz ao espectador a possibilidade de uma interação e participação mais direta. A possibilidade de se ligar a coisas e pessoas que se interessam, a possibilidade de acesso a informações com rapidez, acessar sistemas e grupos distantes, mas com afinidades. Contudo, ele se preocupa com quem fica de fora dessa acessibilidade.

Podemos compreender como toda essa tecnologia e avanços científicos nos beneficiaram com grandes avanços em todas as áreas. Porém essa globalização acelerada, com informações que chegam de todos os lados, acessamos de tudo, toda hora, há todo tempo, mas o tempo é curto para tanto. Como as nossas percepções e construções de sentidos que são afetadas com a rapidez e quantidade lidam ou se alteram com tudo isso? Será que de fato estamos preparados para lidar com toda essa capacidade de informação?

Jean Baudrillard em “Simulacros e simulações” (1991) acredita que estamos num universo em que existe cada vez mais informação e cada vez menos sentido. A proliferação de simulacros seria acompanhada da deflação de sentido. Para ele, isso ocorre devido à própria antecipação do simulacro

à realidade, que tornaria os acontecimentos quase insignificantes. A ideia de estarmos vivendo no fluxo dos simulacros e simulações pode ser muito amplificada nos dias atuais com o mundo virtual e global, afinal de contas as redes sociais, por exemplo, criam de forma espontânea esses simulacros possibilitando cada vez mais criar a imagem ideal que sempre sonhamos, mas que não existe fora dessa virtualidade. A questão é, será que não acreditamos demais nessa simulação, tal qual se origina do não real, a ponto de confundir perfis das redes sociais onde qualquer imagem pode ser criada, com o perfil real que está por detrás da tela do computador ou celular?

O real é produzido a partir de células miniaturizadas, de matrizes e de memórias, de modelos de comando — e pode ser reproduzido um número indefinido de vezes a partir daí. Já não tem de ser racional, pois já não se compara com nenhuma instância, ideal ou negativa. É apenas operacional. Na verdade, já não é o real, pois já não está envolto em nenhum imaginário. É um hiper-real, produto de síntese irradiando modelos combinatórios num hiperespaço sem atmosfera (BAUDRILARD, 1991, p.8).

Distanciados de uma realidade, ou seja, num deserto do real, as relações que construímos, as emoções que vivemos seriam falsas, de fato nem tudo poderia ser, mas a ideia de Baudrilard nos inspira a reflexão. Estar com e onde desejamos nem sempre pode ser conduzido pelos simulacros, estejamos atentos pois, no mundo virtual da internet podemos acessar boas e frutíferas informações como nos perder diante de infinitas ofertas, o que acessar, com quem? As relações fluem com muita rapidez e o que levaria anos para se atingir uma intimidade através do virtual é em poucos dias. Pierre Lévy nos diz:

A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do "nós": comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... Embora a digitalização das mensagens e a extensão do ciberespaço desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização. Deve-se temer uma desrealização geral? (LEVY, 1996, p 12).

Em tempos pandêmicos a necessidade do afastamento físico nos aproximou através da mediação real e virtual, acelerou processos de aceitação do real, todos tiveram de se adaptar à tecnologia para que a vida não parasse. A maneira de produzir e consumir arte também se reinventou, o hibridismo virtual-presencial agora é uma realidade que foi instaurada. A visão radical de Baudrillard de que não existe mais o real, e que vivemos nos simulacros nos faz refletir sobre a nossa relação com o mundo, porque o real tornou-se tão desinteressante. O contraste da realidade poderia ser amenizado pela arte, neste aspecto e no momento pandêmico os simulacros estão preenchendo de forma mais extensa nossas vidas. A restrição da presença física no espaço público teve várias consequências, como a proliferação de outras formas de produção, circulação e exibição de produções estéticas e artísticas.

O fechamento temporário dos museus, galerias, teatros, cinemas e centros culturais, o cancelamento das feiras de arte e bienais, enfim, o impedimento de acesso aos espaços legitimados e legitimadores de fruição artística estão levando à reorganização do sistema de artes. Nesse contexto os simulacros podem ser vistos de uma forma positiva.

As instituições estão apostando no desenvolvimento de formas de expografia virtual e visitas online, através de vídeo 360° e da realidade virtual. Consequentemente, artistas estão produzindo tendo em vista esses novos espaços de circulação. A simulação está no meio de nós, e em um período de pandemia parece ser a forma mais segura de relacionamento com a arte. Certamente, nenhum desses eventos é advento deste período específico, porém parece que essas reconfigurações são um estímulo para repensar a relação com o simulacro, esse filho menosprezado da pós-modernidade (REZENDE, 2020, p.104).

No contexto pandêmico fomos conduzidos a vivenciar o virtual digital com intensidade, com a presença física não sendo uma possibilidade abriu-se espaço para a relação virtual em todos os setores, e somos conduzidos a uma reflexão não sobre o que é real ou virtual, porque já entendemos que o virtual pode também significar real, não é também, sobre um real desértico, porque mesmo nos simulacros podem haver algum sentido, mas, como espaços que se constroem entre um e outro podem ser refletidos e trazerem novas percepções e a possibilidade de novas emergências. A vida tornou-se híbrida nesse manejo do espaço e do tempo e arte como sempre se reinventando

A ARTE UMA EMERGÊNCIA DA VIDA HUMANA

A arte sempre busca maneiras de existir, refletindo sentidos, se expressando, e as expressões são manifestações do que se capta das percepções conscientes e inconscientes buscando nas diversas linguagens artísticas proeminentes a comunicação. Mas o que é arte? A definição de arte pode ser vista como uma construção cultural sem significado preciso ou constante, que pode ir variando com o passar do tempo e de acordo com as várias culturas humanas.

Para Jean Lacoste (1986) a classificação da palavra arte permanece incerta, e essa flutuação é, já por si só, reveladora, e que somente no século XVIII é que se fará de modo preciso a distinção entre artista e artesão, e as belas artes passam a ser autônomas.

Arte " é, aliás, um a palavra equívoca. Na Idade Média, as artes liberais ensinadas na universidade eram opostas às artes mecânicas, as operações quase especulativas do espírito às operações vulgares da mão. A pintura fazia parte, portanto, das artes mecânicas, e o poeta Rutebeuf dizia, pelo contrário: " Eu não sou operário manual". Mas, desde fins do século XIV, em Florença, os

pintores reivindicam para a nova pintura nascida de Giotto o status social de uma arte liberal com - parável, por seu poder de criação e sua imaginação audaciosa, à (...) E Leonardo da Vinci irá ainda mais longe, assimilando a pintura, (...) "argumentações filosóficas" e exploração da natureza (LACOSTE, 1986, p. 7-8).

Para Lacoste a pintura é o símbolo perfeito dessas inclassificáveis artes do belo, as quais não buscam nem a verdade nem a utilidade, que exprimem, mas em silêncio, que imitam uma realidade imaginária, e que fazem surgir do corpo uma obra mais religiosamente admirada, com frequência, do que as construções exclusivas do pensamento.

A arte para Platão, de uma forma geral, compreende todo conjunto de regras capazes de dirigir uma atividade humana qualquer, inclusive a ciência (ABBAGNANO, 2003). As belas artes não existiam como tal em Platão, trata-se de arte (tékhne) a pintura, a poesia, a música não tem um lugar à parte no vasto conjunto da tékhne, tampouco são definidas, com o as "belas-artes" modernas, pela expressão da beleza. Inversamente, a beleza quase nunca se encarna, em Platão, nas obras de arte. Platão reúne o pintor, o poeta e o sofista numa mesma definição, todos são ilusionistas tais quais a pretensão e competência universal é um fantasma tão irreal quanto o reflexo sobre o metal polido do espelho. (LACOSTE, 1986).

Aristóteles restringiu notadamente o conceito de arte. Começou retirando do âmbito da arte a esfera da ciência, depois dividiu o que não pertence à ciência, isto é, o possível (que pode ser de um modo ou de outro) no que depende a ação e produção, somente o possível que é objeto de produção é objeto da arte, nesse sentido para ele, pode-se dizer que a arquitetura é uma arte e a arte se define como hábito, acompanhado pela razão, de produzir alguma coisa (ABBAGNANO, 2003). Segundo Abbagnano, essa distinção aristotélica não foi adotada em todo seu rigor pelo mundo antigo e medieval, os estoicos por exemplo vieram a ampliar o conceito de arte como sendo um conjunto de compreensões, compreensão como o assentimento ou uma representação compreensiva, o que na verdade não distingue a arte da ciência.

Kant, por sua vez, resumiu as características tradicionais desse conceito ao fazer a distinção entre arte e natureza, de um lado, e entre arte e ciência de outro, e distinguiu na própria arte, a arte mecânica e a arte estética.

A arte, com efeito, opõe-se à natureza na medida em que a produção de um a "obra de arte" (o fazer) se distingue do simples efeito natural, do agir, porquanto supõe uma liberdade que coloca a razão na base de suas ações. A obra deve sua forma a um fim que é pensado antes que essa obra seja realizada. A arte, na acepção definida por Kant, que poderia opor, com o faria Marx mais tarde, o arquiteto à abelha, é reservada, portanto, ao homem (LACOSTE, 1986, p. 22).

Schopenhauer (1991) em sua obra “O mundo como vontade e representação”, onde via na arte e apreciação estética, maneiras de aliviar o sofrimento Em “As dores do Mundo” (1850) ele escreveu:

“A arte é uma redenção – Ela livra da vontade, e, portanto, da dor – Torna as imagens da vida cheias de encanto – A sua missão é produzir-lhe os cambiantes, todos os 6 aspectos – Poesia lírica – Tragédia, comédia – Pintura – Música; a ação do gênio é aí mais sensível do que noutra arte” (SHOPENHAUER, 2019, p. 94).

Em sua ontologia da arte o pensamento de Schopenhauer parte inicialmente da filosofia kantiana, utiliza da distinção feita por Kant entre mundo dos fenômenos e da “coisa em si” e introduz, em sua metafísica, algo que não existe no conceito de Kant, o contraste entre a representação e a vontade, a pluralidade e a unidade. Friedrich Nietzsche, por sua vez, em sua obra o “Nascimento da tragédia” (1872), propõe que nos vejamos como uma obra de arte, num processo de humanização pela via da arte. Nietzsche introduz na estética dois princípios a que chama de dois deuses gregos: Apolo e Dioniso, que encarnam, com efeito, duas “pulsões artísticas da natureza”. Cada uma dessas pulsões manifesta-se na vida humana por meio de estados psicológicos (LACOSTE, 1986). O filósofo coloca a arte como tarefa suprema e atividade propriamente metafísica. Em “Humano demasiado humano” (2006), que marca uma mudança significativa na filosofia de Nietzsche, de forma mais pálida, mas ainda com muita relevância, a arte aparece, e em uma de suas falas o autor coloca a arte como substituta da religião.

“A arte levanta a cabeça quando as religiões perdem terreno. Assume uma quantidade de sentimentos e de tendências produzidas pela religião, toma-os a peito e se torna então ela própria mais profunda, com mais ânimo, de modo que consegue comunicar elevação e entusiasmo, o que anteriormente não podia ainda” (NIETZSCHE, 2006, p.127).

Podemos compreender que em todas as épocas a arte de uma forma geral se manifesta e, é compreendida, entendida ou não, aceita ou não, devido ao seu contexto. “Toda obra de arte é filha de seu tempo” (KANDINSKY, 1996, p.27). Portanto, se uma sociedade avança tecnologicamente, tal processo movimentará a comunicação e linguagem, a ciência, a economia e a política. A arte se atenta a esse afecto de seu contexto e na “era da virtualidade real” ela cogita transformações, como podemos averiguar na arte contemporânea que abre espaços para as novas manifestações, tais quais, ponderam no processo criativo de maneira geral. As tecnologias midiáticas e suas capacidades de alcance e rapidez causam essa emergência de novas formas de fazer arte. Porém, esse processo de avanço tecnológico e seus pormenores são discutíveis e já vem causando profundas reflexões há um bom tempo. O discurso de “progresso” desde a industrialização de um sistema capitalista que explora tudo e todos, captura a arte destituindo-a de alma condicionando-a ao consumo de massa.

No início do séc. XX, Adorno e Horkheimer (2002) levantaram a questão da indústria cultural e o problema da produção de massa, a arte como mercadoria. A arte como produto de consumo seria um tipo de entretenimento para causar alienação, desestimulando as próprias escolhas para servir como ao colaborador da indústria. Nas palavras de Adorno:

Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. Mas estes constituem, contudo, a condição prévia de uma sociedade democrática, que não se poderia salvar e desabrochar senão através de homens não tute lados. Se as massas são injustamente difamadas do alto como tais, é também a própria indústria cultural que as transforma nas massas que ela depois despreza, e impede de atingir a emancipação, para a qual os próprios homens estariam tão maduros quanto as forças produtivas da época o permitiriam (ADORNO, 1986, p. 2950).

A arte como uma manifestação única e autêntica estaria sendo produzida como um mero produto a serviço da indústria que sucumbe sua autenticidade. Walter Benjamin que também dialogou com Adorno e a escola de Frankfurt, traz a reflexão sobre a perda áurica da obra na era da reprodutibilidade técnica, a obra perde a essência nas reproduções em série. Benjamin contemplou-nos com um texto memorável “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” (1955) esse artigo de quatorze páginas é de uma grande potência reflexiva e considerado por muitos como um dos textos mais importantes do século XX. Para Benjamin a aura é o que torna a obra o que ela é, única.

Mas o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja (BENJAMIN, 1955).

Benjamin afirma, que mesmo na mais perfeita reprodução algo importante se perde: “o aqui e agora da obra de arte”, ou seja, sua existência única no local em que se encontra, sendo nessa existência única e somente nela, que está realizada, onde se encontra a história como da qual a obra esteve submetida no decorrer de sua duração.

“O aqui e agora do original constitui o conteúdo da sua autenticidade, e nela se enraíza uma tradição que identifica esse objeto, até os nossos dias, como sendo aquele objeto, sempre igual e idêntico a si mesmo. A esfera da autenticidade, como um todo, escapa a reprodutibilidade técnica” (BENJAMIN, 2015, p. 43).

Acreditando que as manifestações artísticas que partem da verdade interior independente das influências externas, no sentido de criar algo subjetivo e autêntico podem refletir de forma áurica na modalidade artística manifestada. O aqui e agora não podem ser revividos, portanto, a obra perde seu aspecto áurico ao se reproduzir em série. O problema da arte como “produto” da indústria é visto aqui como prejuízo no que tange sua autenticidade, sua personalidade.

Para Benjamin, A totalidade do campo da autenticidade mantém-se alheia à reprodutibilidade, ou seja, a reprodutibilidade sucumbe a autenticidade. Enquanto, porém, o autêntico mantém sua

completa autoridade em relação à reprodução manual, que via de regra se distingue dele como falsificação, não é esse o caso em relação à reprodução técnica (BENJAMIN, 1955). Outra questão importante abordada por Benjamin é a da estetização da política que se apropriando de recursos técnicos, utilizou produções artísticas para a promoção e divulgação de ideias políticas extremamente nocivas como no caso do nazismo e fascismo. O nazismo serviu-se de técnicas inovadoras e cinematográficas a fim de convencer a divulgações de ideias políticas. Foi o que fez o nazismo por exemplo, que através de filmes e notícias influenciaram milhares de alemães com a ideia de extermínio do outro, no caso os judeus, negros e homossexuais. A técnica má aplicada pode causar retrocesso. Contudo, ele vê alguns pontos interessantes para a arte, já que na reprodução se perde a aura, porém, não obstante, se ganha na acessibilidade e democratização de obras de arte. Entretanto o ponto alto do discurso de Benjamin é o desenvolvimento do conceito de politização da arte como respostas a padronização e estetização política na arte. A politização da arte é quando ela restaura, apesar da reprodução técnica, ela consegue produzir reflexão, senso críticos e estímulos para uma revolução. Pois, sim, a obra é dialética e assim como é possível uma polarização da política na arte através das obras que podem nos causar reflexões pode converter-se na politização da arte.

“No momento, porém, em que o critério da autenticidade fracassa na produção artística, a totalidade da função social da arte é transformada. No lugar de sua fundação sobre o ritual, essa deve fundar-se em outras práxis, a saber: a política” (BENJAMIN, 2015, p.48).

A comercialização da arte tornou-se maçante no sentido de que, sua produção passa pelo crivo da padronização para o consumo.

"Essa situação gera certas preposições, tais como o engajamento progressivo no circuito do consumo de massa, o resvalar do status de obra de arte em direção ao 'produto' e, paralelamente, a transformação (...) do produto industrial em produto estético. Tudo que é produzido deve ser consumido, para ser renovado e consumido novamente” (CALQUELIN, 2005, p. 28).

Com o fim da arte moderna e a chegada da “Arte contemporânea” a arte aparece em novos patamares, novas modalidades reclamam seu lugar no status de arte. Os materiais, a divulgação, o comportamento e os valores são outros. Contudo a arte é uma representação consciente ou inconsciente de nossos anseios, medos, vontades, etc. e segundo Murray (2003) a representação pode nos permitir o exercício de comportamentos alternativos que de certa maneira, não fazem mais parte de nossas rotinas de sobrevivência. Ela acrescenta ainda na sua fala que as artes de forma geral, e particularmente a arte narrativa assim como na representação possuem atributos que autorizam a nós exercitar maneiras de ser no mundo que vão além daquelas que vivemos no cotidiano pragmático, e tais experiências podem incrementar nosso repertório de ações, ampliar os modelos pelos quais apreendemos e interpretamos o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo virtual e as redes que o conectam fazem parte da vida contemporânea em todos os setores. E como nos mostrou Castells (2009) a desterritorialização e a capacidade do tempo atemporal na cultura na virtualidade nos permite atingir novas possibilidades de viver. Duas formas emergentes do tempo e do espaço caracterizam a sociedade em rede e coexistem com formas anteriores. São os espaços de fluxos e o tempo atemporal. Ouve e há uma certa urgência para que nos adaptemos a esse novo sistema de vida, no início causou um certo temor, e depois tomou conta de todos os setores. A rapidez e abrangência do novo sistema trouxe novas descobertas e novas formas de se criar, produzir, distribuir e consumir arte. Há uma certa democratização dos espaços. Contudo, a massificação e padronização da comercialização são cansativas e desestimulantes. As relações de poder ainda influenciam o produzir, há uma nova forma de um imperialismo cultural, tal qual, domina e distribui os status do que é arte, e o que deve ser comercializado, arte como produto na era virtual se intensifica, tudo está a venda. Nos simulacros das redes sociais se compra tudo, se compram seguidores, curtidas e comentários, é difícil saber o que é real. Anônimos podem virar celebridades por motivos variados, pois, o campo virtual está aberto para todo o tipo de produção, com os mais variados públicos, como diz Castells (1999) as redes vão se formando por interesses particulares seja cultural, econômico, religioso ou político.

As redes propiciam a formação de núcleos que se interligam, se relacionam por interesses e afinidades, estar conectado com pessoas que lhe interessam seja de onde estiver essa é uma realidade dessa era, encontramos tudo no mundo virtual, é como se estivéssemos num mar aberto infinito, ou como disse Pierre Lévy num dilúvio informacional.

"O dilúvio informacional jamais cessará. A arca não repousará no topo do monte Ararat. O segundo dilúvio não terá fim. Não há nenhum fundo sólido sob o oceano das informações. Temos que ensinar os nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar" (LÉVY, 1999, p.14).

Nesse mar aberto, nesse dilúvio de informação, é que estamos situados e precisamos nos adequar, aproveitar as oportunidades tecnológicas para construir pontes que nos ajudem na evolução da vida. De forma geral, precisamos ter responsabilidade naquilo que consumimos como informação, as redes, as mídias, a internet, as tecnologias são vias para o desenvolvimento, contudo, a responsabilidade da produção é toda nossa. No que tange as artes, elas sobrevivem, se reinventam, pois são linguagens humanas necessárias e vão sempre existir como forma de resistência, seja a era que for, o tempo que for, o ser humano sempre vai achar meios para que essa comunicação aconteça. Na era da virtualidade real, cabe a nós não sucumbir a imagem ilusória que as telas, os filtros e as vidas perfeitas, tão falsas quanto seus filtros que tem a capacidade de expressar muitas vezes o ideal no sentido platônico, mas

não fazem jus a realidade, e isso deve ficar claro para que não adoeçamos ao perceber que jamais seremos tão perfeitos quanto as telas das redes sociais. Sobre o futuro da arte na era da virtualização, dos simulacros e da lacração deixo aqui as palavras finais de Murray em sua obra “Hamlet no Holodeck” (2003): “Não há, provavelmente, duas coisas mais difíceis de prever nesse mundo do que o futuro da arte e o futuro do software. Essas visões do por vir só podem ser especulações do ambiente atual, que continua mudando mesmo enquanto escrevo” (MURRAY, 2003, p. 264).

Arte sempre vai encontrar maneiras de existir e se fazer presente, em meio aos padrões e exigências do mercado do mundo civilizado, dos virtuais, das redes, dos simulacros que fiquemos com olhares sempre atentos para o que propôs Walter Benjamin o da politização da arte como fim digno de suas práxis, respeitando a diversidade e compartilhando. Buscando alargar as formas de expressão e aproveitando de forma conscientes todas as tecnologias.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. Seleção de textos Jorge Matos Brito de Almeida, tradução Julia Elisabeth Levy. – São Paulo, editora Paz e terra, 2002.

ADORNO W. Theodor. **Sociologia**, editora Ática, 1986.

BAUDRILLARD, Jean, **Simulacros e Simulações**, Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d’água, 1991.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Texto O ensaio traduzido em português por José Lino Grünnewald e publicado em A ideia do cinema (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996) e na coleção. Os pensadores, da Abril Cultural, segunda versão alemã, de Benjamin 1936-1955.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Tradução: Gabriel Valadão, 1 ed. Porto Alegre RS, editora L&PM, 2015.

CALQUELIN, Anne, **Arte Contemporânea: uma introdução**. Editora Martim Fontes, São Paulo SP, 2005.

CASTELLS, Manuel, **A Sociedade em rede**, São Paulo, editora Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel, **O Poder Da Comunicação**, edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa Portugal, 2009.

KANDINSKY, Wassily, **Do espiritual na arte: E na pintura em particular**, Martins Fontes, São Paulo SP, 1996.

LACOST, Jean, **A Filosofia da Arte**, Jorge Zahar Editor, tradução Alvaro Cabral, Rio de Janeiro, 1986.

LÉVY, Pierre, **O Virtual**, editora 34, São Paulo, 1996.

LÉVY, Pierre, **Cibercultura**, editora 34, 1999, São Paulo.

- MURRAY, Janet, **Hamlet no Holodeck**, o futuro da narrativa no ciberespaço, editora Unesp, 2003.
- NIETZSCHE W. Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. (1883) Título Original Also Sprach Zarathustra, tradução Ciro Mioranza, editora Escala, São Paulo SP. Edição 2008.
- NIETZSCHE W. Friedrich, **Humano, Demasiado Humano**, Título original Menschliches, Allumenschliches, editora Escala São Paulo SP, 2006.
- REZENDE, D. Paula **Simulacro e Repetição Como Contrainformação na Era da Sociedade de Controle**, InterFACES, n. 30, v.2, p. 103-119, 2020.
- SHOPENHAUER, Arthur, **As dores do mundo O amor- A morte, A arte, A moral- A religião, A Política- O homem e a Sociedade**, editora Edipro, primeira edição, 2019.
- SHOPENHAUER, Arthur, **O mundo como vontade e representação (parte3)**, Crítica da filosofia kantiana, Parerga e Paralipomena (capítulos V, VIII, XII, XIV) traduções de Wolfgang Leo Maar e Maria Lúcia Mello e Oliveira Caciola, 5ª edição, editora Nova Cultural, 1991.

POÉTICAS POLÍTICAS DECOLONIAIS E ECOLOGIA MENTAL EM *SPA ANCESTRAL*

Katiuska Tereza Azambuja Salgado
Maristela Carneiro

Resumo: O presente artigo discute a *sociedade do cansaço*, a partir de Byung-Chul Han, em interface com *ecologia mental*, de Guattari, *mercado*, por Beatriz Sarlo, *Nação e cidadania* com Ortiz, *políticas culturais* com Canclini, e *giro decolonial* com Segato, Grosfoguel, Mignolo, Dussel e Walsh, como base para a criação da Intervenção Urbana *Spa Ancestral*, pesquisa de doutorado em desenvolvimento, debatendo o ritmo acelerado de vida na contemporaneidade e a hierarquização do cansaço entre mulheres e homens, o nojo aos corpos de mulheres cisgênero, e a relação com as plantas e os oráculos, enquanto epistemes e práticas silenciadas historicamente. Além de referenciais de masculinidade e feminilidade em imagens, poemas, colagens, bordados, textos, e músicas contemporâneas, a pesquisa busca compreender quais experiências corporais e estéticas entre mulheres e plantas o teatro pode proporcionar para potencializar diálogos decoloniais e, como o teatro pode oferecer desmecanizações estimulando o sentir-se natureza, contribuindo para o aprofundamento de pesquisas teórico-práticas em Teatro do Oprimido e Estudos de Cultura Contemporânea. A pesquisa se apoia na Cartografia de Eduardo Passos e Regina Barros e, aponta para uma fissura decolonial com o *SPA Ancestral* emergindo conexões entre mulheres e plantas medicinais.

Palavras-chave: Decolonialidade, Intervenção Urbana, Cultura Contemporânea, Medicina das Plantas e Mulheres.

SPA ANCESTRAL

Oração aos Caminhos Vermelhos

Elementais, estejam conosco na batalha! Não nos deixe esmorecer. Plantas, que suas vidas nos conectem ao mais profundo ser, de coragem, de fala, de estratégia. Que os ciclos vindouros sejam de verde, terra, cor e sabor, na mesa de fartura. Que estejamos juntas, e os inimigos caiam diante de nós. Que estejamos juntas, e os inimigos caiam diante de nós. Caminhos vermelhos em devoção à vida! Desejo me despir das ficções naturalizadas que me destrói. Desejo me despir das ficções naturalizadas que me destrói. Desejo me despir das ficções naturalizadas que me destrói.
Aha. Axé. Amém.

Peça Teatral *Agulhas*, Katiuska Azambuja, 2021.

Reflieto neste artigo sobre a sociedade do cansaço e suas interfaces com mercado e ecologia mental, sob o arcabouço da modernidade/colonialidade/decolonialidade, a partir da peça teatral *Agulhas*, uma peça teatral solo, de auto ficção, híbrida e performativa resultado cênico das leituras e experimentações de meu mestrado, intitulado *As Potências Poéticas e Políticas do Teatro do Oprimido e Decolonialidade de Gênero nos Caminhos de Ser Mais*, com direção de Thereza Helena.

Começo a peça correndo envolta em um colete de leds, e um som de cachorro rosnando, seguida de um caminho de pedras, algo que remete a uma gruta onde me vejo sozinha e revelo os antigos anseios de ser igual ao meu irmão. Na sequência trago uma narrativa de mestiçagem, e como venci uma competição, acordada entre irmãos, em que consegui pegar o controle e teria direito a escolher o canal de tv, o que não aconteceu, pois, o perdedor não aceitando a sua derrota começou a morder meu rosto, trazendo a segunda denúncia da introjeção do opressor (FREIRE, 1987), e a falta de um olhar da comunidade. Na cena seguinte faço uma ligação para uma das mulheres que disponibilizou seu número de telefone no chat, ao início da peça e, converso com ela a partir das indagações: quanto custa o silêncio de uma mulher? O que custa uma mulher vencer? Ao final da ligação confesso como se deu minha menarca, todo o nojo e vergonha, denunciando novamente o opressor em minha mente, mas como ao longo dos tempos, ressignifiquei a menstruação, compreendendo a magia da lua, as relações imagéticas hierarquizadas de sol e lua, e que menstruação vem de mês, ligado ao calendário gregoriano e não aos ciclos da natureza. Por fim, em um sonho aparece *Baba Yaga*, uma bruxa comum nas lendas europeias que viaja com a sua casa nas costas, materializada como uma boneca híbrida feita de partes de meu corpo (barriga, braços e pernas), e que anuncia um encontro com as 13 matriarcas, simbolizando as 13 voltas que a lua dá ao redor da Terra em um período de um ano, escolhendo alguém do público para abrir o Oráculo de Agulhas, consistindo em cartas de plantas e mulheres.

A intervenção urbana *Spa Ancestral* é um desdobramento de *Agulhas*, um aprofundamento em três temáticas, o ritmo acelerado da vida na contemporaneidade, a hierarquização do cansaço e exploração do trabalho por acordos desleais e díspares; a hierarquização entre ritos solares e lunares, metaforizado pelo nojo da menstruação; e a relação com as plantas e os Oráculos, em que criarei um circuito poético com elementos de Spa: plantas, terapias e chás, com mulheres, em praças de Cuiabá, MT.

SOCIEDADE DO CANSAÇO E ECOLOGIA MENTAL

A antropóloga Rita Segato discorre que as ficções naturalizadas da branquitude rasgam o tecido comunitário aonde a modernidade/colonialidade se instaura, criando um patriarcado violento (SEGATO, 2012), impactando silêncios, explorações, solidão, ódios e nojo ao corpo das mulheres.

A modernidade/colonialidade instaura epistemologias, cosmogonias, práticas e ficções naturalizadas hierárquicas de dominação e exploração, tendo as mulheres e tudo o que é considerado feminino enormes prejuízos. Para Dussel (2000) a modernidade é um mito hierarquizador e violento, que se baseia em: 1 – A civilização moderna se autodescreve como superior e mais desenvolvida; 2 – obrigando, como exigência moral, os bárbaros e primitivos a se desenvolver; 3 – o processo educativo de desenvolvimento é o europeu; 4 – a práxis moderna deve exercer a violência em caso de oposição dos bárbaros ao processo civilizador (guerra justa colonial); 5 – A dominação produz vítimas, e a violência é entendida como necessária, quase como um sacrifício ritual, havendo um herói civilizador; 6 – O bárbaro tem uma culpa, na visão do moderno, apresentando a modernidade como inocente e emancipadora dessa culpa; 7 – o sofrimento e sacrifícios dos povos atrasados à modernização são inevitáveis para a civilização moderna.

Os argumentos decoloniais fazem sentido em uma conjuntura brasileira de aumento de desemprego entre as mulheres negras 19,8%, o aumento de 72% do trabalho doméstico das mulheres como cuidadoras durante a pandemia, e o aumento de síndromes e doenças mentais exponencialmente entre as mulheres. Assim, penso sobre o que Byung-Chul Han, em sua obra *Sociedade do Cansaço* (2017) debate sobre o sujeito do desempenho que com seu excesso de positividade, não consegue falar não, desenvolve doenças neuronais como Síndrome de Burnout (SB), Síndrome de Hiperatividade (Tdah), depressão, e Transtorno de personalidade limítrofe (TPL), devido à “violência neuronal” (HAN, 2017, p. 11). Aparentemente o sujeito que Han aborda é aquele universal, sem distinção de nacionalidade, classe ou gênero, tanto que a forma como se refere ao sujeito é “homem”, ao menos em sua tradução. Contudo, o que me chama a atenção é a sua reflexão sobre como o “sujeito do desempenho” se direciona para o cansaço. Ainda que ele reflita sobre um sujeito abstrato, por certo que os desempenhos e cansaços não se dão na realidade objetiva de modo equitativo entre homens e mulheres.

Em uma pesquisa realizada pela *Women in the Workplace*, feita pela consultoria *McKinsey & Company* e pela organização *LeanIn* em 2021, revelou que 42% das mulheres entrevistadas têm Síndrome de Burnout (SB), enquanto 35% dos homens a possuem. Reconhecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 2019, as principais características da SB são cansaço extremo, estresse e dores de cabeça constante. Aqui retomo Augusto Boal (2009) quando debate que “através dos sentidos, o mundo social se amalgama com a matéria biológica do cérebro e dela se faz parte. a cultura de cada sociedade está imbricada no sistema nervoso de cada um de nós [...]” (BOAL, 2009, p. 53, 54).

Matos e Júnior (2008) pesquisam as intersecções entre gênero e Burnout na enfermagem, mas que podem se estender a outras profissões, e afirmam:

[...] é possível relacionar as condições vivenciadas concretamente pelas mulheres tais como a dupla jornada de trabalho, o cuidado com os filhos e a família e os conflitos para administrar a vida pessoal e profissional; como fatores distintivos e perpassados pelas relações de gênero. Dessa forma, a atividade de cuidar, historicamente delegada à mulher, [...] é um fator de vulnerabilidade ao Burnout. [...] (MATOS; JÚNIOR, 2008, p. 31).

Em uma época da velocidade e do constante movimento, Han (2017) discorre que a cultura do capitalismo contemporâneo estimula a autossuperação, exclui a alteridade, e retoma Nietzsche (1967) quando afirma:

[...] Por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo (NIETZSCHE *apud* HAN, 2015, p. 20).

Situações de descanso, ócio e relaxamento são cada vez mais escassos, principalmente com as mulheres, resultando em altos índices de síndromes e distúrbios mentais, que podem ser tratados não por vias farmacológicas tradicionais, mas através do conhecimento da medicina das plantas.

A ficção naturalizada do rasgo no tecido comunitário, evoca Beatriz Sarlo (1997) quando diz a “cultura nos sonha como uma colcha de retalhos, uma colagem de peças, um conjunto nunca terminado de todo, onde se pode reconhecer o ano em que cada componente foi forjado, sua procedência, o original que procura imitar” (SARLO, 1997, p. 25- 26).

Para compreender decolonialidade é importante delinear que os países da América Latina conquistaram independência política no século XIX, mas “a lógica colonial penetrou profundamente as estruturas, as instituições, as mentalidades e as subjetividades de tal maneira que continua presente e configura as sociedades latino-americanas” (CANDAUI; RUSSO, 2010, p. 165).

Assim, a própria noção de introjeção da colonialidade nas mentalidades frisa o debate de Guattari (1990) quando afirma “um dos problemas-chave de análise que a ecologia social e a ecologia mental deveriam encarar é a introjeção do poder repressivo por parte dos oprimidos. [...]” (GUATTARI, 1990, p. 31). Guattari (1990) argumenta que a ecologia mental é uma relação do sujeito com o corpo, com a vida e a morte, além da compreensão do termo ecologia ser expandida, entendida como formação de subjetividades, e do poder capitalístico.

É importante diferenciar decolonialidade de descolonialidade, pois, imbrica em introjeções das lógicas e epistemes dominantes, verificando os entrecruzamentos entre decolonialidade de gênero e da natureza, sob o foco da saúde mental de mulheres e suas relações milenárias com as plantas, discutindo a relevância da ecologia mental, reverberando em uma ecosofia através de um teatro decolonial.

Ocorre que a cultura da modernidade/colonialidade das comunidades em retalhos se volta para o mercado, como afirma Sarlo (1997), lugar onde se exerce a cidadania, seja como consumidor efetivo sendo um *coleccionador às avessas* ou consumidor imaginário, e afirma:

As identidades, dizem, se quebraram. Em seu lugar não ficou o vazio, mas o mercado. As ciências sociais descobrem que a cidadania também se pratica no mercado, e que as pessoas que não têm como realizar suas transações ali ficam, por assim dizer, fora do mundo [...] (SARLO, 1997, p. 26).

Importante imagem que evoca Sarlo com o “coleccionador às avessas”, pois, como a própria autora afirma, remete ao um coleccionador que não valoriza a sua aquisição, para em seguida desejar outra mercadoria, que, por sua vez, também não saciará tal consumidor. Com o “consumidor imaginário”, é possível pensar nos espraiamentos do capitalismo, que se infiltra nas subjetividades até de quem não possui condições de comprar, forjando o mundo ao mercado.

O exemplo da China, da Rússia e mais recentemente da Índia e da união da América do Sul, é sintomático, demonstrando o “[...] proceso de trans-formación en el que la economía única, capitalista mundial, genera un mundo políticamente policéntrico” (GROSFUGUEL; MIGNOLO, 2008, p. 32), e vincula-se a noção de *cidadania*, que em conformidade com Ortiz (2013) é uma comunidade de cidadãos, uma comunidade cultural, ligado à Nação “um dos elementos chaves na sua definição [...]” (ORTIZ, 2013, p. 610).

O ritmo acelerado de vida na contemporaneidade, a hierarquização do cansaço e exploração do trabalho por acordos desleais e díspares dialogam com o mercado, que se projeta à nível global. Renato Ortiz (2013) discorre sobre os processos de mundialização da cultura as representações identitárias são construídas, como os signos do imaginário coletivo Madona ou Oscar, entre outros, e que apesar do Estado-Nação perder o monopólio de definição da identidade:

[...] Há duas esferas nas quais sua atuação é exemplar: das políticas culturais e na valorização do nacional no espaço mundial. As políticas culturais tendem a enfrentar questões como a elaboração de regras para a circulação dos bens culturais, o incentivo à produção das artes, cinema, teatro, a preservação do patrimônio histórico, a criação de condições favoráveis para manifestações diversas, da música popular aos eventos folclóricos. Seria ilusório imaginar que esta função desapareça, o Estado vê-se na posição de assegurar os direitos, formalizar determinadas linhas de ação e muitas vezes estabelecer uma ponte entre setores estanques como cultura e economia. [...] (ORTIZ, p. 627).

O MERCADO E O FEMININO

Canclini (1995) no *capítulo políticas culturais urbanas na América Latina* reflete sobre o significado de pertencer a uma cidade, em especial à megacidades, e como as políticas culturais eram

compreendidas como conservação de patrimônio histórico, passando a ocorrer a dissolução das monoidentidades, havendo perda de peso e o reposicionamento das culturas tradicionais locais, “a homogeneização do consumo e da sociabilidade, propiciada pelo formato com que esses serviços se organizam [...]” (CANCLINI, 1995, p. 64).

Canclini (1995) observa uma atomização das práticas simbólicas em cidades como Bogotá e São Paulo, baixa assiduidade no consumo de teatro, cinema e musicais. E dentre a população mais jovem os locais usados como ponto de encontro na maioria foram em centros comerciais e estações de metrô, sugerindo:

[...] uma predileção por aquilo que Marc Augé denomina ‘os não lugares’. O crescimento dessas instalações necessárias para a circulação acelerada das pessoas e dos bens’, que se observa tanto no uso do espaço quanto nos hábitos dos cidadãos, revela uma deslocalização das concentrações urbanas, uma diminuição (não um desaparecimento) do distintivo em benefício do desterritorializado e do des-historicizado (CANCLINI, 1995, p. 110-111).

Essas questões que orbitam “não lugares” coroam sociedades do consumo, projeto exitoso da modernidade/colonialidade e que se infiltra nos cidadãos. Conforme Sarlo (1997) “[...] O mercado é uma linguagem e todos nós procuramos falar algumas de suas línguas: nossos sonhos não têm muito jogo de cintura. Sonhamos com as coisas que estão no mercado. [...]” (SARLO, 1997, p. 26), e ressalta que quem tem possibilidade de intervir no mercado como consumidor “é uma espécie de *coleccionador às avessas*. Em vez de colecionar objetos, coleciona atos de aquisição de objetos. [...]”. (1997, p. 26), importando o shopping *spree*, uma espécie de bacanal de compras. Esta aquisição de objetos deve se dar de forma rápida, constante, mantendo o ciclo de produção e compra, delineando a interface entre sociedade do cansaço e sociedade de consumo.

Na mesma obra, Sarlo (1997) conta a história de uma família em um shopping center, e a filha está fazendo o seu pedido de aniversário de quinze anos, uma cirurgia plástica para aumentar os glúteos, argumentando que necessita fazer a cirurgia, pois, senão, não arrumará emprego quando ficar mais velha e, que todas as suas colegas já realizaram alguma intervenção cirúrgica, enquanto o irmãozinho a alerta que se trata de uma “idiotice”. Este exemplo de como o ritmo frenético é uma engrenagem do mercado que se sustenta a partir de *coleccionadores às avessas* em sociedades de consumo, interferindo, inclusive, a não aceitação de fenômenos biotípicos do próprio corpo, como a rejeição e ao nojo da menstruação.

POÉTICA DECOLONIAL COM MULHERES E PLANTAS

O Comitê de Produtos Naturais do Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (CABSIN), e o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde da Organização Pan-Americana da Saúde (Bireme/Opas/OMS), com apoio da Coordenação Nacional de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde do Ministério da Saúde, coordenado pela pesquisadora Bettina Ruppelt, farmacêutica industrial, professora de Fitoterapia da Universidade Federal Fluminense (UFF), realizaram um mapeamento sobre as evidências e as pertinências das plantas medicinais e da fitoterapia para a saúde mental, com aproximadamente 60 plantas que equilibram a mente, dentre elas a Camomila, a Valeriana, o Maracujá, a Erva-de-São João.

Se a modernidade/colonialidade em nome da salvação das almas e do progresso econômico permite a invasão das Américas pela Europa, legitimando a escravização e a exploração dos indígenas e suas terras (GROSFOGUEL; MIGNOLO, 2008), onde a modernidade/colonialidade se instaura rasga o “tecido comunitário”, relegando as mulheres ao desamparo e à crueldade (SEGATO, 2012), se o machismo é uma invenção dos anglos devido à emasculação excessiva e produção de baixa-estima nos homens da comunidade (ANZALDUA, 2005), a colonialidade da natureza descarta relações milenárias entre mundos, sendo o giro decolonial um projeto de resistência às bases eurocentradas de conhecimento (BALLESTRIN, 2013), e a “[...] produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção. [...] A problemática micropolítica não se situa no nível da representação, mas no nível da produção de subjetividade” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 28), engendrar uma ecologia mental a partir de intervenções urbanas e medicina das plantas, apresenta-se como um giro decolonial que abre possibilidades de gerar saúde mental para as pessoas, em especial para as mulheres.

Lembro ainda o que Vargas e Haderchpeck (2017) discutem sobre a interseccionalidade entre Ciências Sociais e Artes Cênicas:

O teatro, assim como os saberes populares, traz em si um vasto conhecimento que muitas vezes é colocado à margem em função de um pensamento capitalista, produtivista e neoliberal. [...] Tal comportamento é herança de um sistema político que segue os moldes da colonização (VARGAS; HADERCHPECK, 2017, p. 80).

Caterine Walsh (2012) dá relevo a quatro eixos da colonialidade: colonialidade do poder, como hierarquizações raça, gênero, classe, sexualidade, “[...] como criterio fundamental para la distribución, dominación y explotación de la población mundial [...]” (WALSH, 2012, p. 67); colonialidade do saber, em que há exclusividade da razão, do pensamento e do conhecimento, legitimando apenas o conhecimento europeu, de homens e brancos; a colonialidade do ser, que se refere a toda

subalternização, inferiorização, desumanização, o que Fanon chama de “não existência”; e colonialidade da natureza, cuja divisão binária sociedade/natureza descarta “[...] la relación milenaria entre mundos biofísicos, humanos y espirituales [...]” (WALSH, 2012, p. 68).

O giro decolonial apresenta-se como um “movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade”, conforme Ballestrin (2013, p. 105). E, conforme Grosfoguel; Mignolo (2008) habitar o giro decolonial, pensar e trabalhar a opção decolonial consiste em:

[...] embarcarse en un proceso de desprenderse de las bases eurocentradas del conocimiento [...] y de pensar haciendo conocimientos que iluminen las zonas oscuras y los silencios producidos por una forma de saber y conocer cuyo horizonte de vida fue constituyéndose en la imperialidad (según el concepto del británico David Slater) (GROFOGUEL, MIGNOLO, 2008, p. 34).

Um caminho que se apresenta para este deslocar-se das bases eurocentradas se dá através da Estética do Oprimido, pois é:

[...] uma forma essencial de combater a Invasão dos Cérebros porque coloca o oprimido como protagonista do processo estético, não simples fruidor de arte. Não leva a cultura ao povo, mas oferece meios estéticos necessários para o desenvolvimento da sua própria cultura, com os seus próprios meios e metas. [...] estimula os participantes a buscarem seus caminhos (BOAL, 2009, p. 166).

A proposta do *Spa Ancestral* se aportará na Cartografia de Eduardo Passos e Regina Barros (2015), na Estética do Oprimido (2009) e nos princípios dos elementos de Jacques Lecoq (1921-1999), que trabalhou com diversas linguagens, aliando às suas pesquisas a criação cênica com os elementos da natureza. Entendia assim, o processo de se tornar “[...] primeiro, elementos da natureza: a água, o ar, a terra e o fogo” (2010, p. 77), e depois “[...] as identificações vão ser feitas a partir de diferentes matérias: a madeira, o papel, o papelão, o metal, os líquidos. [...]” (LECOQ, 2010, p. 79).

Para Elisa Belém (2016) as artes cênicas:

trabalham exatamente com práticas que privilegiam as ações afetivas contribuindo para que o próprio indivíduo ou a sociedade reconheça aquilo que cerceia a expressão e comunicação humana, ou seja, possíveis silenciamentos. (BELÉM, 2016, p. 122).

FISSURAS DECOLONIAIS

Compreendendo cultura como práticas de uma comunidade, Nação como uma comunidade cultural, a mundialização da cultura que se materializa na homogeneização, em espaços “não lugares”, e que ficções naturalizadas da branquitude rasgam o tecido comunitário, é possível inferir que

modernidade/colonialidade se forja com o mercado, não só se infiltrando, mas formando os sonhos de cidadãs e cidadãos, gerando sociedades que seguem o ritmo frenético do consumo, engendrando sociedades do cansaço. Cansaço e consumo, assim, caminhando lado a lado. Contudo, mais cansativo para as mulheres, especialmente as não brancas, do que para os homens.

Um giro decolonial proposto aqui é o *Spa Ancestral* que busca fissurar o binômio cansaço/consumo, disponibilizando outras formas de viver, um território existencial urbano de cuidado, especialmente com quem é socialmente impelida a cuidar, a consumir mais, a se rejeitar mais, como são as mulheres.

As possíveis identificações com elementos da natureza, o conhecimento de plantas medicinais, aliado às medicinas alternativas podem oferecer algum giro que movimente um descolamento da cultura homogeneizadora, além de poder compor políticas culturais de saúde mental através de poéticas decoloniais em espaços públicos da cidade.

REFERÊNCIAS

ANZALDUA, Gloria. La Conciencia de la Mestiza. Rumo a uma nova Consciência. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 13, vol. 3, p. 704-719, 2005. In: **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco, California: Aunt Lute Books, 1987. p 704-719. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000300015/7726>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, n.11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BELÉM, Elisa. **Notas sobre o teatro brasileiro: uma perspectiva decolonial**. Revista Sala Preta, vol. 16, n. 1. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/110637/114747>>.

BIANCONI, Giulliana; ZELIC, Helena; et al. Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Sempreviva Organização Feminista, 2020. Disponível em: <<http://mulheresnapanemia.sof.org.br>>.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRITO, Sabrina. Sobrecarregadas, mulheres são principais vítimas de Síndrome de Burnout. Pesquisa realizada por pesquisa *Women in the Workplace*, feita pela consultoria *McKinsey & Company* e pela organização *LeanIn*, 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/sobrecarregadas-mulheres-sao-principais-vitimas-da-sindrome-de-burnout/https://veja.abril.com.br/saude/sobrecarregadas-mulheres.-sao-principais-vitimas-da-sindrome-de-burnout/>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e Educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. In: **Revista Diálogos Educ.**, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010.

FAUR, Mirella, 2018. **A Lenda das 13 Matriarcas**. Maiores informações disponíveis em: <<https://omundodegaya.wordpress.com/2018/05/31/a-lenda-das-13-matriarcas/>>. Acesso em: abr. 2022.

DIEESE. **As mulheres são fortemente afetadas pela Deterioração do Mercado de Trabalho**. Pesquisa do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), 2020. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficosMulheresBrasilRegioes2021.html>>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GROSGOUEL, Ramón; MIGNOLO, Walter. **Intervenciones descoloniales: una breve introducción**. Bogotá, Colombia: Tabula Rasa, núm. 9, 2008. pp. 29-37.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 11 ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica**. Cartografias do Desejo. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LECOQ, Jacques. **O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral**. Trad. Marcelo Gomes. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

MACHADO, Kátia. **Evidências das plantas medicinais para a saúde mental**. Reportagem por Consórcio Acadêmico Brasileiro de Saúde Integrativa (CABSIN). Maiores informações disponíveis no site: <https://cabsin.org.br/membros/2021/07/27/evidencias-das-plantas-medicinais-para-a-saude-mental/?gclid=Cj0KCQiA8ICOBhDmARIsAEGI6o2asJAfSoCnT-EMwDHqPU0RKcFa4h0mdRUfEFHb6ElcePUBWtUw7_UaApX3EALw_wcB>. Acesso em: 02 abr. 2022.

MATOS, Auxiliadora Aparecida de; JÚNIOR, Manoel Deusdedit. **A incorporação do gênero no estudo da Síndrome de Burnout**. Rev. Unimontes Científica. Montes Claros, v. 10, n. 1-2, 2008.

MELO, Ana. **Conto de Baba Yaga: a bruxa mais famosa do leste europeu**. Reportagem Portal Terra, 2020. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/horoscopo/conto-da-baba-yaga-a-bruxa-mais-famosa-do-leste-europeu,52e8770e4397bacdd0ad5ecdc305cc0267rlu8c.html>>. Acesso em: 15 abr. 2022

ORTIZ, Renato. **Imagens do Brasil**. Revista Sociedade e Estado, vol. 28, n.3, 2013.

SARLO, Beatriz. **Cenas da Vida Pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um

vocabulário estratégico descolonial. Tradutora Rose Barboza. **Epistemologias feministas**: ao encontro da crítica radical. E-cadernos Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra [CES, Online] 18, 2012. p.106-131.

VARGAS, Rocío del Carmen Tisnado; HADERCHPEK, Robson Carlos. **O sul corpóreo e a poética dos elementos**: práticas para a descolonização do imaginário. ILINX: Revista do Lume. Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais. Campinas: Unicamp, 2017. p.77-87.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y (de)colonialidad**: Perspectivas críticas y políticas. Revista Visão Global, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, 2012.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o empenho de todos os estudantes pesquisadores que se propuseram a compor este material, juntamente com seus orientadores e aos profs. Dra. Maristela Carneiro e Dr. Cristovão Domingos de Almeida, que, como coordenadores do PPGECCo, disponibilizaram o recurso necessário para a viabilização desta obra.

AUTORES

Airton de Lacerda Nascimento

Arquiteto e Urbanista, graduado pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, Tecnólogo em Teatro pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Mestrando em Estudos da Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso, desenvolvendo pesquisas nas áreas de arte, cultura e suas relações com o uso das cidades.

E-mail: lacerda.airton.6@gmail.com

Benedito Dielcio Moreira

Possui graduação em Comunicação Social, Jornalismo, pelo Instituto Unificado Paulista - IUP (1981), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2000) e doutorado em Educação - U.G.S. - Universitat Gesamthochschule Siegen (2008). Atualmente é pesquisador e professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, atuando no Programa de Pós-graduação em Cultura Contemporânea. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em fundamento das mídias, recepção, metodologia da pesquisa e pesquisa qualitativa. Coordena o grupo de Pesquisa Multimundos. As pesquisas versam sobre Jornalismo Científico, Juventude e Consumo Midiático, Educomunicação e Ciência.

E-mail: dielcio.moreira@gmail.com

Bibiana Bragagnolo

Doutora em Musicologia pela Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Didier Guigue, com período de doutorado sanduíche na Universidade de Aveiro, financiado pela CAPES e sob orientação do Prof. Dr. Luca Chiantore. Bibiana tem desenvolvido atividades como pianista, atuando principalmente dentro do grupo de música experimental Artesanato Furioso, e como pesquisadora, sobretudo na temática da inserção da performance na análise musical e no campo da pesquisa artística. Em 2018 recebeu menção honrosa no Prêmio TeMA pelo artigo "Os contrastes sonoros em Contrastes de Marisa Rezende" e em 2015 realizou, como solista, a estreia brasileira do Concerto para Piano Preparado e Orquestra de Câmara de John Cage. É Professora Adjunta no Departamento de Artes da Universidade Federal de Mato Grosso, nas áreas de piano, performance e educação musical.

E-mail: bibiana.bragagnolo@ufmt.br

Carla Gavilan

Mestra em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO/UFMT), jornalista formada pelo curso de Comunicação Social pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), coordenadora do Departamento de Comunicação e Imprensa da Defensoria Pública de MS e diretora de Comunicação voluntária da Central Única das Favelas/Cufa MS.

Email: carlagavi@gmail.com

Cristóvão Domingos de Almeida

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e do Programa de Pós-graduação em Estudo de Cultura Contemporânea (ECCO) da Universidade Federal de Mato Grosso. É pós-doutor em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM/SP), doutor em comunicação e informação pela UFRGS, mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Possui graduação em Relações Públicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC CAMPINAS). É sócio da Intercom desde 2008 e é Pesquisador signatário no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão/Intercom; líder do Grupo de Pesquisa Morada - Comunicação, Cultura, Cidadania e Migração; vice-líder do grupo de pesquisa CRIANEGRA: Cultura, Comunicação e Educação; Integra os Grupos de Pesquisa: Multimundos; Educação Direitos humanos e Fronteira e Relações de Fronteira: história, política e cultura na tríplice fronteira Brasil, Argentina e Uruguai. Coordena projetos de pesquisa e a área da comunicação do projeto de extensão intitulado: Rede de Cooperação Solidária na UFMT. Avaliador INEP/MEC (Portaria n.375). Integra corpo editorial e avaliador de Revistas Científicas. Atua na área da comunicação social com ênfase em migrações, cidadania, comunicação, consumo de mídia e práticas culturais.

E-mail: cristovaoalmeida@gmail.com

Débora Cristina Tavares

É publicitária pela Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP, mestre e doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Professora do departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, desde 2008 e também professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCo/UFMT. É facilitadora de processos em Formação Dinâmica de Juízo, pela Associação de Pedagogia Social e Fundação Dialog (Dynamic Judgement-formation, Netherlands) e Aconselhadora Biográfica, pela Associação Sagres Biografia e Caminho Iniciático, em Florianópolis-SC associada ao Gotheanum (Dornach - Suíça).

E-mail: dedetavares@gmail.com

Flavia Leslie Fripp de Almeida

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea PPGECCO-UFMT. Especialista em Ensino de arte e musicalidade pela Faculdade Metropolitana SP. Especialista em Psicologia Analítica pela Unyleya. Graduação em Filosofia pela UFMT. Membro do OLPA Observatório e Laboratório da Pesquisa Artística na América Latina.

E-mail: flavia.almeida@sou.ufmt.br

Francioly Marcos Batista Siqueira

Possui graduação em Geografia - Licenciatura e Bacharel pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Especialista em Meio Ambiente e Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente - Departamento de Geografia - UFMT e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO), pela UFMT. Atualmente é Professor do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT).

E-mail: francioly.marcos@ifmt.edu.br

Francisco Xavier Freire Rodrigues

Professor Efetivo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA, Associado IV, lotado no Departamento de Ciência e Tecnologia, Centro Multidisciplinar de Caraúbas, Campus UFRSA, Caraúbas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMT. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO/IL- UFMT. Pesquisador Membro do Núcleo Interinstitucional de Estudos da Violência e Cidadania NIEVCi/UFMT. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007), Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2000). Coordenador do GT Sociologia do Esporte da Sociedade Brasileira de Sociologia. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Cultura e Sociedade (GEPECS) CNPq/UFMT. Tem experiências em atividades de ensino, pesquisa e extensão na área da Sociologia do Esporte, Sociologia da Violência e Sociologia da Educação. Leciona Sociologia Teoria Social Clássica no PPG Sociologia e Sociologia I, Sociologia V, Sociologia da Cultura, Sociologia Urbana no Curso de Ciências Sociais. Tem experiência na área de Teoria Sociológica Clássica e Contemporânea, Sociologia Urbana, Sociologia da Educação, Sociologia das Organizações, Sociologia do Esporte, Sociologia do Trabalho, Sociologia da Comunicação. Suas Pesquisas abrangem os seguintes temas: ensino de sociologia, formação de professores, homicídios, violência urbana, sistema prisional, cultura brasileira, pensamento social, megaeventos esportivos, etno-desporto indígena, relações de trabalho, modernidade, futebol indígena, trânsito em Cuiabá/MT, futebol brasileiro, civilização, Lei Pelé, mercado de trabalho no futebol e violência. Recebeu o Prêmio Destaque na Iniciação Científica e Tecnológica do CNPq 2020, como orientador da Bolsista de Iniciação Científica Lívia Maria de Oliveira e Souza, na Área de Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes.

E-mail: fxsociologo@yahoo.com.br

João Ernesto Pelissari Candido

Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea pela UFMT - Universidade Federal de Mato Grosso. Mestre em Desenvolvimento Rural pela UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2018). Possui graduação em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar pela Unila - Universidade Federal da Integração Latino-Americana (2015), Licenciatura em Sociologia (2018), Licenciatura em Geografia (2019) e Licenciatura em Pedagogia (2020) pelo Unar - Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson. Atualmente é professor PEB II - Sociologia - Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso no município de Tangará da Serra.

E-mail: joaoernestopc@gmail.com

Juliana Michaela Leite Vieira

Doutoranda em Estudos de Cultura Contemporânea. Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal de Mato Grosso -UFMT (2017). MBA em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas -FGV (2005), Graduação em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela UFMT (2001). É jornalista na reitoria do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). Integrante do grupo de pesquisa Multimundos - Estudos Interdisciplinares das Tensões Contemporâneas da UFMT.

Profissionalmente atuou como correspondente do Portal Terra em Mato Grosso, trabalhou como assessora de imprensa da Câmara Municipal de Cuiabá, da Fazenda Comunicação & Marketing, da CCN PRESS e da Prefeitura Municipal de Juína. Como repórter nos jornais: Diário de Cuiabá, Folha do Estado e Correio Várzea-grandense.

E-mail: julianamichaela.ecco@gmail.com

Katiuska Tereza Azambuja Salgado

Doutoranda e Mestra em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), volta-se para a decolonialidade de gênero e da natureza, atualmente pesquisando as interfaces entre saúde mental, teatro decolonial e medicina das plantas, em Spa Ancestral. Artista-pesquisadora, articula Sociologia e Artes, tem experiência como atriz (DRT 169/MS), performer, diretora e produtora teatral. Tem graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS, 2012), e Especialização em Gestão Cultural (SENAC, 2019). Compõe o corpo editorial dos Anais das Jornadas Internacionais do Teatro do Oprimido (JITOU), é membro da Associação Brasileira de Sociologia (SBS) e criadora da Plataforma Abiyay Solo Multiarte.

E-mail: katiuskaazambuja@gmail.com

Letícia Xavier de Lemos Capanema

Professora adjunta do departamento de Comunicação da Social da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde atua como docente no bacharelado em Cinema e Audiovisual e no Programa de Pós-graduação em Comunicação. Doutora (2016, bolsa CNPq) e mestre (2009, bolsa CAPES) em Comunicação e Semiótica pela PUCSP. Em 2014, realizou estágio doutoral no laboratório de « Communication, Information, Médias » da Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, sob a direção do professor François Jost (bolsa CAPES). É bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004), com habilitação em Rádio/TV e Publicidade e Propaganda. Possui formação complementar em Cinema pela Escola de Belas Artes - UFMG. Durante 2015, foi diretora institucional da Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França (APEB-Fr). Atualmente é supervisora do Cineclubes Coxipónés (UFMT) e líder do grupo de pesquisa GECAS (Grupo de Estudos em Cinemas e Audiovisuais), onde também desenvolve o projeto de pesquisa 'Narrativas da memória no audiovisual: lembrança, esquecimento e legibilidade histórica'. Possui experiência profissional na área de Design Gráfico, Videografismo, Televisão, Cinema e Vídeo, com passagem por escritórios de design e produtoras audiovisuais de São Paulo e de Belo Horizonte. Atualmente pesquisa história, narrativa e estética audiovisual, especialmente nos campos do cinema, da televisão e do vídeo.

E-mail: leticia.capanema@ufmt.br

Luiz Alberto Rodrigues Gonçalves

Mestrando em Comunicação e Poder pela Universidade Federal de Mato Grosso (PPGCOM/UFMT). Especialista em Gestão de Negócios área de concentração em Administração de Empresas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (2004). Graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT (1999). Participa do Grupo de Estudos em Cinemas e Audiovisuais do PPGCOM/UFMT (GECAS). Atuou como redator publicitário na

agência Casa D'Ideias Marketing e Propaganda. Foi Coordenador Geral da Universidade Aberta do Brasil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). Atuou como Ouvidor Substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). Foi Chefe Substituto do Centro de Referência em Educação a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (CREaD/IFMT). É Assistente em Administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT).
E-mail: betomkt@gmail.com

Marcela Cristiane Ribeiro Brito

Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea (PPGECCO), em curso, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Mestre em Ensino pelo Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) na área da educomunicação socioambiental. Professora concursada da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso (Seduc-MT) na disciplina de Língua Portuguesa, atua como coordenadora pedagógica na Escola Estadual Manoel Cavalcanti Proença, em Cuiabá-MT. É a coordenadora do Núcleo Mato Grosso na Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação (ABPEducom). Atualmente pesquisa o povo Warao, proveniente da Venezuela, e as mediações comunicativas e culturais no município de Cuiabá. Tem graduação em Letras/Literatura e Comunicação Social/Jornalismo, ambas pela UFMT.
E-mail: marcelacrbrito@gmail.com

Maristela Carneiro

Atual coordenadora do PPG em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO, da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT. Docente Adjunta lotada junto à Faculdade de Comunicação e Artes – FCA/UFMT. Líder do NEC – Núcleo de Estudos do Contemporâneo (CNPq). Pós-Doutorado em História (UFMT) e História Regional (UNICENTRO). Doutora em História, pela Universidade Federal de Goiás – UFG, tendo realizado período sanduíche na Università degli Studi di Napoli Federico II, na Itália – UNINA. Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, cursou licenciaturas em História e Filosofia e especializações em História Cultural e em Epistemologias do Sul, pela CLACSO. Dentre seus interesses, destacam-se Feminismos e Estudos de Gênero, Cultura Visual e História da Arte, Decolonialidade e Epistemologias do Sul, Estudos da Morte e Cemitérios.
E-mail: maristelacarneiro86@gmail.com

Solange Fátima de Oliveira Cruz

Mestre em Ecologia e Conservação da Biodiversidade – UFMT (1999). Graduada em Licenciatura Plena e Bacharelado em Ciências Biológicas, pela FTE Souza Marques – RJ (1983). Especializações: Docência Superior pelas Faculdades Integradas Castelo Branco - Rio de Janeiro - RJ (1986); Ciências Ambientais pela Fundação Rosemar Pimentel - Rio de Janeiro - RJ (1989); Biologia de Ambientes Inundáveis - UFMT; Saúde Pública e Controle de Vetores pela Organização Mundial de Saúde - OMS/Organização Panamericana de Saúde-OPAS/FUNASA (1990); Saúde Pública pela Fundação São Camilo/1991; Perícia, Auditoria e Gestão Ambiental - Instituto de Pós-graduação- IPOG MT; Ecologia, homologado pelo Conselho Federal de Biologia - CFBio. Profissionalmente: Atuou como: consultora na

empresa Sondotécnica - Engenharia de Solos- RJ, como coordenadora da Equipe de Entomologia e Saúde Pública; Professora na graduação, no Instituto de Biociências, da Universidade Federal de Mato Grosso, no Centro Universitário de Várzea Grande, na Universidade de Cuiabá, e no Centro Universitário Cândido Rondon. Projetou e coordenou cursos de graduação e Pós-graduação (em nível de especialização) em instituições públicas e privadas em Mato Grosso, onde orientou várias monografias. Atuou como professora do Curso de Pós-graduação em Gestão e Perícia Ambiental da Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Biociências. Coordenou o projeto Mobilização da População sobre a Preservação das Nascentes do Rio das Mortes- ABEAS-MMA. Na Secretaria de Estado do Meio Ambiente- MT, atuou nas Coordenadorias de Educação Ambiental, de Mineração e na Unidade de Programas e Projetos Estratégicos, Gestão de Resíduos Sólidos, atualmente servidora pública aposentada deste órgão. Foi Membro do Conselho da Organização Não-governamental Ecotrópica-Fundação de Apoio à Vida nos Trópicos. Participou do Estudo Internacional de Alternativas Tecnológicas para Tratamento dos Resíduos Sólidos Urbanos no Brasil, com base na experiência da Europa, Estados Unidos e Japão por Mato Grosso (BNDES-FADE). Participou do Projeto Pró-Catador (SENAES/MTE/SEMA-MT). Membro do Fórum Mato- Grossense Lixo e Cidadania auxiliando as organizações de Catadores do Estado de Mato Grosso. Participa como voluntária no Grupo Fraternal Associação Espírita Joanna de Angelis, como professora no reforço escolar e auxilia na captação de recursos para o desenvolvimento das atividades beneficentes. Atualmente atua em Assessoria e Consultoria na área ambiental. Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, em curso. Participa do Grupo de Pesquisa Multi Mundos, do Programa de Estudos de Cultura Contemporânea.

E-mail: solangecruz.residuos@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acesso à Justiça: 8 e 11.

América Latina: 11, 22, 23, 24, 25, 27, 29, 48, 69, 123 e 124.

Analfabetismo digital: 8, 9 e 11.

Arte: 15, 25, 27, 28, 29, 35, 43, 70, 71, 76, 77, 86, 90, 92, 106, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118 e 127.

B

Big Data: 36, 41 e 44.

Brasil: 8, 9, 10, 11, 14, 15, 20, 42, 46, 50, 52, 55, 58, 59, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92 e 99.

C

Cidade: 41, 56, 89, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 124 e 128.

Comunicação: 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 42, 43, 46, 49, 51, 52, 55, 57, 60, 61, 65, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 97, 98, 102, 103, 107, 109, 110, 112, 114, 117 e 127.

Conflitos Geracionais: 41, 51 e 52.

Consumo: 8, 9, 10, 14, 17, 22, 24, 28, 29, 32, 34, 35, 37, 49, 51, 55, 57, 60, 61, 67, 73, 90, 92, 108, 114, 115, 116, 125 e 128.

Covid-19: 8, 14, 16, 19, 31, 36, 37, 38, 55, 56, 59, 60 e 62 e 100.

Cultura: 8, 10, 11, 14, 18, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 34, 35, 36, 38, 41, 42, 45, 48, 49, 50, 52, 55, 56, 57, 59, 61, 62, 65, 69, 70, 73, 74, 77, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 97, 98, 108, 109, 110, 117, 120, 122, 123, 124, 127 e 128.

Cultura Contemporânea: 22, 55, 57 e 120.

Cultura de Massa: 11, 50, 62, 83, 84, 90, 91 e 92.

Cultura Jovem: 41 e 48.

C

Decolonialidade: 120, 121 e 123.

E

Estética: 41, 42, 47, 69, 70, 108, 113, 114 e 127.

F

Fake News: 31, 32 e 38.

Futebol: 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91 e 92.

G

Gerações: 41, 42, 45, 48, 51, 52, 57, 99 e 109.

I

Identidade Cultural: 83, 84, 91 e 92.

Infodemia: 31, 36 e 38.

Intervenção Urbana: 120 e 121.

J

Juventude: 10, 48, 51, 52, 60, 61, 80, 95 e 96.

M

Mediações Culturais: 22, 24, 65, 66, 67 e 73.

Medicina das Plantas: 120, 123 e 126.

Memória: 41, 44, 46, 48, 51, 52, 58, 70, 74 e 91.

Memória Coletiva: 41, 44 e 46.

Mulheres: 13, 15, 35, 60, 87, 88, 120, 121, 122, 123, 126 e 128.

N

Nostalgia: 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49 e 53.

P

Política: 10, 12, 13, 23, 24, 27, 29, 32, 34, 36, 51, 59, 61, 65, 67, 70, 73, 83, 84, 86, 87, 90, 91, 110, 114, 116 e 123.

R

Redes: 8, 10, 13, 15, 16, 17, 24, 32, 36, 38, 42, 43, 48, 50, 51, 95, 97, 101, 106, 108, 110, 111, 117 e 118.

S

Sociedade de Massa: 27, 31, 35, 38, 50, 62 e 73.

Sociedade em Rede: 9, 41, 95, 109, 117.

Stranger Things: 41, 42, 44, 45, 46, 48 e 50.

T

Tecnologia: 17, 19, 67, 106, 107, 109, 110 e 111.

Teoria Barberiana: 65.

V

Virtualidade: 27, 58, 97, 98, 102, 106, 107, 108, 109, 111, 114 e 117.

ISBN: 978-65-86283-88-4



DOI: 10.35170/ss.ed.9786586283884